

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS, MEMÓRIA E
PATRIMÔNIO**

MESTRADO PROFISSIONAL

KELENN SOUZA LIMA

**BENZEDEIRAS: ENTRE O OFÍCIO DO CUIDAR, PATRIMÔNIO E
HIBRIDISMO CULTURAL**

GOIÁS-GO

2023

KELENN SOUZA LIMA

**BENZEDEIRAS: ENTRE O OFÍCIO DO CUIDAR, PATRIMÔNIO E
HIBRIDISMO CULTURAL**

Relatório técnico para apresentação à banca do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, Mestrado Profissional, da Universidade Estadual de Goiás – Campus Cora Coralina (PROMEP/UEG), como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Orientador: Prof. Dr. Cristiano Alexandre dos Santos.

GOIÁS-GO

2023



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo: Kelenn Souza Lima

Email: kelennlima.psi@gmail.com

Dados do trabalho

Título: **BENZEDEIRAS: ENTRE O OFÍCIO DO CUIDAR, PATRIMÔNIO E HIBRIDISMO CULTURAL**

Tipo:

Tese Dissertação

Curso/Programa: Estudos Culturais, Memória e Identidades e Patrimônio. _____

Concorda com a liberação documento

SIM NÃO

¹Período de embargo é de até um ano a partir da data de defesa.

Goiás, 29 de janeiro_de 2024.

Kelenn Souza Lima

Christiano Alexandre dos Santos

—
Assinatura autor(a)

Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

L732b Lima, Kelenn Souza.
Benzedeiras : entre o ofício do cuidar, patrimônio e hibridismo cultural [manuscrito] / Kelenn Souza Lima. – Goiás, GO, 2023. 116 f. ; il.

Orientador: Prof. Dr. Cristiano Alexandre dos Santos.
Relatório Técnico (Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2023.

1. Benzedeiras. 1.1. Patrimônio cultural. 1.2. Medicina popular. 1.3. Hibridismo cultural. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 398.1:61

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

KELENN SOUZA LIMA

**BENZEDEIRAS: ENTRE O OFÍCIO DO CUIDAR, PATRIMÔNIO E
HIBRIDISMO CULTURAL**

Relatório Técnico submetido ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG), Mestrado Profissional, para fins de (Exame de Qualificação/Defesa) como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História. Aprovada em 27 de novembro de 2023, pela Banca Examinadora composta pelos seguintes docentes:

Prof. Dr. Cristiano Alexandre dos Santos (UEG)
Orientador

Prof. Dr. Cristiano Vinícius de Oliveira Gomes (UFG)
Convidado

Prof. Dra. Kelley Cristina Carneiro (UEG)
Membro

Prof. Dr. Wilton de Araújo Medeiros (PROMEP-UEG)
Suplente

Goiás, 27 de novembro de 2023.

Grande Mãe

Mãe imaculada,

Mãe lua,

Mãe terra,

*Consagra com tua presença
os nossos caminhos de amor.*

Estende sobre nós

Teu manto de sabedoria e doçura.

Acende em nós

a chama de tua infinita misericórdia.

Esvazie nossa mente,

Ilumine nosso olhar

Purifica nosso ouvir

Para que possamos ser

Na verdade, ação

Na entrega, coração

Na palavra, união.

Estende carinhosamente

as tuas mãos sobre nossas mãos,

para que nosso toque

seja benção de Puro Amor.

Salve mãe que nos habita,

Nos transforma, empodera

Para que o amor

Se espalhe por toda terra!

Graças, mãe!

Desde o princípio Assim É

Nossa Uma Essência Divina.

Ave Maria

A Mãe de DEUS.

Letra: Liz Guarani Kaiowá

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à Força Maior que me criou e que habita dentro do meu coração.

Agradeço aos meus avós paternos e maternos, à minha mãe Delma Ferreira de Souza Lima, que me acolhe, me apoia e me socorre nos momentos de desafios, ao meu pai Celinandes Pimenta de Lima, pela paciência e generosidade em me ajudar, à minha irmã Julianne Souza Lima, por proporcionar alegria nos momentos em que me senti desanimada, ao meu marido Juliano Lacerda Siqueira, que me incentiva a cada dia a me desenvolver profissionalmente, que me acompanhou nas entrevistas, que me aconselha, me ajuda com a tecnologia e que acredita no meu potencial; e ao meu psicoterapeuta Rubens Bragarnich, que me segura quando quero desistir. Agradeço também ao professor Samuel Vaz, por me incentivar a fazer este mestrado; aos meus amigos e parentes, pela compreensão da minha ausência temporária.

Em especial agradeço à minha pequena, minha filha amada Valentine Lacerda de Souza, que me ensina todos os dias a ver a vida com alegria, a ser curiosa, amorosa e leve com os percalços que aparecem na jornada da vida, e principalmente por ela ter despertado em mim o ser mãe – que ama, que cuida e que também cura.

Agradeço ao meu orientador Cristiano Alexandre dos Santos, pela paciência, em me ensinar, pela tranquilidade em compreender as minhas dificuldades, pelo conhecimento e diplomacia em tratar um aprendiz com respeito e gentileza; agradeço também à professora Maria Dailza da Conceição Fagundes, pela compreensão e empatia; aos professores do PROMEP, que me proporcionaram um novo olhar para o mundo.

Enfim, agradeço os benzedores que me benziaram na infância: Tio Negrinho, Tia Tonha e Rosa. Agradeço às almas benzedoras com quem tive contato: Maria Bezerra, por ser gentil em intermediar as entrevistas com as benzedoras que atuam nas UBSs, e às benzedoras entrevistadas Sabrina Negri, Márcia Franco, M.D e Dona Joana D'arc, que me mostraram a graça do bem dizer, do acolhimento e a prestatividade em me atender.

RESUMO

O presente relatório técnico aborda o espectro da história das benzedeadas como patrimônio cultural imaterial, abrange a atuação na cultura popular e medicina popular e o resgate da memória e identidade. O objetivo central desta pesquisa é traçar uma linha do tempo que percorre o desenvolvimento dessa prática ao longo dos tempos até os dias atuais. Por séculos, o conhecimento relacionado ao benzimento foi transmitido de geração a geração, enraizando-se nas práticas e rituais na oralidade. Essa transmissão estabeleceu um vínculo fundamental entre as pessoas e suas heranças culturais, refletindo as profundas conexões entre tradição e comunidade. Entretanto, à medida que a sociedade moderna progrediu, novas formas de comunicação e educação entraram em cena, realizando um papel transformador nesse contexto. A pesquisa explora o modo como as benzedeadas, ao longo das épocas, adaptaram suas práticas às mudanças sociais e tecnológicas. E, ainda, como as benzedeadas contemporâneas encontraram maneiras de incorporar novas ferramentas, como mídias digitais e eventos culturais, para preservar e compartilhar suas sabedorias tradicionais. Nesse sentido, a pesquisa destaca não apenas a evolução do ofício das benzedeadas, mas também a resiliência e a habilidade de adaptação dessas figuras emblemáticas à medida que continuam a tradição ancestral em um mundo em constante transformação.

Palavras-chave: Benzedeadas; Patrimônio Cultural; Hibridismo Cultural; Atualidade.

ABSTRACT

This technical report addresses the spectrum of the history of healers as intangible cultural heritage, covering their work in popular culture and folk medicine and in the rescue of memory and identity. The central objective of this research is to draw a timeline that runs through the development of this practice over time until the present day. For centuries, knowledge related to blessings was transmitted from generation to generation, rooting itself in orally practices and rituals. This transmission established a fundamental link between people and their cultural heritage, reflecting the deep connections between tradition and community. However, as modern society progressed, new forms of communication and education entered the scene, playing a transforming role in this context. The research explores how healers, over time, have adapted their practices to social and technological changes. The research will verify how contemporary healers found ways to incorporate new tools, such as digital media and cultural events, to preserve and share their traditional knowledge. In this sense, the research highlights not only the evolution of the craft of healers, but also the resilience and adaptability of these emblematic figures as they continue the ancestral tradition in a world in constant transformation.

Keywords: Benzedadeiras; Cultural Heritage; Cultural Hybridity; Current Affairs.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Material promocional com relação de benzedores da Comunidade São Miguel das Missões/RS.....	57
Figura 2 Casas das benzedoras Alzira de Oliveira e Nelcinda Galvão, localizadas na Comunidade de São Miguel das Missões/RS.	58
Figura 3: Site do Grupo MASA.....	70
Figura 4: Linha do tempo referente ao desenvolvimento do MASA.	72
Figura 5: Post do Instagram	74
Figura 6: Post do Instagram	75
Figura 7: Benzimento em UBS.....	76
Figura 8: Post do Instagram	77
Figura 10: Post do Instagram	81
Figura 11: Retorno à comunidade virtual da quantidade de pessoas que enviaram e-mail solicitando benzimento virtual.....	82

LISTA DE FOTOS

Foto 01: Calendário de benzeções na Unidade Básica de Saúde na região Asa Norte em Brasília.	78
Foto 02: Momento de acolhimento, escuta e benzeção na UBS Asa Norte em Brasília-DF	83
Foto 03: No dia 24 de maio de 2023, na UBS Lago Norte em Brasília, 68 usuários do Sistema Único de Saúde foram atendidos com as benções das Almas Benzedeadas da Escola Almas Benzedeadas de Brasília. A autora que as acompanhou registrou fotos desse evento. Ao encerrar as benzeções, essas almas benevolentes compartilharam orações e expressaram profundos agradecimentos sinceros que disponibilizaram seu dom e tempo para acolher e auxiliar as pessoas.	84
Foto 04: Dispositivo de celular androide, com o aplicativo Video Player para reproduzir vídeos.....	90
Foto 05: Uma das imagens do vídeo, informando o botão play para iniciar o vídeo. E outros botões que avançam ou voltam o vídeo.....	91
Foto: 06:	93
Foto 07:	93

LISTA DE ABREVIATURAS

Art.	Artigo
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MASA	Movimento Aprendizizes da Sabedoria
PCT's	Povos e Comunidade Tradicionais
PICS	Práticas Integrativa e Complementares
SUS	Sistema Único de Saúde
UBS	Unidade Básica de Saúde
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – A CULTURA: ENTRE PATRIMÔNIO, HIBRIDISMO CULTURAL E MEMÓRIAS IDENTITÁRIAS	20
1.1 Patrimônio cultural e imaterial: conceitos e definições.....	20
1.2 Sincretismo Religioso: Fusão de Crenças Culturais religiosa durante a Colonização	26
1.3 Benzimento e Hibridismo cultural – A Fusão de Práticas Curativas Tradicionais em um Contexto Multicultural.....	32
1.3.1 O saber benzer: raízes europeias do benzimento.....	36
1.3.2 O saber benzer: raízes indígenas	38
1.3.3 O saber benzer: raízes africanas	42
1.4 Benzimento e a Herança Cultural das Mulheres: Explorando a Memória e Identidade das Benzedeiras	45
1.4.1 Benzedeiras: Memória e Identidade na Preservação Cultural.....	45
1.4.2 Da Descrição à Visibilidade – Impacto na Memória e Identidade Cultural	52
1.4.3 Mulheres no Ofício do Cuidado: Explorando o Papel das Benzedeiras na Promoção da Saúde e do Bem-Estar	59
1.4.4 O ofício de benzer – Benefício à Comunidade	63
CAPÍTULO 2 – METAMORFOSE DO BENZIMENTO: INTERSECÇÕES DA TRADIÇÃO COM A ATUALIDADE	68
CAPÍTULO 3 – BENZIMENTO COMO AGREGADOR DO HIBRIDISMO CULTURAL – LINHA DO TEMPO DO OFÍCIO DE BENZER	85
3.1 Apresentação e formato definido do produto.....	86
3.2 Público-alvo	88
3.3 O impacto esperado	89
CAPÍTULO 4 – PROPOSTA DE APLICAÇÃO DO PRODUTO	90
4.1 Manual de uso do Produto	90
4.2 Proposta de aplicação	92
4.3 Devolutiva para a Comunidade	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS	97
ANEXOS	105

INTRODUÇÃO

O tema do presente relatório técnico é o estudo sobre a identidade das benzedeadas, incluindo as práticas e saberes dessas mulheres que lidam diariamente com a arte de curar, benzer e rezar. Tal ofício situa-se, portanto, como representação do patrimônio cultural imaterial¹. Falar em benzedeadas é mergulhar em um universo cultural rico em detalhes e singularidades, visto que a busca do saber da cura pela benzeção refere-se a práticas populares vinculadas à religiosidade, ao sobrenatural e à cura pela fé.

O interesse pelo estudo sobre o tema das benzedeadas é estimulado pela relevância social e pelo protagonismo dessas mulheres, bem como pela experiência de vida da pesquisadora, ao presenciar desde a infância a atuação da avó materna como parteira e benzedeadas, e vê-la acolher e acompanhar as pessoas que a procuravam. Denota-se que tal relação se estabelecia a partir de vínculos baseados na confiança e empatia entre a referida benzedeadas e os membros da comunidade, fatores que não fogem da atuação da pesquisadora enquanto psicóloga, uma vez que é igualmente necessário criar este vínculo de acolhimento, escuta e busca da cura psicoemocional. Esta pesquisa trata de aspectos que pertencem à cultura popular e ao cuidado com o outro através do ofício do benzimento, que se cruza com paralelos pessoais no sentido de compreensão das raízes e ancestralidades da autora.

Nesse sentido, as reflexões aqui promovidas visam contribuir com o debate no meio acadêmico, ao mesmo tempo em que trazem à tona uma prática popular de cura que é intimamente relacionada ao pertencimento das ruralidades brasileiras. Desse modo, o trabalho propõe uma imersão histórica nos cotidianos, uma vez que, como ressalta Pedroso (1999):

Quem não vive as próprias raízes não tem sentido de vida. O futuro nasce do passado, que não deve ser cultuado como mera recordação e sim ser usado para o crescimento no presente, em direção ao futuro. Nós não precisamos ser conservadores, nem devemos estar presos ao passado. Mas precisamos ser legítimos e só as raízes nos dão legitimidade (p.9).

¹ Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A Constituição Federal de 1988, em seus artigos 215 e 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial (IPHAN).

Nesse contexto, através de uma memória individual, é possível estabelecer uma conexão com histórias já vividas por outras pessoas. Dessa forma, o ser humano pode ser considerado como ser criador de cultura e, simultaneamente, pertencente a ela, ou seja, o ser é formado pela sociedade e pela história e isso contribui para a construção de seus hábitos, atitudes, referências, comportamentos e sua visão de mundo.

Nessa conjuntura, Boas (2000) explica que a religião possui um papel fundamental como elemento cultural presente nos meios sociais, expressando crenças coletivas e fundamentos dogmáticos, que constituem fatores espirituais abstratos nas relações ideais entre indivíduos e suas crenças dentro de cada cultura. Para Durkheim, “[...] uma religião é um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas” (p. 32). Essa tem o potencial para reunir um conjunto de sujeitos que formam uma comunidade moral, assim “[...] a religião deve ser uma coisa eminentemente coletiva” (1996, p.32).

Durkheim (2000) argumenta que as categorias religiosas são fontes de conhecimentos, porque são a base para o pensamento humano e para construção do mundo social. Elas são as primeiras formas de conhecimento, pois, segundo ele, surgem antes do desenvolvimento da ciência e da filosofia, e são uma parte integrante da cultura humana. Além disso, Durkheim (2000) acredita que as categorias religiosas são frutos da representação coletiva, que é uma síntese das representações individuais. Isso significa que as crenças e práticas religiosas são moldadas pela cultura e tradições de uma sociedade, mas também refletem as crenças e valores dos indivíduos que compõem essa sociedade. Sobre essa discussão, Guerreiro elucida:

Somente a sociedade pode exercer esta ação que caracteriza a religião. A religião não surge após a formação do intelecto humano; ela ajuda a formá-lo. O homem aprendeu a pensar a partir de categorias religiosas. As categorias nasceram na e da religião. As categorias religiosas são a fonte do conhecimento, a primeira forma de conhecimento. As categorias permitem pensar o social, porém elas são fruto da representação coletiva que é síntese das representações individuais (2012, p. 19).

Ao analisar a obra de Émile Durkheim, Gabatz e Zeferino destacam que a questão religiosa tem um papel primordial na articulação social, pois: “[...]ela seria um produto social criado por indivíduos que agem e pensam de forma coletiva, interagindo e estabelecendo condições para que a vida em conjunto continue a existir (2017, p. 340). Os mesmos autores ainda consideram que religião e crenças possuem a

capacidade de estimular a vida social uma vez que expressam as diferenças formas de vivência coletiva.

Durkheim acrescenta que as representações coletivas, incluindo a religião, são essenciais para coesão e harmonia das sociedades. Essas representações são formadas pela interação entre indivíduos e grupos em uma sociedade, e incluem valores, normas, crenças e práticas compartilhadas.

As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que nascem apenas no seio dos grupos reunidos e que estão destinadas a suscitar, a manter ou a refazer certos estados mentais desses grupos (DURKHEIM, 2000, p. 21).

Assim a religião não é apenas uma questão de doutrina ou de instituições religiosas formais, mas também inclui crenças e práticas que são compartilhadas pelos membros comuns da sociedade. A religiosidade popular é uma parte integrante da vida social, de modo que as crenças e práticas religiosas são fundamentais para a coesão social.

Nesse cenário, é possível encontrar a prática do benzimento, a qual, por sua vez, está vinculada à religiosidade não formal, ou seja; falar de benzer e das benzedadeiras inter-relaciona a um tipo de religiosidade fora do eixo institucional e mais ligado ao que as ciências sociais convencionaram chamar de “religiosidade popular”. Trata-se de um termo mais complexo de ser conceituado que a religião “[...] tratando de uma vivência religiosa moldada mais pela tradição que pelo dogma” (ROCHA, 2010, p. 19). Os que mais vivenciaram a princípio a religiosidade popular foram as populações mais pobres, que viviam no interior do país, à beira mar, e os que trabalhavam nos campos.

A religiosidade popular é transmitida pela educação familiar, pelas sociabilidades e pela vizinhança. Tendo em conta que a religião é vivida no foro interior, pode escapar ao controle social ou principalmente do eclesial. A religiosidade popular constitui a verdadeira cultura religiosa dos povos e dos indivíduos. Temos também como características fundamentais da religiosidade popular o mágico, o simbólico e imaginativo, o místico, o festivo, o comunitário e o político. É necessário reconhecer que a religiosidade popular é sempre o Povo que desempenha o papel de protagonista. Trata-se de uma religiosidade gerida pelo povo (COELHO, 2017, p.15).

A religiosidade popular é uma parte essencial da cultura e das representações coletivas de uma sociedade. Ela reflete as crenças e as práticas compartilhadas pelos membros comuns da comunidade e desempenha um papel fundamental na coesão

social, na formação da identidade cultural e na preservação das tradições e costumes locais. Ela pode assumir muitas formas diferentes, incluindo festas, procissões, devoções a santos, oferendas e outras manifestações religiosas, que possuem um significado simbólico para a comunidade e são transmitidas de geração a geração².

A proximidade entre cultura, religiosidade popular e medicina popular é um vínculo poderoso que reflete uma abordagem sacralizada da cura, ou da busca dela, com fortes elementos mágico-religiosos. No contexto brasileiro, a medicina popular é o resultado de um processo de aculturação, no qual diferentes elementos doutrinários de diversas origens se encontram e se misturam. Esse processo dinâmico de aculturação ocorre quando grupos com culturas distintas se entrelaçam em contato contínuo, originando mudanças sociológicas importantes em um ou em ambos os grupos.

Falar sobre aculturação envolve compreender a adoção de elementos culturais externos a uma determinada prática cultural, relacionando-os às demandas internas dessa mesma prática. Segundo Ferretti, a teoria da aculturação foi desenvolvida entre 1930 e 1950 e indica um processo “[...] que resulta de contatos contínuos e duradouros entre grupos de culturas diferentes provocando mudanças nos padrões de um dos grupos ou de ambos” (2014, p. 16). Essa interpenetração pode afetar os diferentes aspectos de uma ou de outra comunidade. O Brasil recebeu ao longo de sua história representantes de diferentes origens culturais e tornou-se um espaço de convivências e de interações ativas, aos quais proporcionaram variadas manifestações, inclusive no campo das práticas médicas.

Conforme ensina Camargo (2016), no caso da medicina popular brasileira, ocorreu uma mistura tão intensa entre as técnicas utilizadas pelos portugueses, indígenas e africanos que é difícil distinguir o que é puramente indígena, africano ou europeu.

A contribuição do pajé ameríndio, dos africanos e dos europeus fundiu-se de tal maneira que a identificação individual de suas influências se torna compreensiva nos dias de hoje. Ainda Segundo Camargo (2011), a formação histórica brasileira deriva essencialmente das práticas mágico-religiosas, uma vez que aqui se difundiu

² Catolicismo popular é entendido neste texto como o conjunto das práticas devocionais ligadas ao culto aos santos, participação em romarias, organização de novenas, procissões, prática de promessas e bênçãos, realização de festas de padroeira, de santos e em homenagem à figura da Trindade Santa, e claro, práticas de benzimento e mesmo de medicina popular.

um perfil teúrgico da medicina, que, por sua vez, tem sua herança nas formas de práticas dos médicos seiscentistas portugueses, os quais se guiavam por um catolicismo punitivo, cujas origens se situam na vida monástica, lugar onde os doentes eram atendidos:

Foi essa medicina que se fez chegar ao Brasil através do trabalho da catequese jesuítica, disseminando preceitos religiosos e neles as ideias sobre a doença como castigo divino e a morte a vontade de Deus (HERSON, 1996). Redimir-se perante a Igreja dos pecados que levavam os indivíduos a adoecer era costume corrente, visando a recuperação da saúde ou salvação da alma. Eram situações propícias para a introdução de ideias voltadas às curas pela intercessão de Jesus, Virgem Maria e de santos junto a Deus (HERSON, 1996, p. 6).

É interessante notar que o conceito de aculturação é apresentado por Néstor García Canclini (2007), o qual utiliza de terminologias da biologia para apresentar o conceito de hibridismo cultural, cujo significado aproxima-se da aculturação. Segundo ele, o hibridismo ocorre quando duas (ou mais) culturas previamente distintas fundem-se, abrangendo aspectos culturais, sociais, políticos ou psicológicos. Esse processo de hibridização afeta diretamente a produção e reprodução de bens simbólicos, gerado em uma nova configuração cultural.

No entanto, o objetivo de Canclini não é simplesmente determinar se uma cultura é híbrida ou não, mas compreender os processos de hibridização cultural e como a sociedade se apropria e utiliza deles. “É importante destacar que existem limitações nesse processo, uma vez que há culturas que resistem ou não desejam ser híbridas por motivos diferentes” (CANCLINI, 2007, p.40).

Em suma, nesse texto, parte-se do argumento de que a medicina popular no Brasil tal como é praticada pelas benzedeadas e mesmo seus processos representativos de religiosidade são exemplos vivos de aculturação e hibridização cultural. A influência de diferentes tradições culturais e religiosas moldou suas práticas e crenças, amalgamando práticas de medicina sacralizadas e profundamente enraizadas no contexto sociocultural formativo brasileiro. O estudo desses fenômenos nos permite compreender as complexidades da cultura e da religiosidade popular, bem como a dinâmica de transformação e ressignificação cultural que ocorre no país (CAMARGO, 2011, p.42).

A medicina popular e o benzimento são decorrentes dos sistemas de crença envolvidos no processo histórico e possuem diferentes categorias de protagonistas

com suas designações próprias, tais como: “[...] curandeiros, benzedoras, rezadores, raizeiros, pais e mães-de-santo, mestres catimbozeiros, juremeiros, pajés urbanos e pajoas, entre outros (CAMARGO, 2011, p.42).

Em geral, medicina popular e benzimento são vistos pelas comunidades como práticas tradicionais, e seus modos de transmissão são também geralmente feitos através da oralidade e do gestual, através do “[...] ouvir-falar e ver-fazer que se dá por meio da família ou vizinhança” (PORTUGAL, 2006, p. 13). Queiroz e Cascudo (1995) dizem-nos que:

A medicina popular se manifesta, principalmente, em duas áreas diferentes e que por vezes se complementam: a medicina caseira, baseada principalmente na utilização de preparados a partir de plantas medicinais, e a medicina religiosa fundamentada principalmente na prática do benzimento. A medicina religiosa é uma área extremamente importante e complexa no contexto das práticas populares de cura. Esta, a exemplo da medicina clássica ocidental, tem seus próprios agentes como, os curandeiros, rezadores, benzedores que são procurados para restaurar a saúde das pessoas que a ela recorrem (apud: SGANZERLA, 2021 et. al, p.4).

A interligação entre a medicina popular e o ato de benzimento se desenvolve por meio das crenças e rituais de religiosidade popular, cujo propósito é estabelecer vínculos com o divino para obter proteção e cura. De acordo com Santos (2013, p.32), a medicina popular se sustenta em saberes tradicionais e empíricos, incluindo a utilização de plantas medicinais e outras abordagens terapêuticas transmitidas de uma geração à próxima. Por outro lado, o ato abençoador (ou benzimento) constitui uma prática religiosa que convoca forças divinas para conferir bênçãos a uma pessoa, objeto ou local, com o intuito de afastar adversidades e invocar proteção divina (OLIVEIRA, 1985, p.55).

Em seus estudos sobre benzimento, Camargo (2011) traz uma definição sobre a questão da medicina popular que nos mostra a maneira pela qual podemos inter-relacionar as duas temáticas ora aqui citadas:

A medicina popular, tal como tratamos neste estudo, define-se como um sistema médico, por envolver, basicamente, técnicas de diagnóstico e interpretações etiológicas, como as determinantes das terapêuticas a serem aplicadas às questões que envolvem saúde física, mental e espiritual. Esta medicina, calcada em ideias e valores ditados pelo consciente coletivo, tem seus conhecimentos transmitidos por meios predominantemente orais. Com base no conhecimento empírico acumulado, desenvolvido através de uma dinâmica própria, as práticas médicas populares vão se adequando às realidades que o tempo histórico vai delineando; segundo os diferentes contextos socioculturais, nos quais se inserem. Seu vínculo com elementos doutrinários de cunho religioso, de diversas origens, nos faz entendê-la como

uma medicina sacralizada, de contorno nitidamente mágico-religioso. (CAMARGO, 2011, p.41)

Por seu turno, Chagas (et al., 2007) nos diz que o benzimento consiste na realização de uma oração com o objetivo de proteger e manter a saúde e o equilíbrio emocional de quem busca este tipo de recurso. Marin e Scorsolini-Comin (2017) colaboram com a definição da seguinte forma:

A benzeção pode ser caracterizada como uma atividade principalmente terapêutica, a qual se realiza através de uma relação dual entre cliente e benzedor. Nessa relação, a benzedeira exerce um papel de intermediação entre o sagrado e o humano objetivando a cura, e essa terapêutica tem como processo principal o uso de algum tipo de prece. Trata-se de práticas que incidem sobre o corpo físico e espiritual, relacionadas à cura e promoção do bem-estar, administradas por pessoas que possuem conhecimentos formais e informais acerca dessas práticas, muitos dos quais transmitidos pela tradição oral (p. 447-448).

Marin e Scorsolini-Comin (2017) destacam a importância das benzedeiros na prática do benzimento. Segundo os autores, as benzedeiros são figuras centrais na transmissão e manutenção dos conhecimentos e práticas do benzimento, uma vez que são elas que detêm os saberes materiais e imateriais sobre rezas, orações e gestos necessários para realizar a benção. As benzedeiros, em geral, são mulheres idosas que adquiriram seus conhecimentos através da tradição oral e da experiência prática, e muitas vezes são procuradas pelas pessoas da comunidade em busca de cura e proteção.

Assim, o benzimento é uma prática que consiste em abençoar, solidarizando-se ao mesmo tempo com os deuses e com os sujeitos socializados, “[...] suplicar aos santos para que eles produzam benefícios concretos aos homens (OLIVEIRA, 1985). Fundamentados em contribuições indígenas, africanas e europeias, os rituais de benzimento trazem elementos da medicina popular associados a traços religiosos. Elda Rizo de Oliveira descreve as benzedeiros como:

Geralmente uma mulher casada, mãe de alguns filhos, pobre, que conheça rezas, ervas, massagens, cataplasmas, chás e simpatias, que tenha um quê de mistério, que lide com a magia, feitiçaria e bruxaria. E essa imagem corresponde àquilo que é a benzedeira. Ela é tudo isso e um pouco mais. Ela é uma cientista popular que possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular (OLIVEIRA, 1985, p.25).

Detentoras de um saber milenar, as benzedeiros estão saindo das margens e se apropriando a cada dia dos seus conhecimentos; o ofício de benzer, que antes era

passado de geração a geração, como uma manifestação de um dom e aprendizado informal, vem sendo reconhecido pela IPHAN como Patrimônio Cultural Imaterial, e passa agora a ser organizado de forma curricular, com ofertas, inclusive, de cursos preparatórios e busca por reconhecimento e introdução no Sistema Único de Saúde, cabendo, então, ao ofício de benzer uma manifestação identitária pessoal, diferenciando-se de sua organização histórica inicial.

Como os estudos sobre benzedeadas podem partir de diferentes campos epistemológicos, tais como a antropologia, a sociologia, a história e a psicologia, a complexidade do tema gera diferentes abordagens e debates que ultrapassam o campo científico, é necessário atender aos objetivos e exigências da estrutura de escrita acadêmica, identificando o alcance e os limites do conceito sobre o que seja benzer. Segundo Celina Cunha, o estudo sobre este objeto “[...] perpassa por caminhos da cultura, religiosidade e medicina populares, na tentativa de compreender a origem, formação e permanência dessas práticas” (2018, p.16).

Diante disso, a produção desta pesquisa vem sendo orientada pelo seguinte problema: no processo identitário quem são e quem serão as benzedeadas na atualidade? Dessa forma, o objetivo geral do presente trabalho é compreender a construção identitária daquelas que se ocupam do lugar de benzimento, um importante espaço na cultura e no imaginário social popular. Nesse contexto, propomo-nos a averiguar a construção da identidade de benzedeadas no Estado de Goiás e no Distrito Federal.

Por conseguinte, a pesquisa tem como objetivos específicos: analisar a construção histórica e conceitual da benzeção no Brasil; identificar no contexto histórico-cultural como se deu a perpetuação e preparação do ofício de benzer, e, de forma complementar ao objetivo geral, investigar dentro do processo de construção identitária quem são as benzedeadas hoje que atuam nos Estados de Goiás e Distrito Federal, e ainda, como o saber e ensino do ofício de benzer estão sendo repassados. Por fim, buscamos compreender como o ofício de benzedeadas foi reconhecido como Patrimônio Cultural e Imaterial pelo IPHAN.

Para a realização desta pesquisa, trabalhar-se-á com fontes primárias e secundárias, dando-se ênfase à história oral e cultural. A pesquisa se utiliza de fontes orais, levantamentos bibliográficos e entrevistas pré-estruturadas. Metodologicamente, as categorias conceituais de maior destaque são: história cultural, patrimônio cultural, memória, imaginário, medicina popular e religião.

Nessa perspectiva, entende-se que investigar ainda mais as raízes e os relatos sobre as benzedeadas é de grande importância social, levando em consideração que esta prática é mantida viva em diversas comunidades até nos dias atuais. Assim, nesta pesquisa, pretende-se trazer uma reflexão sobre a importância histórica das benzedeadas no Brasil, as quais desempenharam um trabalho fundamental na preservação dos saberes populares sobre a cura e a medicina natural, além de enfatizar a contribuição dessas “guardiãs da memória” e dos conhecimentos tradicionais nos espaços e comunidades em que estão inseridas. Ainda, é importante destacar a relevância das benzedeadas atualmente, pois elas mantêm viva essa tradição, adaptando-a às necessidades e demandas das comunidades contemporâneas. Nesse sentido, é necessário reconhecer e valorizar a importância dessas práticas populares de cura e bênção, que representam uma forma de resistência cultural e de conexão com as raízes e identidade dos povos tradicionais.

Participaram desta pesquisa as benzedeadas: as senhoras Mel Duarte e Joana D’arc Miranda, ambas residentes de Goiânia; Sabrina Negri e Márcia Franco, ambas residentes em Brasília. As audições foram realizadas em suas casas e nos locais onde se dá a prática do benzimento, conduzidas em ambiente urbano nas referidas capitais.

O presente relatório técnico é constituído por quatro capítulos, distribuídos da seguinte forma: Capítulo 1 – **A Cultura: Entre o Patrimônio, o Hibridismo Cultural e as Memórias Identitárias**, que apresenta as discussões teórico-metodológicas e a apresentação do bem cultural pesquisado. Capítulo 2 – **Metamorfose do Benzimento: Intersecções da Tradição com a Atualidade**, que descreve as mudanças do benzimento no decorrer das épocas e como este ofício tradicional está transitando na atualidade. Capítulo 3 – **O benzimento como agregador do Hibridismo Cultural**, em que apresentamos uma linha do tempo do benzimento e abordamos o formato definido do produto, o público-alvo, a animação em vídeo e, por fim, o impacto esperado na comunidade. Capítulo 4 – **Proposta de aplicação do produto**, no qual focamos na Proposta de Aplicação do Produto, apresentamos o Manual de Uso do Produto e a proposta de aplicação na comunidade e, finalmente, discutimos como ocorreu a devolutiva para a comunidade escolar.

CAPÍTULO 1 – A CULTURA: ENTRE PATRIMÔNIO, HIBRIDISMO CULTURAL E MEMÓRIAS IDENTITÁRIAS

1.1 Patrimônio cultural e imaterial: conceitos e definições

Partimos do princípio de que o ofício das benzedeadas é um bem cultural e que pertence ao campo do patrimônio cultural imaterial.

Compreender o conceito de patrimônio cultural imaterial envolve a observação de elementos tangíveis e intangíveis que formam a identidade de uma comunidade, grupo, povo. A análise de conceitos e definições nesse domínio é crucial para delinear a importância de proteger as tradições, práticas, conhecimentos e expressões que são transmitidas de geração a geração.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) descreve patrimônio cultural imaterial como:

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários, que abrigam práticas culturais coletivas) (IPHAN, 2020).

De acordo com o estudo de Chuva (2023), um bem cultural adquire status de patrimônio quando se associa a ele significados que o transformam em um ponto de referência para um grupo específico, cuja identidade se expressa nesse bem, estabelecendo assim um vínculo entre todos os integrantes desse coletivo. Nesse sentido, o patrimônio é sempre fundado em uma poderosa carga ouvida, que se manifesta no plano imaterial e intangível.

Arantes (2001) desenvolve o questionamento a respeito de como os processos de construção da memória social e do patrimônio cultural são capazes de estabelecer referências afetivas e cognitivas compartilhadas, que, por sua vez, delimitam tanto a continuidade quanto as mudanças sociais. Esse entrelaçamento de significados contribui para a formação de representações individuais e coletivas, bem como para a idealização de projetos futuros. Vale ressaltar a pertinência de discernir os conceitos de “memória” e “patrimônio”, apesar da impossibilidade de realizar essa ação de maneira rígida e absoluta.

Dessa forma, a memória social se refere aos agentes e práticas intrínsecos à sociedade civil, enquanto o patrimônio emerge como resultado de um intrincado e dinâmico processo de negociação. Essa negociação engloba uma articulação essencial entre o âmbito local e esferas políticas e sociais mais amplas, com destaque para a presença do Estado. Essa abordagem contempla tanto instituições governamentais quanto não governamentais, incluindo entidades acadêmicas e administrativas, assim como interesses públicos e empreendimentos privados.

O reconhecimento da natureza ambivalente e potencialmente conflituosa do patrimônio (enquanto realidade que é, a um só tempo, interna e externa aos grupos sociais) é um ponto de partida essencial para compreender o seu papel e o seu significado nos processos de construção de identidades, que são subjacentes à formação de hegemonias e culturas nacionais, à construção de nações e, sobretudo, do pertencimento (ARANTES, 2001, p.53).

Conforme destacado pelo autor, essa ambivalência encontra-se enraizada no próprio conceito de patrimônio, emergindo do conflito entre os valores internos e externos atribuídos àquilo que se almeja preservar.

O conceito de Patrimônio Histórico Cultural foi sofrendo diversas alterações ao longo do tempo (TELLES, 2007). Isso ocorreu sob influências externas, principalmente pelas cartas internacionais a respeito desse assunto, bem como pelos debates ocorridos na comunidade cultural brasileira nas décadas de 1970 e 1980 do século passado e da instalação da Constituinte Brasileira, que segundo Rodrigues (2006), teve um papel essencial na formação do atual conceito brasileiro de patrimônio cultural:

A instalação da Constituinte Brasileira no final dos anos 80 foi também um marco considerável na construção do atual conceito de patrimônio cultural, uma vez que as forças dos partidos de esquerda, dos grupos intelectuais e dos órgãos de cultura juntaram-se para construir um conceito de patrimônio cultural de conteúdo mais dinâmico, mais vivo, mais popular e, acima de tudo, que favorecesse o exercício da cidadania, processo que vinha sendo construído desde os anos 70 (RODRIGUES, 2006, p. 11).

Nesse cenário, ganha destaque o artigo 216 da Constituição Federal de 1988, o qual estabeleceu uma definição abrangente de patrimônio cultural: “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individuais ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Esse projeto conceitual do patrimônio cultural foi ainda mais ampliado com a introdução desse dispositivo

constitucional. Reisewitz oferece uma perspectiva esclarecedora sobre esse tema, afirmando que:

com a Constituição Federal de 1988, o conceito de patrimônio cultural sofreu sua mais significativa ampliação no que diz respeito à materialidade ou imaterialidade dos bens culturais tutelados, indo de encontro à própria concepção atual que se tem de cultura e ao contrário do Decreto-lei n. 25/1937 e da Convenção Relativa à Proteção do Patrimônio Cultural e Natural Mundial, que prestigiaram apenas os bens materiais (REISEWITZ, 2004, apud TELLES, 2007 p. 45).

A compreensão do patrimônio cultural transcende seu aspecto tangível (corpóreo), abrangendo também os aspectos intangíveis (incorpóreos). Diante dessas circunstâncias, emerge a distinção entre o conceito de Patrimônio Cultural Material e Imaterial (TELLES, 2007).

De acordo com Lévi-Strauss, essa divisão entre patrimônio cultural material e patrimônio cultural imaterial “[...] não aparece mais como duas áreas separadas, mas como um conjunto único e coerente de manifestações múltiplas, complexas e profundamente interdependentes dos inúmeros componentes da cultura de um grupo social” (2001, p. 24).

A dimensão material é, segundo Telles (2007), a parte mais notória do patrimônio cultural. Seria, fazendo uma analogia com o fenômeno humano, o equivalente ao corpo, enquanto a dimensão imaterial do patrimônio seria a alma de uma comunidade. Ele ainda relata que “[...] patrimônio cultural material, atualmente, é muito mais que grandes prédios; é, principalmente, o significado que um bem carrega” (TELLES, 2007, p. 46).

Assim, podem existir bens materiais tanto móveis como imóveis. São exemplos de patrimônio cultural material: os Arcos da Lapa, no Rio de Janeiro; as Jarras de Louça de Cachoeira, na Bahia; o Passeio Público, na capital cearense; e as dezesseis imagens, representando a morte de Nossa Senhora, em Canguaretama, Rio Grande do Norte (TELLES, 2007).

No caso da dimensão imaterial, esta categoria possui características diferenciadas de sua versão material, especialmente no que se refere ao tipo de patrimônio. Destacam-se a “dinamização do bem imaterial” (uma vez que o patrimônio imaterial sofre constante mutação em virtude dos elementos inovadores que são incorporados em seu aspecto) e a “intangibilidade” (a natureza incorpórea do bem), apesar de se manifestar, quase sempre, materialmente (SILVA, 2013).

O patrimônio cultural imaterial foi definido na Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial (*online*), aprovada pela Unesco em 17 de outubro de 2003:

Entende-se por 'patrimônio cultural imaterial' as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhe são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2006).

Em sua pesquisa, Cunha (2004) descreve os elementos componentes e formadores do patrimônio imaterial, citando exemplos bastante ilustrativos:

As formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas e demais atividades possuidoras de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira compõem o patrimônio imaterial. Assim, nossas línguas e danças, canções, músicas, celebrações, nosso artesanato, literatura, artes plásticas, cinema, televisão, humor, cozinha e o nosso próprio modo de ser e interpretar a vida formam o patrimônio imaterial (CUNHA, 2004, p.119).

Nesse cenário, à luz dos conceitos e definições ligados aos patrimônios, ao longo dos anos, comemoraram-se políticas públicas que, ao se desenvolverem, levaram algumas intenções a assumir um papel de referência até então inédita (OLIVEIRA, 2021). A documentação, o inventário e a supervisão emergem como meios de resguardar o patrimônio cultural imaterial brasileiro, conforme estabelecido na Constituição, e essas ferramentas também encontram aplicação no âmbito do patrimônio cultural material (TELLES, 2007).

Com a edição do Decreto nº. 3.551 de 04 de agosto de 2000, que concretizaria as propostas enunciadas na Carta Constitucional de 1988, ampliava-se de forma crucial o papel a ser desempenhado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Desde então foi instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que viria a constituir o Patrimônio Cultural Brasileiro e sua preservação.

O conceito de Patrimônio Imaterial considera a vida social das pessoas, pertencentes a comunidades tradicionais, que têm a transmissão oral como principal meio de repasse de conhecimento de formas de expressão e saberes. A Unesco define como Patrimônio Imaterial as práticas, representações, expressões,

conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio (NASCIMENTO; AYALA, 2013). Segundo a IPHAN, esse conceito também pode ser descrito como:

Os Bens Culturais de Natureza Imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) (IPHAN, 2000).

Com a edição do decreto 3.551/2000 do IPHAN foi criado o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial. É observado em seu artigo primeiro, a partir dos seus Livros de Registro, uma ideia abrangente e significativa do que poderiam ser elencados como bens de natureza imaterial (OLIVEIRA, 2021):

Artigo 1º – Fica instituído o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.

§ 1º Esse registro se fará em um dos seguintes livros: (I) Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades; (II) Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social; (III) Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas; (IV) Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

§ 2º A inscrição num dos livros de registro terá sempre como referência à continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira.

§ 3º Outros livros de registro poderão ser abertos para a inscrição de bens culturais de natureza imaterial que constituam patrimônio cultural brasileiro e não se enquadrem nos livros definidos no parágrafo primeiro deste artigo (BRASIL, 2000).

As rezas populares se apresentam nessa perspectiva como exemplos de Patrimônio Imaterial, pois fazem parte de um campo do saber que produz um arcabouço histórico e antropológico religioso, constituindo-se numa prática social que apresenta ensinamentos e domínios específicos, além de apresentar uma contribuição dentro das comunidades tradicionais (NASCIMENTO; AYALA, 2013).

Assim, de acordo com o decreto 3.551/2000 do IPHAN, o ofício de benzer é reconhecido como cultura imaterial, o que promoveu o fortalecimento dessas práticas. Pesquisas apontam que muitas benzedeadas se sentiam desconfiadas e inseguras perante as suas comunidades, fato que vem mudando após os registros realizados

pelo IPHAN. Outra informação relevante que precisa ser apontada é que ao tratar de patrimônio imaterial não podemos esquecer que as benzedeadas são *bens vivos*, sujeitos a mudanças e reorganização constantes, expressos através de ações culturais de base oral, de lembranças relatadas pelos mais velhos e que fazem parte da diversidade cultural brasileira (NASCIMENTO; AYALA, 2013).

A respeito da realização dos Registros das referências culturais, o IPHAN utiliza a ferramenta de “inventário”, que tem como objetivo “encontrar, identificar e descrever de forma acurada cada bem considerado, de modo a permitir a sua adequada classificação” (FONSECA, 2000, p. 28). Além disso, o Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) é uma metodologia adotada pelo IPHAN para registrar a cultura de natureza imaterial e contempla as categorias: Lugares, Celebrações, Saberes e Expressões (SANTOS, 2009).

Destaca-se ainda que no processo de registro de um determinado bem cultural, a grande discussão diz respeito a como manter uma memória viva, e não um evento morto. Essa preocupação é recorrente no parecer do “Registro do Ofício das Paneleiras de Goiabeira/ES”, expedido por Duarte (2002) e que aqui se usa como exemplo. O autor enfatiza ainda que “o que torna um bem digno de ‘registro’ é o fato de estar animado de um ‘espírito’” (DUARTE, 2002, p. 5). Assim, se o registro é um instrumento que tem como principais objetivos a valorização e a manutenção dessa manifestação cultural, é mais que necessário evitar que ele produza efeito oposto, ou seja, que essa manifestação tenha o engessamento da prática que se pretende preservar, como, por exemplo, a cultura das benzedeadas.

O patrimônio cultural imaterial é um reflexo da riqueza cultural de uma sociedade, abrangendo práticas, tradições e saberes transmitidos ao longo das gerações. No contexto brasileiro, as benzedeadas desempenham um papel significativo como detentoras desse patrimônio. Essas mulheres, muitas vezes anônimas, são guardiãs de conhecimentos ancestrais e práticas de cura que se entrelaçam com o sincretismo religioso presente em nossa história. As benzedeadas não apenas representam a continuidade das tradições populares, mas também exemplificam como as fronteiras entre as religiões se fundem, promovendo um sincretismo único no Brasil, no qual elementos do catolicismo, espiritualidade indígena e africana se entrecruzam na busca pela saúde e bem-estar.

1.2 Sincretismo Religioso: Fusão de Crenças Culturais religiosas durante a Colonização

O Brasil é reconhecido mundialmente por sua notável diversidade cultural e espiritual, em que o sincretismo religioso desempenhou um papel crucial na construção da identidade religiosa do país. A história do Brasil é marcada por encontros e fusões de culturas e discussões diversas, dando origem a um sincretismo religioso único e dinâmico.

O sincretismo religioso no Brasil tem suas raízes nos tempos coloniais, quando os povos indígenas, os africanos trazidos como escravos e os colonizadores europeus conviveram e, muitas vezes, adaptaram suas referências religiosas. Esse contexto de intercâmbio cultural levou ao surgimento de várias tradições sincréticas que ainda hoje são praticadas.

Em seu artigo sobre *Sincretismo e Hibridismo Cultural* (2014), Sergio Ferreti realiza uma análise das perspectivas de diversos autores sobre o conceito de sincretismo. Para Ferreti, embora muitos o rejeitem, o conceito de sincretismo continua em vigor entre pesquisadores, demonstrando sua relevância no estudo da religião e de outras dimensões da realidade social.

Segundo Ferretti, diferentes pesquisadores têm posição diversificada a favor ou contra um ou outro conceito. “Sincretismo passou a ser identificado com a dominação colonial e por isso considerado por muitos como ultrapassado” (2014, p.16).

Um dos pioneiros sobre sincretismo foi Herskovits (1969), com estudos afro-americanos para analisar o sincretismo. Ele definiu o sincretismo como uma forma de reinterpretar a cultura, enfatizando aspectos da mudança cultural, juntamente com transformações de valores entre as gerações. Além disso, ele apresentou exemplos relacionados com as religiões afro-brasileiras.

De acordo com Stewart (2005, p. 264), ao analisar a evolução do conceito de sincretismo, observamos que este passou a carregar conotações tanto positivas quanto negativas, que perduraram ao longo do tempo. O autor também destaca que durante a década de 1950, na antropologia norte-americana, os termos aculturação e sincretismo eram usados de forma a avaliar de maneira positiva os níveis de integração entre culturas distintas.

Na década de 1960, o conceito de aculturação sofreu duras críticas nas Ciências Sociais, sendo acusado de não abordar especificamente a dominação e o colonialismo. Esse período marcou o declínio da relevância do conceito de sincretismo, que passou a ser considerado ultrapassado e foi substituído por novos conceitos e teorias.

Apter (2005) apresenta várias críticas às suas análises sobre o sincretismo nas religiões afro-americanas. No entanto, ele repensa o sincretismo na diáspora africana como uma prática crítica e revisionista, capaz de reconfigurar os discursos dominantes com consequências significativas. Ele destaca o Haiti como a ilustração mais marcante dessa forma de resistência, e com argumento de que:

O catolicismo do vodun, do candomblé e da santeria, não é uma máscara para esconder a adoração de divindades africanas da perseguição. Representa a religião dos senhores, transformada e apropriada pelos escravos, aproveitando seus poderes no universo do discurso. [...] Quero ressaltar que o sincretismo envolve necessariamente tanto a destruição quanto a reconstrução e, portanto, é intrinsecamente político (FERRETTI, 2014 apud APTER, 2005, p. 178-179).

Durante o período entre as décadas de 1950 e 1970, Roger Bastide, um dos eminentes nos estudos afro-brasileiros, concentrou sua atenção na preservação do que ele considerava a pureza dentro do candomblé baiano, em contraposição à percepção de desintegração e mistura que ele associava à macumba e à umbanda. Em diversos de seus trabalhos, Bastide (1971) abordou o conceito de sincretismo, que posteriormente substituiu pela ideia de "interpenetração de civilizações". Sua influência desencadeou uma mudança no foco dos estudiosos das religiões afro-brasileiras, levando-os a abandonar o interesse pelo sincretismo em prol do reconhecimento da chamada "pureza africana". Essa mudança de ênfase valorizava grupos religiosos considerados mais tradicionais, puros e não sincretizados, que eram vistos como preservadores das tradições africanas.

O antropólogo Serra (1995) dedica extensa discussão à complexidade do sincretismo, com um foco especial na Bahia. Ele não compartilha da visão de que se trata meramente de uma mistura confusa de crenças heterogêneas, principalmente relacionada ao uso de símbolos e rituais católicos pelas religiões afro-brasileiras. Em vez disso, ele propõe:

[...] que se chame de 'sincretismo', em sentido estrito, a todo processo de estruturação de um campo simbólico-religioso "interculturalmente"

constituído, correlacionando modelos míticos e litúrgicos ou gerando novos paradigmas dessa ordem que assinalem expressamente outros [...] de maneira a ordenar novo espaço intercultural (SERRA, 1995, p. 197-198, apud FERRETTI 2014, p 18).

Segundo o autor, é observado que a maioria dos seguidores das religiões afro-brasileiras argumentam a conexão de seus rituais com o culto católico, uma perspectiva que é rejeitada tanto pela Igreja Católica quanto por certos líderes do candomblé. Serra argumenta que, em sua opinião, “a religião dos orixás não é mais sincrética do que o catolicismo” (1995, p. 286, apud FERRETTI 2014, p.18).

De acordo com Consorte (1999), o debate sobre o sincretismo limitou-se inicialmente aos círculos acadêmicos e à Igreja. No entanto, o que se destacou como uma mudança significativa ocorreu na década de 1980, quando começou a abranger também a comunidade do candomblé na Bahia e a ganhar espaço nos meios de comunicação de massa.

A autora ressalta que o sincretismo está intrinsecamente ligado ao processo de integração do negro na sociedade brasileira e, conseqüentemente, à [re]construção de sua identidade. Esse interesse não se restringe apenas aos meios acadêmicos e à Igreja, mas também se tornou fundamental para uma compreensão mais ampla da história cultural e social do Brasil.

Consorte (2010) examina a persistência do sincretismo no candomblé, mesmo após o Manifesto de 1983 das ialorixás baianas, que se posicionaram contra essa prática. É evidente que o sincretismo ainda é uma realidade em muitos terreiros tradicionais da Bahia, visto que o catolicismo foi adotado como uma estratégia de integração do negro na sociedade brasileira, sendo, portanto, mais do que uma simples fachada passageira.

No entanto, a autora também observa que o movimento antissincretista emerge como parte do despertar da consciência sobre a opressão e a exclusão enfrentadas pelo negro. Essa perspectiva ganhou espaço em terreiros tanto em Salvador como em outros Estados do Brasil, e ficou conhecida como "reafricanização", simbolizando a luta do negro contra a exclusão. É importante notar que as religiões afro-brasileiras continuam a enfrentar o estigma, que é agravado atualmente pela intolerância das religiões neopentecostais.

Prandi (1999) categoriza a história das religiões afro-brasileiras em três fases distintas: o período inicial de sincretização, seguido pelo período de branqueamento,

marcado pela formação da umbanda nas décadas de 1920-30, e, finalmente, o período de africanização, que teve início a partir de 1960, caracterizado pela transformação do candomblé em uma religião com alcance mais universal.

Só recentemente, segundo o autor, elas começaram a se desligar do catolicismo. Afirma que o movimento de africanização do candomblé procura desfazer o sincretismo com o catolicismo e recuperar elementos rituais perdidos na diáspora, além de reaprender a língua ioruba (PRANDI, 1999, p. 97 apud FERRETTI, 2014, p. 17).

Silva (1999) abordou as características da dessincretização ou reafricanização em certos segmentos do candomblé, destacando a influência da etnografia e do conhecimento acadêmico na construção da identidade dos grupos afro-religiosos em nossa sociedade. Ele argumenta que as etnografias realizadas nos terreiros mais renomados desempenham um papel fundamental ao contribuir para a preservação e valorização das tradições (SILVA, 1999, p. 151, apud FERRETTI, 2014, p. 19).

Sanchis (1995) propõe uma abordagem inovadora em relação ao conceito de sincretismo, que vai além da definição comum de mistura de elementos de duas ou mais religiões. Ele argumenta que a discussão sobre sincretismo atingiu um estágio de saturação, e é hora de compensar o conceito, de maneira semelhante à forma como Claude Lévi-Strauss reformulou o conceito de totemismo.

Sanchis (1995) identifica várias posições antagônicas em relação ao sincretismo, destacando as controvérsias teóricas que surgiram ao longo dos anos. Estas incluem: a inexistência de sincretismo; sincretismo como categoria ideológica; caráter vazio do conceito; aceitação descritiva. A proposta de Sanchis (1995) envolve uma transposição de nível conceitual, buscando compensar o sincretismo de maneira mais aprofundada. Isso implica ir além das definições superficiais e investigar as implicações culturais, sociais e ideológicas do sincretismo religioso.

Em resumo, o trabalho de Sanchis (1995) desafia as ideias tradicionais sobre o sincretismo, destacando as controvérsias teóricas que cercam o conceito. Essa discussão enfatiza a importância de uma abordagem mais crítica e contextualizada ao estudar as interações religiosas e culturais, observando que o sincretismo não é apenas uma mistura superficial, mas uma área de pesquisa complexa que requer uma análise mais profunda de suas implicações.

Stewart e Shaw (2005) lançam luz sobre a evolução do conceito de sincretismo, destacando que ele não é uma noção fixa, mas sim um termo cujos significados foram

historicamente moldados e remoldados ao longo do tempo. Eles argumentam que rotular um ritual ou tradição como sincrético é uma descrição simplista, uma vez que todas as religiões têm raízes compostas e estão em constante processo de reconstituição. Para eles, a questão reside no estudo do processo de síntese religiosa.

Além disso, Stewart e Shaw enfatizam a importância de considerar o antissincretismo, que está ligado à construção da precisão e à noção de pureza. Eles afirmam que tanto as tradições tidas como puras quanto as sincréticas podem ser autênticas em suas próprias formas. Essa perspectiva desafia a ideia de que a proteção está vinculada à pureza religiosa.

A contribuição de Stewart e Shaw também trouxe para o estudo a complexidade do sincretismo em contextos de multiculturalismo. Eles observam que o sincretismo não é necessariamente oposto ao multiculturalismo, pois desempenha um papel nas negociações de identidades e hegemonias em situações que envolvem conquistas, comércios, migrações, casamentos interculturais e resistência cultural.

Em sua análise, Stewart (2005) traz uma complexidade adicional à nossa compreensão do sincretismo, contextualizando-o na teoria social contemporânea. Ele observa que o sincretismo se torna um conceito relevante em campos de estudo que investigam processos como globalização, migração e formação de diásporas. Nesses contextos, o sincretismo frequentemente se entrelaça com conceitos como hibridação cultural e crioulização, que funcionam como ferramentas para compreender a dinâmica do atual processo global.

Stewart (2005) enfatiza que, na teoria social contemporânea, a ideia de pureza cultural perdeu sua substituição e se tornou altamente questionável, especialmente na antropologia. Isso deve ser uma premissa fundamental de que não existem tradições religiosas puras, uma vez que todas as religiões estão em constante evolução, inovando e formando novas formas híbridas ao longo do tempo.

Segundo Stewart (2005), em uma definição ampla, o sincretismo pode ser compreendido como uma combinação de elementos de duas ou mais tradições religiosas distintas dentro de uma estrutura específica. Essa concepção abrange não apenas contextos religiosos, mas também uma ampla gama de interações culturais e sociais. Isso reflete a natureza dinâmica e multifacetada das culturas em um mundo globalizado.

As perspectivas de Stewart (2005) enriquecem nossa compreensão do sincretismo, destacando como tal fenômeno está intrinsecamente relacionado aos

processos de intercâmbio cultural e social. Além disso, Stewart desafia noções tradicionais de pureza cultural e religiosa, enfatizando a importância de considerar essa abordagem mais ampla e dinâmica ao explorar as características do sincretismo.

Além das contribuições de Stewart (2005), Peter Van der Veer (2005) oferece uma visão adicional e esclarecedora sobre o sincretismo e seu lugar no debate sobre religião e identidade. De acordo com o autor, o sincretismo é um conceito debatido no contexto religioso, relacionado à política de diferença e identidade. A noção de poder desempenha um papel crucial na distinção entre práticas religiosas verdadeiras e falsas.

Alguns defendem o sincretismo de forma positiva, como promotor de tolerância, enquanto outros o encaram de maneira negativa, associando-o ao declínio da fé pura. Van der Veer (2005) também observa que, na sociedade moderna e secular, o termo sincretismo parece ter sido substituído, em certa medida, pelo multiculturalismo.

Ferreti (2014) ressalta as obras de Rudolph (2005) trazendo a visão que o autor tem sobre sincretismo, o conceito ambíguo de sincretismo é uma parte importante da terminologia usada na história da religião e merece uma análise cuidadosa. Em sua pesquisa, ele investiga as origens e o significado do termo desde a Grécia Antiga até os tempos modernos, bem como sua aplicação em estudos recentes. Com base em sua análise, Rudolph destaca os seguintes pontos-chave:

1) o conceito de sincretismo desempenha papel de designação universal e relativamente neutra para contatos culturais e religiosos que podem ser considerados como mistura; 2) seu uso requer uma terminologia uniforme que não foi ainda estabelecida entre as designações como: simbiose, aculturação, identificação, amálgama, fusão, assimilação, transformação, metamorfose, substituição, ecletismo, síntese, relativismo e outras; 3) a natureza do sincretismo é caracterizada por palavras como: transposição, alienação, ambiguidade, com acordo, que expressa a dinâmica da religião (ROUDOLPH, 2005, apud FERRETTI, 2014, p. 20 e 21).

Em síntese, a exploração do sincretismo nos revela uma perspectiva valiosa sobre as complexas interações culturais e religiosas que moldaram a história da humanidade. No entanto, à medida que a sociedade avança, o sincretismo não é mais apenas uma questão histórica; ele se transforma em um ponto de partida para compreender o hibridismo cultural contemporâneo.

1.3 Benzimento e Hibridismo cultural – A fusão de práticas curativas tradicionais em um contexto multicultural

No contexto específico do benzimento, observamos a influência de três principais culturas distintas: a europeia, a indígena e a africana. Essas culturas aspiram para a formação do hibridismo cultural presentes em nossa cultura popular e, particularmente, na medicina popular. O benzimento, enquanto prática de cura e proteção, incorpora elementos e saberes orientados dessas três culturas, conduzidos em uma abordagem terapêutica rica em significados.

O hibridismo cultural, conforme estudado pelo historiador Peter Burke (2003), é um fenômeno complexo que surge a partir da interação e fusão de diferentes culturas, tradições e saberes ao longo da história. Essa abordagem considera que as culturas humanas não são estáticas ou compreensivas, mas estão em constante contato e transformação, geradas na criação de novas expressões culturais híbridas. O conceito de hibridismo cultural destaca a capacidade das sociedades de assimilar, combinar e reinterpretar elementos culturais diversos, gerando identidades culturais, dinâmicas e compartilhadas.

Exemplo de hibridismo cultural pode ser encontrado em toda parte não apenas em todo o Globo como a maioria dos domínios da cultura religiões sincréticas filosofias ecléticas línguas e culinárias mistas e estilo híbridos na arquitetura na literatura ou na música. Seria insensato assumir que o termo hibridismo tem exatamente o mesmo significado em todos estes casos. (BURKE, 2003, p. 23).

Nessa explicação, destacamos que o hibridismo cultural não é apenas um conceito teórico, mas uma realidade presente em nosso cotidiano e em diversas manifestações culturais, incluindo a medicina popular. O reconhecimento e a valorização desse hibridismo cultural são fundamentais para compreendermos a diversidade e a riqueza de nossa identidade cultural, bem como a importância da interação e do diálogo entre diferentes culturas para o enriquecimento e evolução da sociedade.

Outro autor que trouxe uma importante contribuição sobre o hibridismo cultural foi o sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, em sua obra "Casa-Grande e Senzala". Ele aborda a formação da sociedade brasileira a partir do contexto da colonização. Freyre argumenta que a história do Brasil foi profundamente influenciada pela interação entre

senhores de engenho (a "casa-grande") e os escravizados africanos (a "senzala"), criando uma mistura única de culturas, tradições e identidades.

A publicação de *Casa-Grande e Senzala* em 1933 causou um impacto significativo. A obra não apenas introduziu inovações metodológicas, o que gera até hoje debates sobre sua classificação. Segundo Stangl (2009),

Guillermo Giucci argumenta que Gilberto Freyre pode ser considerado o inventor cultural da região Nordeste na década de 1920 e o inventor cultural da nação brasileira na década de 1930. A imagem positiva do Brasil híbrido e mestiço, amplamente aceita por muitos brasileiros, foi forjada por Gilberto Freyre em *Casa-Grande e Senzala* (GIUCCI, 2002, apud STANGL, 2009, p. 7).

Peter Burke (1997) enfatiza que a obra precede o que é comumente conhecido como a nova história.

[...] poder-se-ia descrever seu trabalho como uma forma de ecletismo multidisciplinar, não propriamente síntese, mas sincretismo. Ele não apenas pregou a 'hibridização', mas a praticou por toda sua vida intelectual. Ele foi uma espécie de esponja intelectual que podia sugar com grande facilidade tanto as ideias como a informação a partir de uma multiplicidade de fontes (BURKE, 1997, p. 8).

Além disso, pela primeira vez, a obra delineou de maneira objetiva a identidade cultural mestiça do Brasil.

Macedo (2007) em sua tese *Pentecostalismo e Religiosidade Brasileira* elucida que o hibridismo cultural e o sincretismo estão intrinsecamente ligados, destaca, citando Anne Lomba (1998), a identificação de várias modalidades de hibridismo, inicialmente usadas para definir raças e depois como estratégia de colonizadores para reinventar suas próprias culturas em relação aos colonizadores europeus. Ella Shohat (apud LOMBA, 1998, p. 179) acrescenta que o hibridismo cultural não é universal, propondo diferentes modalidades, incluindo a transcendência criativa. Segundo Gruzinski (2001, apud MACEDO, 2007, p. 8), essa última modalidade sugere uma nova perspectiva para casos de sincretismo, considerando as influências mútuas entre duas ou mais crenças em contato duradouro, vividas em reinterpretações das culturas envolvidas. Esse conceito permite entender as complexidades do sincretismo na religiosidade popular brasileira ao longo do tempo.

Outro autor que desempenha um papel fundamental na explicação sobre cultura híbrida e identidade popular é o antropólogo argentino Nestor Canclini. Sua abordagem se concentra no panorama latino-americano, oferecendo uma perspectiva

que transcende as divisões disciplinares tradicionais para compreender a interconexão de processos que antes eram tratados de forma clínica. Canclini supera as fronteiras que historicamente separaram o culto do popular, o massivo dos usos individuais e os meios de comunicação da apropriação acompanhada. Essa confluência, ele batizou de "culturas híbridas".

A hibridação sociocultural não é uma simples mescla de estruturas ou práticas sociais discretas, puras, que existiam em forma separadas, e ao combinar-se, geraram novas estruturas e novas práticas. Às vezes isso ocorre de modo não planejado, ou é o resultado imprevisto de processos migratórios, turísticos ou de intercâmbio econômico ou comunicacional. Mas com frequência a hibridação surge do intento de reconverter um patrimônio (uma fábrica, uma capacitação profissional, um conjunto de saberes e técnicas) para reinseri-lo em novas condições de produção e mercado (CANCLINI, 1997, apud GUEDES, 2013, p, 6).

Para Canclini (1997), o processo de hibridação cultural na América Latina tem suas raízes no próprio processo de colonização. A miscigenação resultante da absorção de diversas culturas provenientes de diferentes povos moldou a rica tapeçaria cultural tão característica da região. Esse entrelaçamento histórico interfere na busca de uma identidade forte e única para a América Latina. Segundo o autor, essa identidade é um passo crucial para a modernização da região, significando a capacidade de desvincular-se de modelos pré-concebidos e encontrar um caminho próprio.

O hibridismo cultural, como explorado por Canclini (1997), transcende a mera combinação de elementos. Oferece-nos uma lente para contemplar a dinâmica e a fluidez das culturas humanas, mostrando como as fronteiras culturais são porosas, permeáveis e em constante estado de diálogo. O benzimento, nesse contexto, torna-se um exemplo concreto de como as culturas não são fixas, mas sim organismos vivos que se adaptam e se entrelaçam em resposta às mudanças sociais, históricas e geográficas.

Ao considerar o benzimento como um produto desse hibridismo cultural, somos lembrados de que a cultura não é uma entidade estática, mas um processo em constante transformação. A influência das tradições indígenas, africanas e europeias na prática do benzimento é uma demonstração viva de como as culturas encontram-se, entrelaçam-se e transformam-se. O resultado não é apenas uma manifestação singular de cura, mas uma materialização tangível da evolução cultural.

Portanto, ao refletir sobre a citação de Canclini, somos convidados a contemplar a profundidade do hibridismo cultural e a reconhecer que as raízes do benzimento se estendem muito além do superficial. O hibridismo torna-se um microcosmo que revela a narrativa mais ampla da interação humana, do compartilhamento de conhecimento e da adaptação criativa, todos essenciais para a formação da cultura brasileira e sua contínua reinvenção.

Nesse contexto, Souza discute a conexão entre as heranças de diversos grupos que se encontraram no Brasil, no que se refere ao desenvolvimento das tradições de cura através de práticas mágicas e religiosas.

Africanos, índios e mestiços foram os grandes curandeiros do Brasil colonial. O conhecimento que tinham das ervas e de procedimentos rituais específicos a seu universo cultural atrelou-se ao acervo europeu da medicina popular. Houve curandeiros europeus, mas em número muito inferior. Porém, à semelhança do que acontecia na Europa, predominava o sexo masculino dentre os curandeiros – o que aliás discrepa da maioria das práticas mágicas, exercidas por mulheres (SOUZA, 2005, p. 166).

Na época colonial, as definições de doença e saúde eram equiparadas a castigos e/ou dons divinos, de modo que os recursos para combater a doença também eram baseados na cosmologia religiosa. Assim, eram feitas as práticas de benzeção, nas quais o conhecimento sobre a natureza era combinado com os saberes vivenciais de mulheres de diferentes culturas (indígena, africana e portuguesa) e às diferentes concepções religiosas, como discorre a historiadora Del Priore:

A concepção da doença como fruto de uma ação sobrenatural e a visão mágica do corpo as introduzia numa imensa constelação de saberes sobre a utilização de plantas, minerais e animais, com os quais fabricavam remédios que serviam aos cuidados terapêuticos que administrava. Além desses conhecimentos, havia os saberes vindos da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e fetiches, e as cerimônias de cura indígenas, apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira (2001, p. 89).

É possível identificar este hibridismo cultural no relato da benzedeira Dona Joana D'arc, de 72 anos, participante desta pesquisa, quando ela discorre sobre sua a composição familiar.

eu sou filha de...minhas descendências é tudo atrapalhada do lado da minha mãe, minha mãe era neta de escravo, no lado de papai, pai dele, meu vô era índio, minha vó era cigana, meu vô pegou minha avó no laço... que ele comprou, ela deu ouro né pra comprar ela e ela fugiu e ele botou a matilha de cachorro pra poder ir atrás dela... Então você veja já começa por aí né [sic] (Joana D'arc, Goiânia, 2023).

No contexto do benzimento, é essencial destacar o forte predomínio das mulheres. Elas desempenham um papel central na transmissão dos saberes ancestrais, do cuidado com a família e a comunidade, auxiliando e moldando a evolução dessa tradição, tanto no passado quanto no presente.

1.3.1 O saber benzer: raízes europeias do benzimento

A religiosidade proporciona e potencializa os processos de sociabilidade. Mesmo que existam outros elementos impulsionadores, ela historicamente contribuiu para o estabelecimento de diferentes formas interativas. “O ser humano desenvolveu, ao longo de sua história, diversos mecanismos para interpretar e inserir-se no mundo. A religião é apenas um desses mecanismos (AZEVEDO; LEMOS, 2021, p. 116).

A história brasileira foi construída com base em contribuições deixadas por uma variedade povos que por aqui estavam ou se estabeleceram e que, de alguma forma, foram deixando marcas relevantes. Os componentes religiosos de diferentes matrizes colaboraram com a existência de uma cultura plural sincrética e marcada pela diversidade. É nesse mosaico de possibilidades que é possível situar a figura das benzedeadas.

O ato de benzer se manifesta como uma dessas heranças formadoras de nossa religiosidade, configurando-se como expressão de fé que ainda se mantém viva no nosso imaginário. Segundo Cunha, a presença das benzedeadas ocorre “[...] principalmente nas regiões mais pobres e em cidades interioranas, ainda é muito comum a prática da benzeção quando se acredita que existe algum mal, físico ou psíquico, que atormenta um consulente (2018, p. 27). Apesar de predominar nas áreas rurais, é possível observar sua manifestação também nos ambientes urbanos. Essa tradição, transmitida de geração a geração, carrega um profundo valor cultural e espiritual, mantendo-se viva como um elo entre o passado e o presente.

É possível afirmar que as raízes históricas da arte da benzeção são encontradas no continente europeu, durante a Alta Idade Média. Segundo os estudos de Nogueira, Versonito e Tristão, “[...] era costume de camponeses levarem animais para a basílica pra receberem a bênção do padre e assim livrarem-se de doenças e enfermidades (2012, p. 168). Conforme ensinam os autores, tal prática está presente nos textos bíblicos tanto do antigo como do novo testamento. Porém é importante ressaltar que a Bíblia é um livro religioso que abrange muitos aspectos da história,

espiritualidade e tradições das culturas do Oriente Médio Antigo. As práticas de cura e proteção mencionadas na Bíblia são frequentemente retratadas como ações milagrosas realizadas por Deus ou por meio de pessoas especialmente escolhidas, como profetas e líderes religiosos.

Os ritos de benzimento são mais comuns em tradições folclóricas e culturas populares, e, ao longo do tempo, pode ter havido influências mútuas entre essas tradições e elementos da Bíblia. No entanto, é importante notar que o benzimento tem suas próprias características distintas em relação às narrativas bíblicas. Embora possam compartilhar alguns aspectos espirituais, a natureza e a forma de execução são diferentes. Essa diversidade enriquece a história cultural e religiosa da humanidade, refletindo uma variedade de crenças e práticas encontradas em diferentes sociedades ao redor do mundo.

No percurso histórico é possível testemunhar uma conexão entre o ser humano e aquilo que é por ele culturalmente definido como forças sobrenaturais. Esse vínculo não se limita apenas às escrituras bíblicas, pois diversas mitologias também têm oferecido narrativas sobre a origem do mundo e da humanidade. Desde tempos imemoriais, o homem busca essa conexão com o sagrado, na expectativa de nele encontrar respostas para inúmeras indagações. É assim que podemos afirmar que a magia antecede a ciência, pois a busca por compreender o mundo e suas forças transcendentais foi uma parte fundamental da trajetória humana desde tempos remotos.

É difícil imaginar o momento inicial em que o ser humano sentiu a necessidade da comunicação com o Criador, estabelecendo o elo entre o conhecimento e as forças pressentidas através da prece: a primeira oração do homem se perde na névoa dos tempos. [...] O criado, observando a natureza, experimentou o pensamento metafórico e intuiu a presença de uma força maior do que a realidade concretamente manifestada. Essa força – que se expressava através dos fenômenos da natureza – se fez sentir como causa e princípio do Cosmos. Por temê-la, o homem se dirigiu a ela, oferecendo objetos materiais para que, num sistema de troca, a ordem do mundo se mantivesse inalterada. Se o raio ou o trovão pareciam uma ameaça – um grito do Criador com o filho desobediente – fazia-se mister dirigir-se aos céus, em atitude súplice, gesticulando e usando a palavra, para abrandar a ira celeste (GOMES; PEREIRA, 2004, apud CUNHA et. al., 2018, p.16).

As benzeções foram severamente reprimidas pela inquisição. Na Idade Média, a ação de benzer era restrita a padres, clérigos e outros membros da instituição Católica. Com o passar do tempo, pessoas comuns, sem autorização eclesiástica, começaram a realizar esses atos, oferecendo serviços de benzeção à comunidade local em que viviam. No entanto, tais práticas não reconhecidas nem autorizadas pela Igreja Católica foram perseguidas e condenadas tanto por ela como posteriormente pelo Estado. Um exemplo histórico ilustrativo ocorreu em 1499, quando D. Manuel

promulgou um decreto que prescrevia a marcação de benzedores e feiticeiros com a letra "F" em ambas as faces (SOUZA, 1986, p. 184). São poucos os relatos da prática da benzeção no Brasil, o que não significa que eles não existissem, como nos alerta Laura de Mello e Souza (1986):

Nos tempos coloniais, a documentação fala muito pouco dos benzedores. Fica difícil dizer se realmente eram escassos ou se a Inquisição, as devassas episcopais e os demais poderes se importavam pouco com eles. Como o hábito de benzer perdura ainda hoje entre nós, a segunda hipótese parece ser a mais provável (SOUZA, 1986, p. 184).

O estudo sobre o benzimento conduz a uma constatação inicial: a difícil tarefa de identificar as origens de um elemento cultural marcado pelo o hibridismo. Se, por um lado, é possível encontrar traços europeus que remontam uma tradição religiosa católica medieval com o emprego de orações e objetos simbólicos como crucifixos, por outro ângulo, também é possível encontrar elementos que pertencem ao universo cultural das comunidades indígenas americanas.

1.3.2 O saber benzer: raízes indígenas

Para compreender as raízes indígenas do benzimento, buscou-se os esclarecimentos do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro. Para esse autor, que se dedicou ao estudo de povos indígenas amazônicos, uma concepção comum a muitos povos do continente é a de que “[...] o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos e pessoas humanas e não humanas” (2017, p. 347), que o apreendem segundo pontos de vistas distintos. Para expressar a visão indígena, o autor recorre ao conceito de multinaturalismo, que se apoia na noção de “[...] uma unidade do espírito e uma diversidade dos corpos (p. 349).

Outro termo empregado é o *perspectivismo*, pelo qual sustenta-se a noção de que tal como os humanos enxergam os seres estes também podem enxergar os humanos em diferentes perspectivas. Sobre o conceito, o autor o descreve como:

Uma concepção indígena segundo a qual o modo como seres humanos veem os animais e outras subjetividades que povoam o universo – deuses, espíritos, mortos, habitantes de outros níveis cósmicos, plantas, fenômenos meteorológicos, acidentes geográficos, objetos e artefatos- é profundamente diferente do modo como esses seres veem os humanos e veem a si mesmos (CASTRO, 2017, p. 350).

Seguindo essa lógica, o ser humano vê a si mesmo como tal, mas para a lua, a serpente e o jaguar, ele é apenas a presa a ser abatida. Esses seres e espíritos enxergam a si mesmo como humanos.

Conforme o perspectivismo indígena, em condições normais, os humanos se percebem como humanos, e os animais como animais, algumas presas outros como potenciais predadores. Da mesma forma, “[...] os animais predadores e os espíritos, entretanto, veem os humanos como animais de presa, ao passo que os animais de presa veem os humanos como espíritos como animais predadores (CASTRO, 2019, p. 350).

Castro menciona com mais aprofundamento.

Eles se apreendem como, ou se tornam, antropomorfos quando estão em suas próprias casa ou aldeias, e experimentam seus próprios hábitos e características sob a espécie da cultura: veem seu alimento como alimento humano (os jaguares veem o sangue como cauim, os mortos veem os grilos como peixe, os urubus veem os vermes de a carne podre como peixe assado etc.) seus atributos corporais (pelagem, plumas, garras, bicos etc.) como adornos ou instrumentos culturais seu sistema social como organizado identicamente às instituições humanas (como chefes, xamãs, ritos, regras de casamento etc.) (2019, p. 350 e 351).

Em suma, na visão do naturalismo e do perspectivismo indígena, os animais são considerados seres humanos ou se percebem como pessoas. Essa percepção frequentemente se relaciona com a crença de que a forma visível de cada espécie é apenas uma aparência externa que esconde uma forma interna humana. Essa forma interna geralmente é visível somente aos olhos da própria espécie ou de seres transespecíficos, como os xamãs.

É relevante informar ao leitor que o termo "xamã" também é utilizado para se referir ao pajé, essa terminologia ganhou espaço a partir da segunda metade do século XX, influenciada por estudos antropológicos realizados na Ásia. A raiz da palavra "xamã" encontra-se entre os Tungus, um povo da Sibéria ocidental. Conforme apontado por Mircea Eliade (1983), o xamã é considerado uma figura distinta, dotada de habilidades especiais para a cura de doenças.

Nós esperamos haver interesse de limitar o uso das palavras xamã e xamanismo, justamente para evitar os equívocos e ver com mais clareza a história da magia e da bruxaria. Bem entendido, o xamã também é um mágico, um medicine-man: ele é considerado curador, como todos os médicos, e realiza milagres ascéticos, como todos os mágicos, primitivos ou modernos (BOTELHO; CASTRO, apud ELIADE, 1983, p. 21).

Desde então, os estudiosos adotaram de forma consolidada o termo "xamã" para identificar indivíduos reconhecidos por suas capacidades excepcionais de cura (BOTELHO; COSTA, 2006), incluindo os pajés indígenas nas Américas.

Para Castro (2019), o perspectivismo ameríndio está profundamente entrelaçado com duas características predominantes na região amazônica: a valorização da caça e, especialmente, a importância do xamanismo. Enquanto a caça possui um significado simbólico, o xamanismo desempenha um papel crucial e distintivo na cosmovisão indígena. A ideologia dos caçadores se entrelaça com o xamanismo, enfatizando a noção essencial de que os seres não humanos têm uma dimensão humana invisível.

Destacaremos aqui a importância do xamanismo na construção cultural da medicina popular, elucidando o papel do xamã nas aldeias indígenas. Segundo Castro, "[...] o xamanismo amazônico pode ser definido como a habilidade manifesta por certos indivíduos de cruzar deliberadamente as barreiras corporais e adotar a perspectiva de subjetividades alo-específicas, de modo a administrar as relações entre estas e os humanos (2019, p. 358).

Vendo os seres não-humanos como estes se veem (como humanos), os xamãs são capazes de assumir o papel de interlocutores ativos no diálogo transespecífico; sobretudo, eles são capazes de voltar para contar a história, algo que os leigos dificilmente podem fazer. O encontro ou o intercâmbio de perspectivas é um processo perigoso, e uma arte política – uma diplomacia. Se o multiculturalismo' ocidental é o relativismo como política pública, o perspectivismo xamânico ameríndio é o multinaturalismo como política cósmica (CASTRO, 2019, p. 358).

Castro (2019) elucidada que o xamanismo representa uma forma de agir que está intrinsecamente ligada a uma maneira de conhecer, ou melhor, a um ideal específico de conhecimento. Esse ideal contrasta significativamente com a visão objetivista que prevaleceu na modernidade ocidental. Na perspectiva objetivista, a categoria do objeto é central: conhecer é sinônimo de objetivar, de ser capaz de distinguir o que é inerente ao objeto pertencente ao sujeito que o conhece e que, portanto, foi inesperado ou inevitável no objeto.

Por outro lado, o xamanismo adota uma abordagem completamente diferente. Nessa visão, o conhecimento é concebido de maneira mais holística e subjetiva, em que o xamã não separa rigidamente o sujeito e o objeto. Ao contrário, a busca do

conhecimento é permeada pela conexão profunda e pela interação com o mundo espiritual, com os seres da natureza e com outras formas de existência.

O xamanismo ameríndio parece guiado pelo ideal inverso. Conhecer é personificar, tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido – daquilo, ou antes, daquele; pois o conhecimento xamânico visa um 'algo' que é um 'alguém', um outro sujeito ou agente.

A forma do Outro é a pessoa (CASTRO, 2019, p. 358).

Com base na visão de mundo dos indígenas amazônicos, é possível afirmar que o xamanismo exerce uma influência significativa no desenvolvimento e enraizamento da medicina popular no Brasil. Nas aldeias indígenas, o xamã, conhecido também como pajé ou curandeiro, ocupa uma posição central como líder espiritual e curador, sendo detentor de um conhecimento ancestral que é transmitido através das gerações.

O papel do xamã vai muito além da busca pela cura física, ele desempenha um uma função de mediadora entre os mundos espiritual e humano, capaz de se conectar com seres não humanos, animais, espíritos e entidades sobrenaturais. Essa habilidade única permite que o xamã adquira sabedoria espiritual, interpretando sinais e promovendo a cura física e espiritual dentro da comunidade.

De acordo com Botelho e Costa (2006), nos registros que emergiram entre os séculos XVI e XVIII, é evidente a presença de certas características explícitas do pajé (xamã), que imediatamente capturaram o interesse dos colonizadores.

Liderança capaz de guiar os índios à resistência ou à obediência, tratamento das doenças desconhecidas e das feridas de guerra, de forma completamente diversa da empregada pelo médico medieval, e a associação entre as funções do pajé e as dos feiticeiros da estrutura fática cristã do medievo (BOTELHO; COSTA, apud BOTELHO; TADROS, 2000, p. 280).

Para Azevedo e Lemos (2018), a medicina popular pode ser compreendida historicamente como uma identidade xamânica e, portanto, tribal. Essa prática pode ser relacionada à figura dos pajés, curandeiros, raizeiros e benzedores, conforme mencionado anteriormente. Os autores em entrevista com uma benzedeira citam: “Marieta faz questão de mostrar que sua prática se liga à natureza assim como culturas populares em que originaram a medicina popular sejam primitivas naturalistas rurais sofreram migração para as cidades nos momentos de grande êxodo (2018, p. 97).

Os pesquisadores apontam que entre os diversos tipos de medicina popular destaca-se a chamada pajelança.

A pajelança Cabocla se fundamenta na crença nos encantados seres invisíveis que se apresentam durante os rituais incorporado no pajé, isto é o xamã que é a figura central da sessão de cura. Começando pela descrição de um ritual de pajelança típico tal como pôde observar numa povoação de pescadores do litoral do Pará Itapoá prossigo analisando sua relação com o contexto social visando também mostrar a importância dessas práticas de cura para as populações nativas da região (MAUÉS, 1994, apud AZEVEDO; LEMOS, 2019, p. 97).

A prática de benzer é um entrelaçamento complexo de influências, resultante de diferentes tradições e culturas ao longo do tempo. A busca pelas raízes dessa prática nos leva a explorar uma teia intrincada de saberes, crenças e rituais que foram transmitidos oralmente e adaptados pelas comunidades ao longo de gerações. Nesse contexto, a influência dos escravos africanos é elemento importante para compreendermos a formação do benzimento no Brasil.

1.3.3 O saber benzer: raízes africanas

Com sua rica bagagem cultural, os povos de origem africana trouxeram consigo conhecimentos ancestrais em amuletos, magia, oráculos e plantas medicinais, certamente confiantes para a composição dessa prática tão peculiar. Ao se depararem com novas realidades e crenças locais, os africanos imbuíram o benzimento com suas próprias tradições, criando assim uma fusão única e profunda de culturas.

Para compreendermos a influência cultural africana na prática do benzimento e na medicina popular, é essencial perpassarmos pelo conceito de doença, saúde e cosmologia africana. Soares, Leitão e Oliveira (2022) ensinam que na visão africana de mundo, a saúde e a doença são concebidas de forma holística, estando intrinsecamente conectadas ao equilíbrio entre os seres humanos, o ambiente e o mundo espiritual. Nessa cosmovisão, a doença não é apenas uma questão física, mas também espiritual e social, resultado do desequilíbrio entre os indivíduos e seus ancestrais, bem como com das forças da natureza e dos espíritos.

De acordo com os autores:

A Medicina Tradicional Africana difere da Medicina Ocidental por não estar focada unicamente na cura e recuperação de sintomas físicos, mas no equilíbrio entre paciente, ambiente cultural e espiritual, buscando uma

inserção social e psicológica do indivíduo em sua comunidade (NEBA, 2011, apud SOARES; LEITÃO; OLIVIERA, 2002, p. 5).

Segundo Mello e Oliveira (2013), os sistemas e concepções da doença, diagnóstico e tratamento, assim como a concepção de vida e morte, estão profundamente enraizados na dimensão sociocultural do indivíduo africano, em que não há possibilidade de separação entre o físico e o espiritual. Para os africanos, a percepção da doença transcende a causa orgânica, pois pode derivar da desarmonia com os ancestrais ou maus espíritos. Essa visão holística da saúde ressalta a interconexão entre o indivíduo, a comunidade e o mundo espiritual, valorizando não apenas o tratamento físico, mas também o restabelecimento do equilíbrio espiritual e social.

Nas sociedades africanas, a doença não é um fenômeno que abate apenas o indivíduo em particular, já que em diversos momentos ela é vivida como uma perturbação das relações sociais. Soares, Leitão e Oliveira (2002) avaliam que, nas culturas africanas, o adoecer pode representar não apenas um desequilíbrio da força vital ligada a um único indivíduo, mas sua origem, algumas vezes, pode se estender à família ou até a toda a comunidade.

Segundo Domingos (2015), na visão do homem africano tradicional, é fundamental participar perpetuamente do processo de autorrecriação, pois ele busca constantemente o equilíbrio diante das diversas e complexas forças em movimento presentes no cosmos. Essa participação abrange a compreensão do mundo em sua unidade e coesão, conectando o visível e o invisível, bem como a ligação estreita entre natureza e cultura. Nesse contexto, toda manipulação ordenada das forças sobrenaturais torna-se um ato mágico e/ou religioso.

No âmbito desses rituais, a linguagem e a palavra desempenham um papel crucial, pois não são meros instrumentos de comunicação, mas sim a expressão por excelência, dotadas da força que movimentam as potências cumpridas e o princípio de sua coerência. Essa compreensão profunda da interação entre o homem e o cosmos influencia as práticas de cura. Qualquer ser humano é colocado numa relação de forças vitais, algumas mais desenvolvidas do que a sua própria força. Essas forças mais desenvolvidas são o próprio Deus, os antepassados, os defuntos da linhagem, da família; são os pais, feiticeiros, bruxos, etc. Elas podem influenciar a sua vida no bom sentido (saúde, riqueza, poder, promoção na profissão, etc.), aumentando a sua força vital, ou no mau sentido (doença, morte, pobreza, insucesso na profissão, etc.), diminuindo a sua força vital. Por isso, o culto aos ancestrais, num mundo criado por um deus que dele se distanciou, constitui o aspecto mais observável da cosmovisão Africana - bantu sem se reduzir a ele. O que está por trás do culto aos ancestrais, senão a busca da conservação e do crescimento constantes da força vital, fonte inesgotável da vida e de todas as felicidades? (MUNANGA, 1995, p. 63, apud DOMINGOS, 2015, p. 171).

Para o mesmo autor, na lógica do pensamento africano, a doença é vista como um sinal de desequilíbrio na força vital do homem, do ser humano. Ela não é considerada uma fatalidade, mas sim uma desordem que inscreve no sistema antropológico o desequilíbrio do indivíduo, exigindo motivação, explicação e tratamento. Nas sociedades africanas, a doença é vivenciada não apenas como um fenômeno que afeta o indivíduo, mas também como uma perturbação das relações sociais, “[...] o desequilíbrio causado pela doença não afeta apenas ao indivíduo, mas se estende na família, comunidade, sociedade e no Cosmos de modo geral. A doença é, portanto, um assunto de toda a família, de toda comunidade (DOMINGOS, 2015, p. 172).

Assim como a doença afeta toda a família, a cura também se estende ao meio familiar e social. Nas sociedades tradicionais africanas, a cura de doenças é concebida em sua dimensão integral, não se limitando apenas ao aspecto físico, mas abrangendo todos os aspectos do sofrimento humano, incluindo aqueles que adquiriram a vida material, moral e espiritual. O processo de cura é compreendido como uma restauração completa do equilíbrio e da harmonia do indivíduo dentro de seu contexto social e espiritual, enfatizando a importância de cuidar não apenas do corpo físico, mas também da mente, da alma e da comunidade, “[...] a ideia da cura constitui um aspecto importante da religiosidade Africana. Ela partilha quase todas as sociedades Africanas, seja no meio mais tradicionais das zonas rurais assim como nas regiões modernas do meio urbano (DOMINGOS, 2015, p.174).

Mas o homem da cidade que toma o caminho do campo (ou se encontra um curandeiro tradicional em sua cidade mesmo) não está somente em busca de uma cura que medicina fracassou em lhe dar, ele encontra ainda, no contato com o curandeiro, a revelação de uma imagem de seu corpo bem mais digna de seu interesse do que aquela fornecida pelo saber biomédico. No diálogo com o curandeiro, ele descobre uma dimensão simbólica que suscita seu espanto e cujo questionamento o perseguirá frequentemente por muito tempo depois. Ele enriquece sua existência com uma pitada de símbolo (LE BRETON, 2011, p. 13, apud DOMINGOS, 2015 p.174).

A cultura popular brasileira é resultado de uma rica interação entre influências europeias, indígenas e africanas, que desempenharam papéis fundamentais na formação de nossa identidade cultural e medicina popular. Essa dinâmica de culturas cresceu no hibridismo cultural presente nas práticas de cura e benzimento. As rezas e objetos simbólicos trazem elementos cristãos, enquanto a cultura indígena contribui

com o conhecimento das ervas e curas, e a herança africana enriquecendo com sua visão de doença e saúde, além de saberes sobre plantas medicinais, amuletos, ritos e celebrações. Essa integração de saberes e crenças, provenientes de diferentes tradições, enriquece nossa religiosidade popular como também a medicina popular, refletindo a diversidade e a resiliência do povo brasileiro.

1.4 Benzimento e a Herança Cultural das Mulheres: Explorando a Memória e a Identidade das Benzedeadas

1.4.1 Benzedeadas: Memória e Identidade na Preservação Cultural

É praticamente inevitável abordar a história sem considerar os protagonistas dessa narrativa. Como apontado por Le Goff (1996), a maioria de nós reconhece que a história não pode ser equiparada às demais ciências, embora haja aqueles que não a veem como uma ciência.

Estamos quase todos vulneráveis de que a história não é uma ciência como as outras – sem contar com aqueles que não a consideram uma ciência. Falar de história não é fácil, mas estas dificuldades de linguagem apresentam-nos no próprio âmago das ambiguidades da história (1996, p.17).

Segundo Nora (1993), a história está longe de ser sinônimo de memória.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido ela está em permanente evolução aberta dialética da lembrança e do esquecimento inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os tipos de manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido do eterno presente; a história, uma representação do passado, porque é afetiva e mágica. A memória não se acomoda a detalhes que a confortamos, ela se alimenta de lembranças vagas telescópicas globais ou flutuantes particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções a história porque a operação intelectual é lá e se ante demanda análise e discurso crítico a memória instala a lembrança no sagrado a história a liberta e a torna sempre prosaica a memória emerge de um grupo que ela une o que quer dizer como ao bate o face que há tantas memórias quantos grupos existe que ela é por natureza múltipla desacelerada coletiva plural e individualizada a história ao contrário pertence a todos e a ninguém o que lhe dá uma vocação para universal a memória se enraíza no concreto no espaço no gesto na imagem no objeto a história se liga às continuidades temporais as evoluções e as relações das coisas a memória é absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p. 9).

Outro autor que percorre sobre os aspectos de história e memória é o sociólogo e filósofo francês Maurice Halbwach (1990), que estabeleceu uma distinção entre memória e história em pelo menos dois aspectos: 1) a memória é uma corrente de pensamento contínuo, que se origina de forma natural e se mantém dentro dos limites de um grupo, enquanto a história é construída a partir de recortes temporais e divisões artificiais, transcendendo os grupos; 2) existem tantas memórias coletivas quantos são os grupos que as carregam. Por outro lado, a história pertence a todos e a ninguém, o que confere a ela uma vocação universal.

Certamente, se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossas lembranças, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada não somente na mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS, 1990, p. 25).

No texto de Pollak (1992), *Memória e Identidade Social*, é mantida a relação intrincada entre memória coletiva e identidade de um grupo ou sociedade. Pollak explora como a memória é moldada por influências culturais e sociais, criando uma narrativa compartilhada que define a identidade de um grupo. A memória não é apenas uma gravação neutra do passado, mas sim um processo ativo de seleção e interpretação, influenciado pelas necessidades do presente. Ao mesmo tempo, a memória coletiva ajuda a solidificar a coesão e a continuidade do grupo, fornecendo uma base para a construção da identidade social. A memória, portanto, é um elemento central na formação e manutenção da identidade social, seguramente para a compreensão do passado e para a construção do sentido de pertencimento.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 5).

Na cultura popular, enraíza-se a tradição de transmitir conhecimentos como meio de preservar memórias, assegurando a perpetuação do que é inerente à identidade de uma comunidade. Nesse cenário, a partilha das práticas de orações,

como aquelas relacionados à formação de uma benzedeira, desenrola-se de forma oral através de indivíduos que mantêm uma conexão profunda com esse legado.

Com base em Oliveira e Padilha (2011), compreendemos que as memórias, vivenciadas e constantemente lembradas por essas mulheres, estão entrelaçadas a uma gama de fatores, alguns dos quais mencionamos anteriormente, os quais ocorreram para sua autorrealização e identificação distintiva. As benzedeiros, ao contrário do senso comum, estão conectadas através da memória a uma multiplicidade de saberes, que conferem a elas uma significativa proteção como grupo social e como elemento formador da identidade nacional.

Analisar esses indivíduos sob a ótica do atraso ou da falta de compreensão social é enfatizar as estigmatizações e os estereótipos que circulam em torno deles, cooperando para a contínua subvalorização de sua cultura. As benzedeiros, na forma em que as conhecemos hoje, enfrentaram um processo de estigmatização que se intensificou nos séculos XII e XIII, durante as repressões impostas pela Inquisição da Igreja Católica. Essa Inquisição as rotulou como bruxas, associando-as a práticas demoníacas, bem como acusadas de serem portadoras de ofícios malignos, perigosos e hereges, além de fabricarem remédios à base de ervas que alegadamente afetavam a mente dos homens, entre outras alegações (OLIVEIRA; PADILHA, 2011).

Apesar do longo período de obscuridade que perdurou, as benzedeiros ainda enfrentam a triste realidade de estarem associadas aos problemas da sociedade e muitas vezes subestimadas. A marginalização desse ofício tradicional de cura persiste em várias regiões do Brasil, e, mesmo diante de adversidades e repressão, essas mulheres encontram resiliência para preservar sua cultura.

Relato da benzedeira J, 72, que vivenciou a repressão por ser benzedeira:

...então assim, naquela época benzedeira era tudo, benzedeira e parteira, a gente vivia só para isso, só para caridade, por gratidão você levava para mim um moizim de feijão de corda, moizim de farinha, aquilo ali para mim era uma fartura, com o passar dos anos, evoluiu tudo, veio a medicina, benzedeira acabou. E não falando mal, mas os evangélicos cresceram e nós fomos taxadas como bruxas então teve assim uma época dá repressão, agente foi muito oprimida e taxada como bruxa, mas além dos evangélicos a igreja católica também condenou, agente benzia as escondidas, e de lá para cá, é um tormento, então hoje em dia a gente benze, eu benzo, não minto para você, mais eu benzo assim, algumas pessoas, e começou a melhorar de 1 ano para cá não é falando de política mas tudo tem política no meio, não adianta, depois que o Lula foi eleito porque por causa da esposa do Lula que é espírita, entendeu? Aí liberou mais um pouco, no tempo de Bolsonaro eu tinha medo de alguém vim e tacar pedra no portão. vim pra cá quando eu vim pra cá assim... Aí eu tinha meio que morar aqui que o pessoal de toda a rua quase tudo é evangélico, aí **devagarzinho que fui conquistando sabe**

conquistando, hoje eles tudo me apoia até os próprios evangélicos vêm aqui, mas sempre assim com restrição, eu tenho medo sabe não é medo da morte é medo de me machucar mais do que sou machucada. Na minha idade estou muito velha para levar pancada. Mas é isso minha filha (DONA JOANA D'ARC, 72 ANOS, Goiânia).

Percebe-se que existe uma ligação entre as benzedeadas e a comunidade em que elas vivem; em geral há o reconhecimento dessas mulheres pelos demais, as quais normalmente não cobram nada para exercerem seu ofício. São estabelecidos, portanto, critérios a mais que definem e permitem identificar melhor uma benzedeadas. Mas estes critérios ainda assim vinculam-se a um aspecto que não deve ser esquecido e que, assim como a memória, fazem-se presentes na identificação das benzedeadas: a relação entre estas memórias, o simbólico e o sagrado.

Estas memórias, que traduzem em acontecimentos toda a existência das benzedeadas, sua cultura, sua tradição, fazem-nas lembrar diariamente do porquê estão neste mundo, qual a sua missão, e as remetem a um passado repressor no qual foram submetidas às suas “companheiras”, como elas mesmas dizem; remetem-nas às histórias que aprenderam sobre seus santos de devoção, sobre o folclore de sua cultura, os mitos, as lendas.

A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões de informações passadas, ou que ele representa como passadas (LE GOFF, 1996, p. 423).

Dessa forma, percebe-se que esta memória tem tanto vínculo com as benzedeadas quanto com a sua própria cultura, a qual passa a se fazer presente a partir destas lembranças. Porém, da mesma maneira que trabalhar com história, trabalhar com as memórias dos sujeitos não é tarefa fácil. Esta memória ainda enfrenta mais alguns problemas de análise, na medida em que trabalhamos com elas. Além disso, muitas benzedeadas se confundem no ato de memorar, pois levando em consideração que toda a sua história é marcada por uma série de repressões, conflitos, estigmatizações, estereótipos, é comum que muitas destas mulheres misturem informações, temporalidades, épocas e retratem uma memória refeita.

Mesmo assim, a memória permite que elas sigam em frente com seu ofício, permitindo-as olharem para trás e se apoiarem em alguma coisa para continuar resistindo. Pinski sugere que esta memória é a essência destes indivíduos:

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e seleção do que é importante para o sentimento da unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade. E porque a memória é mutante, é possível falar de uma história das memórias de pessoas ou grupos, passível de ser estudadas por meio de entrevistas de História oral. As disputas em torno das memórias que prevalecerão em um grupo, uma comunidade, ou até em uma nação, são importantes para se compreender este mesmo grupo, ou a sociedade como um todo (2008, p. 167).

Dessa forma, podemos notar, pelas palavras da autora, que essas memórias, mesmo quando misturadas, opacas e frágeis, permitem a identificação da cultura. Dentro do processo de construção, as benzedeadas vinculam sua existência a tais memórias, transformando-as em elementos de identidade e autoafirmação, como portadoras de ofícios tradicionais de cura, ou mais precisamente, como benzedeadas.

A memória seria constituída de acontecimentos vividos pelo indivíduo de forma direta ou indireta. Acontecimentos vividos por pessoas que compõem o grupo do qual são pertencentes (e devidamente compartilhados entre seus membros), ao mesmo tempo que são apropriados pelo próprio grupo como sendo seus, fazendo parte assim da constituição de sua memória e identidade (BORCHARDT; COLVERO, 2013). No que se refere à memória coletiva, Halbwachs (1990) lembra que:

Se a memória coletiva tira sua força e sua duração do fato de ter por suporte um conjunto de homens, não obstante eles são indivíduos que se lembram, enquanto membros do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, e que se apoiam uma sobre a outra, não são as mesmas que aparecerão com mais intensidade para cada um deles. Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. (HALBWACHS, 1990, p. 51).

Percebe-se, então, que essa complexa relação entre as memórias individual e coletiva se dá em um local determinado do qual fazem parte membros com diferentes funções nessa sociedade e que, dependendo do lugar que ocupam, podem guardar memórias diferentes sobre o mesmo acontecimento ou se lembrar de fatos distintos (ANDREOLLA; LIA, 2018). Em complemento ao que foi dito sobre memória coletiva, Ferreira diz que:

O recurso ao termo 'memória coletiva' é colocado aqui de forma cuidadosa, buscando-se evitar com isso a essencialização do termo, armadilha na qual se cai quando o uso desse termo serve para legitimar identidades de grupos, desprezando-se aspectos de construção e reconstrução do passado. A lembrança é uma experiência eminentemente individual, mas o fato de crer no compartilhamento de lembranças origina essa memória compartilhada, o

que estaria na base da função política da memória ou daquilo que se denomina hoje como 'políticas de memória' (2011, p. 106).

Dessa forma, as benzedoras, tendo como base fatos vividos e vistos durante suas vidas, moldam o seu ofício na atualidade. Segundo Halbwachs,

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento em comum (HALBWACHS, 1990, p.34).

Para o autor, as memórias necessitariam da coletividade para serem lembradas e compartilhadas, numa dinâmica de suporte no "outro" para evocação das próprias memórias na atualidade. Até porque seria mais fácil lembrar de fatos comuns a um grupo do que de episódios vividos individualmente.

Em sua obra *A memória coletiva*, o autor ora citado distingue memória coletiva e memória individual conforme o passado é organizado sob a forma de lembrança. Se o passado for resguardado em torno de uma determinada pessoa, que vê esse passado do seu ponto de vista, trata-se de uma memória individual, interior ou pessoal. De outro lado, se as lembranças se distribuem dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens parciais, trata-se de uma memória exterior ou social. O autor ressalta que a memória coletiva não ultrapassa os limites do grupo e retém do passado tão somente o que ainda está vivo ou o que é capaz de viver na consciência desse grupo (HALBWACHS, 2006).

Em adição, a noção do que é memória pode ser remetida tanto aos mecanismos de acumulação, que são geralmente vinculados às formas de conservação, atualização e reconhecimento de uma lembrança, quanto aos processos de compartilhamento de representações sociais (FERREIRA, 2011). As lembranças permanecem coletivas e podem ser lembradas por outras pessoas, mesmo que se trate de eventos em que somente uns estivessem unicamente envolvidos e que envolva objetos que somente estes mesmos viram, e isso acontece porque as pessoas jamais estão sozinhas (HALBWACHS, 2006). Preservar a memória é fundamental para a compreensão da identidade de um determinado grupo, pois "o grupo, no momento em que considera o seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo" (HALBWACHS, 1990).

As leituras e discussões sobre a visão do pensador, a exemplo Stuart Hall (2000), abre possibilidades para compreender também que o campo da identidade é movediço e ainda assim depende da contribuição do outro sobre nós. E esse é um fator que ocorre de formas variadas, assim como a memória (SANTOS, 2019).

De acordo com Hall, “[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento (2000, p.38).

O autor afirma ainda que as identidades culturais “são cambiantes e diferentes a cada momento”, sem que isso invalide a coabitação delas no “mesmo indivíduo”. No pensamento de Hall, os conceitos de pertencimento às culturas étnicas, raciais, linguísticas e religiosas descentram, deslocam e fragmentam o sujeito, impondo mudanças estruturais às sociedades já estilhaçadas pelas paisagens culturais de gênero, classe, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que antes se constituíam em porto seguro do indivíduo social pós-moderno (MENDES; CAVAS, 2018).

Assim, as identidades se formam pela modificação e se impõem pela continuidade dos diálogos entre os mundos culturais exteriores e as outras identidades dos sujeitos, que necessitam promover uma espécie de “costura” entre si mesmo e a estrutura social, o que estabilizaria a ele e aos mundos culturais que o habitam (HALL, 2011).

Nesse contexto, as recordações constituem a formação de uma infância, que se reproduz por narração, e permitem reviver e ressignificar aquilo que foi experienciado, como trajetórias de saberes, alegrias, tristezas, em uma constante disputa de identidade e memória. Essas memórias, identidades e saberes são trabalhados com os diferentes tempos e espaços das benzedeadas, já que a prática do benzimento atravessa toda a trajetória de vida dessas mulheres.

Presente na entrevista com a benzedead Sabrina, que tem em suas primeiras memórias a atuação de uma benzedead que benzia toda a família.

... Do lado do meu pai eles trabalhavam, eles eram comerciantes meu avô meu nono era comerciante do lado da minha mãe e do lado da minha mãe é a gente tinha um hotel meu avô e meu avó tinha um hotel é a gente tinha uma parentada porque a família da minha mãe é descendência de negros miscigenados com português e índio então eu venho desse encontro. E assim a gente recebia lá no hotel pelo menos uma vez por uma benzedead para nos benzer. Era um ofício dela era dona Maria Gaga que fazia este serviço ela era lavadeira olha que simbólico, ela recolhia, naquele tempo não existia lavanderia se imagina um hotel né era um hotel grande para o porte da cidade era o único da cidade, sei lá tinha 13, 14 quartos ou 15 sei lá, naquele tempo em que, que banheiros eram compartilhados né, tinha um sessão dos

banheiros então não tinha suítes como hoje, não tinha este volume de hotéis que existe hoje no mundo, e tinha muita roupa para lavar (risos). A Dona Maria Gaga então ela lavava roupa e ia nos benzer. É do benzimento em si está é a minha primeira memória consciente (SABRINA, Brasília, 2023).

A identidade das benzedeadas mantém um elo forte com o conhecimento tradicional, o poder de cura e uma ligação com o mundo espiritual. No passado, elas eram figuras fundamentais nas comunidades, detentoras de segredos ancestrais e habilidades espirituais. Hoje, apesar das mudanças sociais e avanços na medicina, as benzedeadas continuam a praticar seu ofício, preservando essa tradição cultural e espiritual enquanto oferecem conforto e ajuda a quem busca alívio. Isso fortalece a identidade contínua das benzedeadas na rica tapeçaria cultural do Brasil.

1.4.2 Da Descrição à Visibilidade – Impacto na Memória e Identidade Cultural

As benzedeadas desempenham um papel de destaque na parcela da sociedade que preserva tradições e costumes ancestrais, especialmente ao facilitar a conexão com o sagrado (NASCIMENTO; AYALA, 2013). Desde suas origens históricas até suas práticas contínuas presentes em celebrações regionais do Brasil, as benzedeadas emergem hoje como indivíduos de singular importância no contexto do patrimônio cultural imaterial.

Mediante essa última informação, tem-se que o cuidado com a preservação dessa cultura deve ser redobrado, assim como a necessidade de uma maior divulgação para que mais pessoas possam conhecê-la e valorizá-la.

Instituições como o IPHAN têm buscado realizar essa preservação e a manutenção cultural das benzedeadas, por meio de projetos e ações. A título de exemplos, é possível ressaltar, dentre os vários registros disponibilizados pelo IPHAN, informações a respeito do projeto criado em parceria com o Ministério da Cultura chamado de “Mapeamento e Patrimônio Cultural Imaterial de 2012”, de grande relevância.

Apesar de o IPHAN desempenhar um papel de fundamental importância para a manutenção e a preservação cultural das benzedeadas, segundo Calheiros (2018) essa meta ainda é falha, pois o quadro de vulnerabilidade social apresentado por essa parcela cultural corre o risco de ter os seus saberes e técnicas desaparecidos, por questões ligadas às dificuldades de transmissão e por falta de valorização,

visibilidade, credibilidade do ofício ante a frágil e pouca divulgada compreensão de seus significados (CALHEIROS, 2018). Além disso, o autor aponta que:

A elaboração desse artigo buscou trazer a compreensão de que sem políticas culturais para salvaguardar este ofício, como ações educativas ou expositivas, tal qual a realização da exposição fotográfica voltada para o reconhecimento desse bem cultural, não haverá mudanças significativas no que diz respeito à valorização dessas mulheres detentoras do saber, cuja perda seria constituiria um dano irreversível ao patrimônio cultural imaterial alagoano (CALHEIROS, 2018, p. 14).

Percebe-se a necessidade de mais investimentos em ações de políticas públicas voltadas à preservação cultural das benzedeadas e dos saberes tradicionais que são por elas produzidos³. Ademais, políticas de saúde pública e apoio às questões das mulheres com recorte de idade também devem ser levados em conta. Outro ponto a ser considerado diz respeito ao resgate e divulgação dessa cultura tão importante. Medeiros e colaboradores (2013) avaliam que:

Procurar recuperar essa tradição terapêutica é acima de tudo resgatar as origens socioculturais brasileiras, pois esta se configura como um saber criado a partir da miscigenação de diversas culturas presentes no Brasil, traduzindo assim nossa historicidade (MEDEIROS et al., 2013, p. 1354).

A marginalização de práticas populares de cuidado com a saúde e a consequente perda de conhecimentos, somadas à repressão aos ofícios tradicionais de saúde popular, motivaram a promoção da pesquisa realizada por Meira (2018), que teve como objetivo principal a expansão e a valorização do uso e preparo de plantas medicinais, bem como a identificação desses ofícios ligados à cultura das benzedeadas.

Em seus relatos, o trabalho afirmou que, durante encontros e oficinas realizados em campo, percebeu-se um vasto repertório de conhecimentos das benzedeadas acerca de plantas medicinais, preparo de remédios caseiros como chás, xaropes, pomadas, tinturas, garrafadas, etc. Também se somam a esses conhecimentos as práticas tradicionais de cura, como benzimentos, simpatias, orações, defumações, rezas tradicionais, realizados principalmente por pessoas mais idosas e muitas vezes correndo o risco de desaparecimento (MEIRA, 2018).

³ Nota-se que os saberes tradicionalmente relacionados à benzedeadas são expressos de variadas formas as quais puderam ser observadas em pesquisa de campo: artesanato, conhecimentos etnobotânicos, modos de fazer sabão, etc.

Nesse sentido, tem-se uma série de outros relatos já publicados que expressam o interesse em dar visibilidade e reconhecimento aos conhecimentos e práticas tradicionais ligados à saúde popular, presentes nos ofícios tradicionais das benzedadeiras, bem como a valorização da cultura religiosa tradicional local. É possível citar o primeiro encontro comunitário dos detentores de ofícios tradicionais de cura religiosa e saúde popular, ocorrido em 4 de abril de 2008, na comunidade tradicional de Faxinal Marmeleiro de Baixo, no município de Rebouças, Paraná. Assim como o “1º Encontro Regional das Benzedadeiras, Benzedores, Rezadeiras, Curadores, Costureiras de Machucaduras e Parteiras”, realizado em 6 de setembro de 2008, na cidade de Irati (MASA, 2012).

Nesse encontro, foi proposta a organização do movimento social conhecido como Movimento Aprendizes da Sabedoria (MASA). Além disso, foram planejadas diversas propostas, tais como: a luta por políticas públicas de promoção e reconhecimento dos ofícios tradicionais de saúde popular (benzedadeiras, benzedores, curandeiros, costureiras, costureiros de rendiduras, remedieiros e parteiras); a defesa do livre acesso às plantas medicinais nativas; a luta para a promoção da cultura religiosa local e a programação de ações de repasse dos conhecimentos e práticas tradicionais de cura a novas gerações, dentre outras ações apontadas pelas benzedadeiras (MEIRA, 2018).

Em 2010, o MASA conseguiu importantes avanços na região, servindo de referência para o Brasil. A exemplo desses valiosos avanços, tem-se a criação de leis municipais de reconhecimento dos ofícios tradicionais de saúde popular aprovadas nos municípios de São João do Triunfo e Rebouças. Além disso, Meira (2018) deixa bem evidenciado que, no Brasil, o debate sobre tratamentos alternativos e práticas integrativas no SUS tem ganhado espaço, principalmente em eventos como o “Encontro Holístico Brasileiro – Conferência de Saúde, Ciência e Espiritualidade”, em Porto Alegre, evento anual que no ano de 2017 realizou a sua 11ª edição.

O Brasil dispõe de diversas leis e tratados internacionais que buscam valorizar a diversidade biológica e as formas tradicionais com que os povos e as comunidades tradicionais fazem uso dos recursos naturais. O Decreto nº. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007, institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, que tem como objetivo específico: ‘Apoiar e garantir a inclusão produtiva com a promoção de tecnologias sustentáveis, respeitando o sistema de organização social dos povos e comunidades tradicionais, valorizando os recursos naturais locais, práticas, saberes e tecnologias tradicionais’ (MEIRA, 2018, p. 193).

Todos esses relatos nos induzem a imaginar a quão rica é a cultura das benzedeiças e o quão grandioso é o patrimônio construído até o presente momento. É preciso sensibilidade para compreender a importância desse legado para o patrimônio histórico do país, bem como é importante ter dedicação para que esses ofícios não sejam esquecidos, pois apesar de todo apoio relatado anteriormente, as benzedeiças não recebem o devido reconhecimento por parte da sociedade e também do governo. A pesquisa intitulada “*Desfazendo o ‘Mau-olhado’: Magia, Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedeiças*”, realizada por Marin & Scorsolini-Comin (2017), fala do preconceito gerado em torno da cultura das benzedeiças e de como isso afeta a sua manutenção nos tempos atuais. É dito nesse estudo que a realização de mais pesquisas sobre essa cultura pode, aos poucos, ir quebrando o forte preconceito que há acerca desse contexto.

Trazer à baila essas mulheres no presente estudo pode contribuir para que se desfaça, assim como anuncia o título do artigo, o ‘mau-olhado’ por vezes atribuído a essas personagens, conferindo visibilidade às suas práticas e ao modo como se constroem como figuras respeitadas em suas comunidades e valorizadas por seus saberes populares, dentro de um sistema popular de cuidado muitas vezes negligenciado pelos sistemas formais e profissionais (MARIN; SCORSOLINI-COMIN, 2017, p. 458).

Na pesquisa intitulada “ ‘Se eu não fizer o bem, o mal não faço!’: o sagrado afroindígena vivenciado pelas benzedeiças do quilombo do Cria-ú no Estado do Amapá”, realizada por Bezerra e colaboradores (2020), foram entrevistadas duas benzedeiças que moravam na zona rural da cidade de Macapá, no Estado do Amapá. Nesse texto, destaca-se um relato de preconceito e intolerância contra as benzedeiças:

Ao tratar do respeito e da valorização pelos trabalhos que realizam na comunidade do Cria-ú, perguntamos às colaboradoras da pesquisa se elas já foram alvo de preconceito ou algum tipo de discriminação no tocante aos trabalhos mediúnicos que desenvolvem. Para nossa surpresa, afirmaram que sim, já foram chamadas por pessoas da própria comunidade de ‘macumbeiras’ e ‘feiticeiras’, demonstrando, com estes relatos, tristeza e lembranças dolorosas (BEZERRA; VIDEIRA; CUSTÓDIO, 2020).

Portanto, existe a necessidade de ampliar a visibilidade desse ofício, nem que seja na interface com o campo das práticas alternativas em saúde, o que aumentaria as possibilidades de um maior diálogo entre os sistemas de cuidado, tanto na

perspectiva da valorização quanto do reconhecimento e pertencimento dessa cultura e desses ofícios.

É preciso considerar ainda a “*Comunidade de São Miguel das Missões/RS*”, um patrimônio histórico e cultural que representa um significativo marco na constituição narrativa e identitária da região missioneira, e que vem efetivando influências, apropriações e legitimações, as quais, com o passar do tempo, serviram de suporte para distintas memórias e expressões a respeito da formação cultural e das práticas de benzedeadas. As narrativas dos benzedores que hoje atuam nesse espaço são conhecidas, bem como as distintas percepções que possuem acerca dessas referências em sua prática cotidiana, enquanto sujeitos que atuam num campo de fé (SILVA, 2021). Sobre esse espaço é sabido que:

O ofício exercido nesse espaço é, em boa parte, influenciado pelas representações coletivas produzidas acerca do local patrimonializado, ao mesmo tempo em que também reverbera discursos de contrariedade a respeito de sua constituição ou uso no presente. Assim sendo, apresenta-se como o espaço referente ao sítio arqueológico, existente nesta comunidade, que influencia diretamente na manifestação cultural exercida por meio do ofício de benzer (SILVA, 2021, p. 169).

A atividade turística se apresenta nesse local como reflexo tanto dos bens patrimoniais existentes como do próprio ato de benzimento. Na atualidade essa prática tem sido muito consumida, o que vem motivando e servindo de suporte e incremento ao setor do turismo assim desenvolvido. Nos últimos anos, ações objetivam potencializar o fluxo de visitantes e os ganhos financeiros também através de políticas baseadas na própria prática do benzer, enquanto indutora desse segmento, o que também tem sido foco de pesquisas.

Nessa perspectiva, quanto maior for o contato e as trocas entre turista e benzedor, maior poderão ser as influências sobre esse ramo. Exemplos disso são os materiais de divulgação confeccionados pelas mais variadas entidades atuantes em São Miguel, como nos mostra a Figura 1, abaixo.

Figura 1. Material promocional com relação de benzedores da Comunidade São Miguel das Missões/RS



Fonte: BORCHART, 2016

A Figura 1 apresenta o verso de um dos *folders* confeccionados na comunidade citada. Por meio dele é possível perceber o interesse em se agrupar os benzedores existentes na cidade, a fim de que os visitantes possam encontrá-los de forma mais fácil, pois no folder constam os nomes, endereços e telefones. De acordo com Borchardt (2015), o material foi elaborado pela prefeitura municipal através da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, tendo o apoio do Rota Missões, Instituto Iguassu Misiones e do IPHAN. Além disso, foram instaladas também placas de divulgação na frente das casas dos benzedores, para facilitar a localização por parte dos turistas e comunidade miguelina, conforme mostrado na Figura 2.

Figura 2 Casas das benzedoras Alzira de Oliveira e Nelcinda Galvão, localizadas na Comunidade de São Miguel das Missões/RS



As imagens acima são de residências de benzedoras de São Miguel das Missões, sendo a primeira referente à casa de Alzira de Oliveira Leite (zona urbana) e a segunda de Nelcinda Galvão (zona rural), onde a sinalização indica: nesta casa “a cura é feita através do benzimento” (BORCHARDT, 2016). Nota-se que todas essas formas de comunicação/expressão são tentativas de chamar atenção da comunidade para que reconheçam a cultura presente no patrimônio das benzedoras.

Trazendo esses espaços culturais para um contexto de maior importância, Gonçalves (2012) considera que a palavra patrimônio atua como uma reivindicação. Qualquer espaço, qualquer lugar, qualquer atividade ou qualquer objeto pode ser identificado e reivindicado como patrimônio por um ou mais grupos sociais. É sabido que esses espaços podem ser lidos como testemunho da história de diferentes indivíduos e seus coletivos, que os ocupam, os utilizam e os ressignificam, estabelecendo relações de pertencimento dos indivíduos com a sociedade. Assim, entende-se que as casas das rezadeiras, por exemplo, onde são realizados tanto seus ritos como o seu cotidiano, sejam também um patrimônio.

Outro caso parecido são as casas de rezadeiras da cidade de Oeiras, localizadas no Estado do Piauí. Trata-se de espaços culturais muito importantes. Tais residências são destinadas aos rituais dessas mulheres, o que faz delas também Patrimônio Cultural Imaterial e, por isso, devem ser respeitadas e preservadas como tal. Na pesquisa realizada por Mota (2022) é relatado sobre esse espaço.

Quando realizei a visita à casa das rezadeiras, a casa de Dona Inácia possuía uma porta de entrada que chamou a atenção. É uma porta de madeira, que

se repartia em duas partes, típica porta encontrada em cidades do interior. Somente no espaço da sala de estar, espaço que mais produzimos para aparentar e destacar as características que queremos que os outros tenham sobre nós, é onde a busca pela cura se encontra, mas é também o local da rotina de assistir televisão e novelas. Sem muito adentrar, logo pude ver os quadros de santos em suas paredes e crucifixos. Assim, sem pensar muito, entendi que a imagem passada ali era de mulheres devotas ao catolicismo (MOTA, 2022, p. 69).

O texto também destaca que as imagens de santos são o que mais se visualiza nas casas estudadas, por fazerem parte do catolicismo popular, praticado assídua e cotidianamente por essas mulheres. Segundo o autor:

As imagens religiosas, quando se encontram em um local devocional, representam além do que elas evocam e explicitam sua própria presença, torna-se visível. Elas denotam a existência de uma devoção religiosa independente da frequência de visitas as igrejas, mas que é vivida em seu cotidiano (MOTA, 2022, p. 71).

Assim, os rituais praticados em suas próprias casas adentram às falas de Woortman (1992), “[...] que coloca a casa como centro das atividades familiares: espaço de socialização e de sociabilidade, de religiosidade, cuidados com a saúde, componente do ‘campo feminino’” (MOTA, et. al., 2022, p. 64), o que faz total sentido nesse contexto. Esses locais, considerados patrimônios, necessitam de assistência e visibilidade, pois é a partir do contato humanizado da população que a cultura presente será difundida na sociedade, como abordado nos estudos realizados por Silva (2021).

Dessa forma, torna-se nítida a necessidade de novos meios que sejam eficazes na promoção e difusão cultural das benzedeadas para a sociedade como um todo, conforme acontece na Comunidade de São Miguel das Missões/RS. Além disso, a criação de novas leis, decretos ou instituições que foquem nesse perfil cultural, tão forte no país, é uma forma de aproximar mais a população desse ofício; além de zelar pelo patrimônio imaterial e valorizar a cultura popular, salientando ainda mais a sua importância.

1.4.3 Mulheres no Ofício do Cuidado: Explorando o Papel das Benzedeadas na Promoção da Saúde e do Bem-Estar

No tecido das comunidades existe um fio invisível que costura o cuidado e o bem-estar, muitas vezes, sem alarde. Ao longo da história, as sociedades têm sido abençoadas com uma riqueza inestimável de conhecimento e sabedoria, transmitida

de geração a geração. Esse conhecimento, muitas vezes, encontra seu santuário nas mãos, nos corações e nas palavras de mulheres sábias, que desempenham um papel vital, mas muitas vezes subestimado, no ofício do cuidado. Elas são as cuidadoras silenciosas, as curadoras de tradições e guardiãs das práticas que nutrem não apenas o corpo, mas também a alma de suas comunidades. Nesse contexto, é essencial explorar mais profundamente o impacto e a influência das mulheres que, por meio do cuidado, têm ajudado a moldar as identidades culturais, a memória e o bem-estar daqueles ao seu redor. Este é um olhar em direção a essas mulheres, cuja contribuição muitas vezes passa despercebida, mas cujo legado é de valor incalculável.

A presença das mulheres na medicina popular é um capítulo recorrente na história da saúde. Entre as figuras notáveis desse cenário, destacam-se as benzedadeiras, cujo papel ao longo dos séculos tem sido fundamental na provisão de cuidados de saúde nas comunidades. No entanto, para compreender plenamente o contexto e a importância dessas mulheres, é preciso mergulhar nas complexidades das épocas passadas, incluindo os séculos XVIII e XIX, períodos em que suas contribuições eram frequentemente invisibilizadas ou interpretadas de forma limitada.

Essas mulheres não apenas praticavam a cura tradicional, muitas vezes indo além do aspecto físico, como também desempenhavam um papel valioso e resiliente, especialmente considerando-se o contexto histórico e as restrições sociais da época. Ao realçar a atuação das benzedadeiras, esta pesquisa não somente celebra a contribuição significativa dessas mulheres para a saúde popular, mas, ao mesmo tempo, reconhece que a dimensão de gênero é um tema complexo, merecedor de uma exploração mais profunda. Esse reconhecimento abre possibilidades para pesquisas futuras, as quais poderão examinar mais detalhadamente o impacto das mulheres na medicina popular, bem como a influência do conceito de gênero dentro dessa prática.

Mary Del Priore (2001) surge como uma figura essencial ao iluminar a história das mulheres no período colonial do Brasil, revelando que a prática de cura, incluindo a benzeção, constituía um papel vital exercido por mulheres, frequentemente antecedendo a intervenção de médicos e cirurgiões. Em seu exame metódico, Del Priore (2001) evidencia como essas mulheres, muitas vezes invisíveis nas narrativas tradicionais, exercem uma influência profunda na saúde e no bem-estar de suas comunidades. Através de suas habilidades e conhecimentos, elas desempenhariam

um papel crucial, cuidando do corpo feminino e respondendo a necessidades de saúde essenciais.

No Brasil, estima-se que desde o período colonial, em decorrência da falta de médicos, mulheres conhecedoras das propriedades medicinais de ervas que cultivavam em suas casas, mesclavam suas orações, seus conhecimentos empíricos das forças da natureza ao manuseio de ervas, a fim de sanar males cotidianos e abrandar as enfermidades que assolavam seus ciclos familiares (CUNHA, 2018, p. 20).

Del Priore segue esclarecendo que:

Somem-se outros fatores, como a extensão territorial da colônia, a falta de lucratividade da profissão, a péssima fiscalização do exercício profissional e do comércio das drogas medicinais, as lamentáveis condições sanitárias e hospitalares, e compreende-se por que mulheres detentoras de um saber-fazer autêntico sobre doenças e curas tomaram a frente nos tratamentos capazes de retirá-las e suas famílias das mãos da medicina que não se mostrava competente para curar mazelas e doenças de qualquer tipo (DEL PRIORE, 2001, p. 82).

O conhecimento das benzedeadoras é um componente essencial do saber popular, com foco específico no campo da saúde. Sua prática perdura graças às tradições transmitidas pelas mulheres na sociedade contemporânea, sem se colocar em conflito com a ciência e a técnica médica. Segundo Del Priore, essas mulheres, por meio de seu conhecimento, desempenham um papel fundamental na preservação de certas tradições sociais.

Esse saber informal, transmitido pela mãe para filha, era necessário para a sobrevivência dos costumes e das tradições femininas. Conjurando os espíritos, curandeiras e benzedeadoras, com suas palavras e ervas mágicas, e suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, substituíam a falta de médicos e cirurgiões, também acresce à origem sobrenatural da doença, que levava tais mulheres a recorrerem a expediente sobrenatural, mas essa atitude acabou deixando-os na mira da igreja que as via como feiticeiras capazes de detectar e debelar as manifestações de Satanás em corpos adoentados. Isso mesmo quando elas estavam apenas substituindo os médicos que não alcançavam longínquos rincões da colônia (2001, p. 81).

Essas mulheres, possuidoras de conhecimentos profundos sobre a cura e detentoras de poderes espirituais, estavam vinculadas a uma comunicação com o sobrenatural e com demônios. Durante a Idade Média, eram frequentemente identificados como feiticeiras ou bruxas e, como resultado, enfrentavam perseguições promovidas pelos inquisidores do Santo Ofício, controlados pela Igreja Católica. A

despeito do medo que seus poderes provocavam, essas mulheres também inspiravam confiança em suas práticas, o que as conferia prestígio (DEL PRIORE, 2011, p. 123).

Gradualmente, no contexto da construção da alteridade colonial, as figuras de bruxa, feiticeira, curandeira adquiriram características próprias e frequentemente se apresentam com conotações raciais. No Brasil, essa imagem está intrinsecamente ligada a mulheres negras e indígenas e, historicamente, associada a práticas de perseguição e tortura direcionadas a essas mulheres. Tais práticas visavam subjugar suas tradições e depreciar suas habilidades técnicas, tudo em prol do controle de seus corpos e identidades. O objetivo final era a destruição das práticas, das conexões culturais e dos conhecimentos. “As mulheres se converteram nas principais inimigas do domínio colonial” (FEDERICI, 2018, p. 402, apud MARTINS; CLARINDO; CAMPOS, 2023).

Martins et al. (2023) afirmam que o conhecimento elaborado por esses grupos de mulheres foi percebido como perigoso pelo poder colonial/inquisitorial. As bruxas possuíam técnicas de analgesia, digestão e tranquilização, incluindo o uso de esporas de centeio, conhecidas como "cravagem do centeio", para aliviar as dores do parto. Essas práticas entraram em conflito com a visão da moral religiosa cristã da época, que interpretava a dor feminina como uma vingança divina decorrente.

As mulheres possuíam conhecimentos sobre o uso da planta beladona (ainda hoje usada como antiespasmódico) para suprimir as contrações uterinas quando havia risco de aborto espontâneo. Além disso, os autores compartilham que a digitálica (um remédio importante para doenças cardíacas) foi descoberta por uma bruxa inglesa. Esses são exemplos de conhecimentos que as mulheres tinham nesse aprendizado de saberes tradicionais.

Além disso, as parteiras e curandeiras compartilharam de técnicas mecânicas de melhoria abdominal, realizando ações como esfregar e diminuir a pressão abdominal para facilitar o trabalho de parto. Esses conhecimentos populares foram realizados principalmente por mulheres que, envolvidas, incorporaram palavras e rituais mágicos para auxiliar no processo de cura. Muitas vezes, essas mulheres eram convocadas para auxiliar na previsão do futuro, encontrar itens perdidos, identificar ladrões, marcar e cuidar de animais, fornecer amuletos da sorte, preparar poções de amor e oferecer conselhos (MARTINS et al., 2023, p. 207).

Em seu artigo "Uma Análise no Feminino: Artes e Ofício de Cura – Benzedeadas e Parteiras de Ituiutaba – 1950/2006" Rosane Ribeiros Borges (2007) ressalta a

presença da mulher, indicando uma espécie de permanência do feminino. Essa presença pode ser chamada de natureza básica ou de famosa sensibilidade feminina, como Machado analisou:

A benzeção, ao contrário do curandeirismo, é quase sempre uma especialidade feminina. É a mulher que detém o segredo das palavras, dos gestos que exorcizam o mal. Mais detalhista e sensível, é atenta aos ritos, doadora por natureza, mais afeita às oferendas (MACHADO, 1998, apud BORGES, 2007, p. 16).

A citação de Machado (1998), conforme referência de Borges (2007), destaca a benzeção como uma prática predominantemente feminina. Nela, as mulheres desempenham um papel central, detendo os segredos das palavras e gestos que visam exorcizar o mal. Essa especialização é reflexo de uma atenção minuciosa aos ritos e uma sensibilidade aprofundada, características que se alinham com a natureza do gênero feminino. Além disso, a mulher benzedeira é frequentemente associada à generosidade e à disposição para fazer ofertas, realçando sua conexão intrínseca com a esfera espiritual e sua função interativa entre o mundo sobrenatural e o terreno. A benzeção, assim, emerge como uma manifestação única e vital do conhecimento tradicional que as mulheres detêm, consolidando sua importância na preservação e prática das famílias populares e rituais de proteção contra o mal.

1.4.4 O ofício de benzer – Benefício à Comunidade

O ofício das benzedeiros se apresenta com um papel social essencial, proporcionando conforto, saúde e alívio para aqueles que não encontraram ou não buscaram na medicina convencional a solução para suas aflições. No entanto, essa atividade muitas vezes entra em contato com o domínio da saúde institucionalizada, criando uma relação que nem sempre é harmoniosa. Isso nos leva a estabelecer um paralelo entre o saber erudito, respaldado pelo conhecimento científico, e o conhecimento popular, frequentemente adquirido como senso comum e, por vezes, marginalizado.

Nesse contexto, as benzedeiros operam como um exemplo notável de como as práticas tradicionais de cura podem coexistir e complementar a medicina oficial, trazendo benefícios para a comunidade, apesar das diferenças e desafios inerentes a essa relação. Para Oliveira,

O ofício da benzeção sintetiza um dos momentos concretos e possíveis em que aparece o confronto popular / erudito, onde a benzeadeira antagoniza o seu conhecimento ao do médico e ao dos padres. O ofício da benzeção é um dos momentos em que a benzeadeira propõe uma releitura da religião e da medicina (1985, p. 74).

O ofício da benzeção e suas práticas ritualísticas, de acordo com o conceito de Gomes e Pereira (2004, p. 19), “[...] é uma linguagem oro-gestual com a qual algumas pessoas – detentoras de poder especial – controlam as forças que contrariam a vida harmoniosa do homem. Benzer é garantir o funcionamento da normalidade desejada e conter o mal”. Esse processo de benzeção pode apresentar vários sentidos, “desde doar o ato de benzer (Eu te abençoo) até admirar-se, espantar-se, passar bons fluídos, produzir os benzimentos, dentre outras nomenclaturas” (OLIVEIRA, 1985, p. 8-9).

A prática da benzeção tem como principal objetivo a cura de diversas enfermidades tanto físicas quanto espirituais. O ritual da benzeção é caracterizado por um ambiente misterioso e proporciona um conforto singular para aqueles que o buscam, muitas vezes não obtido por meio de outras abordagens medicinais convencionais. Essa prática envolve a recitação de jaculatórias, orações fixas, uso de objetos rituais e prescrição de remédios específicos, além do consolo emocional oferecido pelas palavras da benzeadeira.

A diversidade e singularidade na forma como cada benzeadeira realiza o ritual de benzeção constituem um aspecto fascinante da prática, e os resultados obtidos são frequentemente garantidos por seus seguidores. Apesar de uma redução periódica no número de benzeadeiras ao longo do tempo, a eficácia e as continuidades dessa prática na comunidade se mantêm. As benzeadeiras têm uma preocupação constante em preservar essa tradição, cientes da sua cultura e importância na comunidade em que participam.

A transmissão do ofício é um elemento crucial na vida de uma benzeadeira. É por meio dessa transmissão que suas práticas e valores são perpetuados, garantindo que sua sabedoria seja preservada e passada para as próximas gerações. Essa continuidade ressalta a significância do trabalho realizado pelas benzeadeiras em suas comunidades, onde sua atuação é valorizada e reconhecida como um patrimônio cultural e espiritual. Nesse contexto, a transmissão de conhecimentos se torna um momento delicado, marcado por responsabilidade e devoção à preservação dessa tradição milenar. Muitas vezes, esse ofício é transmitido entre pessoas de uma mesma

família, outras vezes, o indivíduo é identificado como tal por outra pessoa, por possuir uma característica de bondade ou de habilidade para ajudar as pessoas, ou se tem ainda todas essas situações combinadas de diversas maneiras entre si, o que leva a benzedeira a acreditar no seu potencial curativo.

Sabe-se que sempre há uma espécie de sinal para a descoberta da mulher ou do homem escolhido para o dom divino, normalmente relacionado a um episódio muito marcante na vida da pessoa (CASTRO; VILLACORTA, 2021).

A título de exemplo, no estudo de caso realizado por Castro & Villacorta (2021), ao entrevistar uma benzedeira, esta relatou que seu dom foi recebido ainda quando era criança:

Aos 8 anos de idade, na volta para casa, um animal encontrava-se em agonia de parto, minha avó me pediu para pegar o azeite e começamos a benzer juntas, puxava a barriga do animal, até que consegui, e desde aí comecei a benzer (CASTRO; VILLACORTA, 2021, p. 155).

Temos ainda o relato da Benzedeira M., 35 anos, que se reconectou com seu “dom” através de uma busca religiosa.

Eu fui para um segundo terreiro, e lá o desenvolvimento era sua experiência pessoal, aí você podia ir desenvolver melhor, tipo minha entidade está precisando de tal coisa, e aí eu comecei a sentir a necessidade de 2 entidades de mexer com planta, só que como sou uma médium consciente, não tenho como passar uma receita que eu não conheço, aí eu pensei preciso fazer um curso sobre plantas, aí quando eu comecei a fazer e quando eu comecei a fazer isso eu no mesmo tempo eu falei assim gente eu queria tanto benzer sempre falava isso nossa eu queria tanto ser benzedeira e aí eu lembrei que a minha mãe tinha dito que a vó dela era benzedeira, que é a minha bisavó e segundo a minha mãe eu fui a última pessoa que minha bisavó benzeu e fui perguntar para minha mãe se era isso mesmo, que minha bisavó era benzedeira, aí ela disse é isso mesmo, então eu disse para mim, é isso então. (Benzedeira Mel, Goiânia, 2023).

Nessa situação, é importante destacar que as benzedeadas e seus trabalhos só podem ser compreendidos ao estudar aos fatos que as levaram a iniciar tal prática, isto é, o momento em que recebem o “dom”.

Além disso, é importante destacar que as palavras proferidas pelas benzedeadas durante seus rituais possuem um caráter sagrado, uma vez que estão imbuídas de um poder capaz de promover a cura e restabelecer o equilíbrio almejado. Gomes e Pereira (2014) reconhecem e ressaltam o potencial inerente a essas palavras, afirmando que “[...] com estas palavras o benzedor intimida, reduz, extirpa

os males; consola e orienta os pacientes. Cria, enfim, mecanismos linguísticos que agem concretamente sobre os malefícios (GOMES; PEREIRA, 2014, p. 30).

As benzeções começam a ser rezadas em voz baixa, em murmúrios e muitas vezes, de forma quase que inaudível ou incompreensiva, acompanhadas de vários gestos, com ervas, copo d'água, terço, entre outros aparatos do imaginário simbólico presentes nessa prática. Isso ocorre, geralmente, porque o clima de segredo e magia contribui para a preservação e para a variação regional nos textos sobre benzimento, da mesma forma que a inclusão de equivalências simbólicas e nativas distintas de região, muito embora venham a manter em sua estrutura o ritual e as rezas, e os elementos invariáveis e corriqueiros, apesar de possuírem significados distintos (CASTRO; VILLACORTA, 2021).

A maioria das benzedeadas usam plantas do próprio quintal e, ao final do ato de benzer, indicam procedimentos a serem realizados, tais como: acender velas, fazer o uso de chás, tomar banhos de ervas, entre outros. Essa maneira de dirigir tais rituais, e mais especificamente, a maneira como as palavras são proferidas (audíveis ou não) está ligada à conexão que se estabelece entre elas e a divindade. Uma importante observação foi levantada a esse respeito por Nascimento (2010):

Na maioria das vezes, o discurso das benzedeadas é silenciado por fatores intrínsecos à tradição. Os fatores intrínsecos do silenciamento do discurso dizem respeito à força das rezas e à forma singular de estar em contato com Deus (NASCIMENTO, 2010, p. 24).

O silenciamento na hora de proferir as rezas também diz respeito à manutenção do caráter sigiloso dessas práticas, sob pena de a força das orações ser perdida. O silêncio adotado por elas no ato da benzeção funciona como um recurso de fortalecimento do poder dessas palavras. Como as palavras são dirigidas a Deus, elas podem ser apenas mentalizadas e/ou sussurradas e, mesmo assim, acredita-se que alcançarão seus propósitos de cura (NASCIMENTO, 2010).

No recente estudo feito por Castro (2021), a respeito do ofício de benzer, realizado no município de Tracuateua no Pará, observou-se que dentre as doenças mais tratadas estão o quebranto e mau-olhado, erisipela, espinhela caída, cobreiro e fogo selvagem, sendo estas duas últimas ligadas a lesões na pele (CASTRO; VILLACORTA, 2021). Da mesma forma que em Pires do Rio e Palmelo, ambos na região sudeste de Goiás, observa-se a procura pelo tratamento de cobreiro, sapinho, quebrante e mau-olhado (SANTOS, 2016). Apesar do conhecimento da presença e

uso dos dons das benzedeadas em diversas regiões do Brasil, é no nordeste brasileiro que essa prática adquire uma dinâmica cultural particular e altamente frequente (SILVA, 2021).

Por sua vez, Oliveira (1985) analisou as bases socioeconômicas desse fenômeno social, concentrando-se no conceito de classes populares, inspirado na corrente do pensamento marxista, a qual considera a luta de classes como um elemento fundamental e impulsor da história. Sob essa perspectiva, as "benzedeadas populares", conforme a autora denomina, são inseridas no contexto da resistência de uma classe oprimida em relação a uma classe opressora. Essa abordagem justifica a razão pela qual essa cultura é predominantemente vivenciada pelos estratos menos favorecidos da sociedade (OLIVEIRA, 1985, p. 26-30).

Quintana (1999), em uma abordagem conceitual distinta, explorou o benzimento como uma prática impregnada de simbolismo, ritualismo, aspectos irracionais, componentes psicológicos e dimensões sociais. Por meio dessa abordagem, ele rejeita a dicotomia entre a medicina convencional e essas práticas populares, direcionando sua atenção para as construções vividas que emergem nas práticas sociais. Isso resulta na formação de um complexo conjunto de representações que caracterizam o benzimento (QUINTANA, 1999, p. 93).

De modo geral, a análise dos referidos estudos realizados por diferentes aportes teóricos indica a necessidade e importância de serem empreendidas pesquisas sobre as benzedeadas e o ofício de benzer, que dialoguem com outras ciências, principalmente no campo da História e dos fenômenos religiosos. Compreender as benzedeadas e seus atos é buscar o significado de sua prática social, entendendo como é recriada essa cultura popular. Significa explicitar, a partir de relações sociais definidas, uma visão de mundo, da benzedeadas com aqueles que a procuram, com o seu ofício de benzer, com a sua vida cotidiana (SILVA, 2013). Com isso, é essencial apontar formas de preservação e de compartilhamento dessa cultura com o meio social.

CAPÍTULO 2 – METAMORFOSE DO BENZIMENTO: INTERSECÇÕES DA TRADIÇÃO COM A ATUALIDADE

Nos meandros da cultura popular, um notável processo de transformação vem tomando forma, abrindo caminho de uma nova era para as benzedeadas. Essas figuras emblemáticas, por muito tempo guardiãs de tradições ancestrais, estão agora passando por uma metamorfose que ressignifica seu papel na sociedade contemporânea. A prática tradicional das benzedeadas, que uma vez foi transmitida predominantemente de forma oral, está evoluindo com o tempo, abraçando novas dimensões.

Quando exploramos o processo em curso de transformação no ofício do benzimento, torna-se imperativo discorrer sobre os conceitos de tradição e modernidade. Para fundamentar essa abordagem, acompanhei a contribuição de Marco Paulo Andrade e sua dissertação intitulada "Tradição e Modernidade: Estudos sobre as Representações e Práticas Culturais da Benzeção".

Andrade (2019) descreve que raízes da tradição e as crenças místicas funcionaram como guias e ferramentas essenciais para as sociedades humanas desvendarem os mistérios do mundo que as cercava. Nos tempos que antecederam a era moderna, a tradição e os símbolos não apenas direcionaram a trajetória da sociedade, mas também desempenharam o papel crucial de perpetuar experiências ao longo das gerações (GIDDENS, 1991, apud ANDRADE, 2019, p. 47).

O autor ressalta que a tradição é intrinsecamente coletiva, não emergindo como um atributo individual específico. Ela não somente denota o que é esperado ser seguido, mas também reflete o que de fato é homenagem, ou privilegiado, na sociedade. O seu caráter moral confere uma sensação de segurança a quem busca amparo nela (GIDDENS, 1997, apud ANDRADE, p. 47).

Giddens (2003) argumenta que todas as tradições são criadas, uma vez que nenhuma sociedade é totalmente tradicional. As tradições e costumes surgem de diversas origens e não devemos assumir que a construção consciente da tradição é exclusiva do período moderno.

[...] todas as tradições são inventadas, pois nenhuma sociedade tradicional é: [...] inteiramente tradicional, e tradições e costumes foram inventados por uma diversidade de raízes. Não deveríamos supor que a construção consciente da tradição é encontrada apenas no período moderno [...], as tradições sempre incorporam poder, quer tenham sido construídas de

maneira deliberada ou não. Reis, imperadores, sacerdotes e outros vêm há muito inventando tradições que lhes convenham e que legitimem seu mando [...]. Toda continuidade que possa estar presente nessas doutrinas é acompanhada de muitas mudanças, algumas até revolucionárias, no modo como são interpretadas e cumpridas. Uma tradição completamente pura é algo que não existe (GIDDENS, 2003, apud ANDRADE, 2019, p.49).

A própria noção de "tradição", tal como começou a ser usada, ultrapassando a mera transmissão de propriedade, é, como observa Giddens (2003), uma construção da modernidade que surgiu na Europa por volta do século XVII, coincidindo com a Revolução Industrial. Esse período marcou o desenvolvimento de novas formas de organização social, costumes e estilos de vida, os quais exerceram influência em várias partes do mundo. Com a ascensão da modernidade, houve uma tentativa de "rompimento" com a tradição. As sociedades modernas não emergiram ancoradas na tradição como base, mas, como aponta Giddens, "[...] as primeiras instituições modernas não apenas se apoiaram em tradições preexistentes, mas também introduziram algumas novas" (GIDDENS, 1997, p. 115, apud ANDRADE, 2019, p. 49).

A vida moldada pela modernidade se distancia dos padrões tradicionais tanto em sua intenção quanto em sua capacidade de ação e alcance. As mudanças provocadas por esse fenômeno são mais profundas do que a maioria das transições vivenciadas ao longo da trajetória das sociedades humanas (GIDDENS, 2001, apud ANDRADE, 2019, p. 50).

O mesmo autor ressalta que, diante dos caminhos históricos e do impacto da modernidade, evidencia-se que a globalização tem instigado mudanças culturais e nos valores. No entanto, os conhecimentos ancestrais se inserem em um contexto de reinterpretação contínua e de racionalização dinâmica. A preservação desses saberes resulta de um processo constante de interpretação, com a capacidade de conectar o presente ao passado.

A tradição 'é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência sobre o presente'. Mas ela também se relaciona com o futuro, uma vez que as práticas estabelecidas são revisitadas e examinadas, fazendo com que se voltem os olhares para o passado com a intenção de reconstruir o futuro (GIDDENS, 1997, apud ANDRADE 2019, p. 55).

Através do estudo das benzedeadas, é possível discernir essa metamorfose na tradição. Ao longo do tempo, muitas "tradições foram reinventadas e outras instituídas pela primeira vez" (GIDDENS, 2003, apud ANDRADE, 2019, p. 50). Longe de ser uma

entidade estática, a tradição se engaja em um processo de racionalização e reflexividade, buscando redefinir os significados associados aos símbolos, práticas e crenças diante das novas experiências e aprendizados que emergem.

Na contemporaneidade, o ressurgimento dos saberes tradicionais, mágicos e científicos relacionados à cura encontra expressão na prática das benzedeadas, oferecendo uma notável ressignificação cultural. Esses conhecimentos se entrelaçam e se difundem através das relações sociais ampliadas na atualidade, dando origem a um ambiente aquecido, em que uma diversidade de símbolos, provenientes de fluxos locais e globais, colidem ou se fundem. No contexto das benzedeadas, essa convergência manifesta-se de maneira única, gerando novas configurações de representações, práticas e identidades. O renascimento das benzedeadas na contemporaneidade ilustra vividamente como esses saberes evoluem, adaptando-se às necessidades e possibilidades da sociedade atual.

Figura 3: Site do Grupo MASA.



A figura 3 - Site do Grupo Movimentos de Aprendizes da sabedoria traz os precursores na busca da legalidade, visualidade e relevância das ofício de benzer nas comunidades.

Uma das primeiras manifestações do movimento de transição das margens para a modernidade surgiu com a transformação do ofício das benzedeadas, impulsionada pelo Movimento Aprendizes de Sabedoria (MASA). A atuação e o impacto desse movimento se estendem além das práticas de benzeção, abrangendo diversas esferas de preservação cultural e ambiental.

Utilizarei o trabalho cartográfico, desenvolvido por Adriane de Andrade e Jorge Ramón Montenegro Gómez, intitulado: *Movimento Aprendizes de Sabedoria (MASA) – cartografando processos de r-existência*.

Para Andrade e Gomes (2019), o Movimento Aprendizes de Sabedoria (MASA) é um dos componentes essenciais do movimento social no Paraná conhecido como Rede Puxirão de Povos e Comunidades Tradicionais. Esse movimento tem como objetivo desenvolver estratégias articulares de resistência e enfrentamento em prol dos Povos e Comunidades Tradicionais (PCT's) do Paraná. Essas comunidades tradicionais abrangem diversos grupos, incluindo indígenas, quilombolas, pescadores artesãos, benzedeadas, cipozeiras, ilhéus, faxinalenses, ciganos e as comunidades de terreiro.

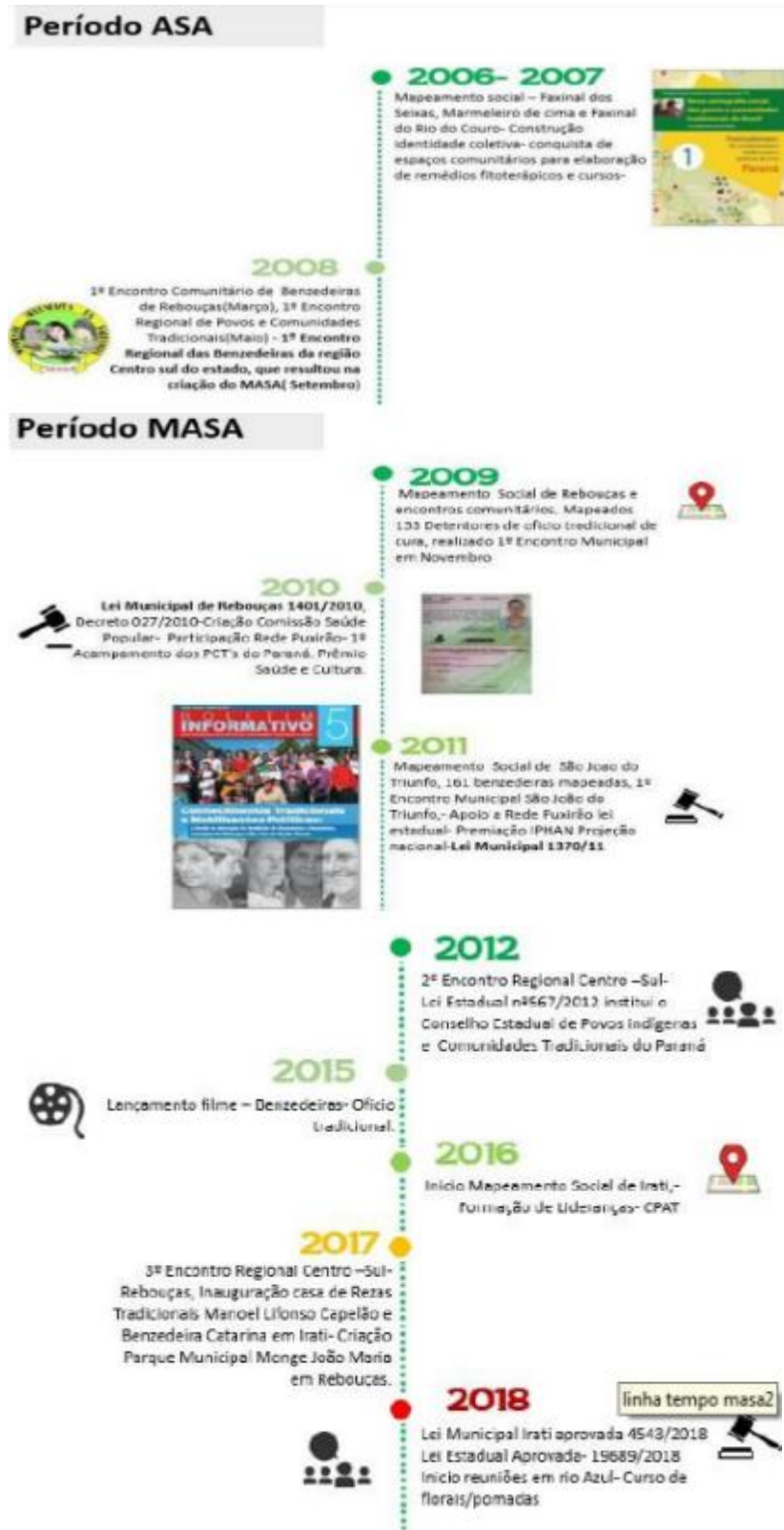
Junto aos demais segmentos, o MASA, movimento social que articula a luta das benzedeadas, está na luta buscando defender seus territórios do avanço do capital que cerca, desmata, envenena suas plantas e criminaliza suas práticas. Em particular, sete dos nove segmentos de PCT's pertencentes à Rede Puxirão vêm se apropriando da cartografia social como ferramenta de resistência e de autorreconhecimento que auxilia no processo de organização e no estabelecimento de reivindicações compartilhadas. (AZEVEDO; GÓMEZ, 2019, p. 130).

Desde 2005, a cartografia social no Paraná tem desempenhado um papel fundamental na sustentação da visibilidade das práticas e dos conflitos sociais vivenciados pelas comunidades tradicionais. Um desses grupos que se destaca nesse contexto é o segmento das benzedeadas no Paraná, as quais adotaram a cartografia social como uma estratégia valiosa em sua luta.

Segundo levantamento cartográfico, “[...] estima-se que existam hoje, no estado do Paraná, aproximadamente 7.000 praticantes da arte de curar e ensinar remédios

caseiros, colaborando diretamente para a saúde de milhares de pessoas em todos os municípios do estado” (MASA 2017, apud AZEVEDO e GÓMES, 2019 p. 133).

Figura 4: Linha do tempo referente ao desenvolvimento do MASA.



Na figura 4 temos uma linha do tempo que mostra o início do movimento, inicialmente surgido dentro da APF, e depois, em 2008, ganhando uma identidade própria, com a criação do MASA, promovendo a separação e o reconhecimento das benzedeadas como uma categoria distinta. Esse grupo foi formado exclusivamente para os detentores dos ofícios tradicionais de cura. As cartografias lideradas por esse segmento tiveram um impacto notável no fortalecimento da identidade coletiva e um papel crucial no desenvolvimento político do Movimento. Esse breve panorama histórico aqui exemplificado é uma prova do reconhecimento atual das benzedeadas, reforçando sua identidade, preservando a tradição da benzedura e compartilhando conhecimento por meio de cursos de pomadas e florais, promovendo assim tanto a manutenção do ofício quanto a do meio ambiente. A força do movimento é expressa por uma das benzedeadas do grupo.

Só depois que entrou o movimento das benzedeadas e tivemos apoio do Ministério Público, conquistamos nossa liberdade. A lei de reconhecimento do nosso ofício em Rebouças e São João do Triunfo foi pioneira no Brasil e a carteirinha das benzedeadas que nos deu essa liberdade e agora a gente pode trabalhar tranquilamente sem medo. Através dos encontros organizados pelo movimento das benzedeadas a gente faz troca de remédio, benzimento é muito bom, atualmente eu sou coordenadora geral do Movimento de Aprendizes de Sabedoria representante de Rio Bonito-Rebouças/PR. Foi através desses encontros que nos explicaram sobre nossos direitos que conquistamos a carteirinha junto a prefeitura. Como benzedeadas, eu atendo gente de todo o tipo, vem gente de longe, uns vens por parente, por ouvir falar, outros pegam na internet... mas o gosto que a gente tem é de ajudar as pessoas, principalmente os mais pobres que não tem dinheiro para pagar um médico, uma consulta, um remédio. Para uma benzedeadas não tem dia nem noite é a hora que precisar, se alguém bater na porta eu atendo, sem cobrar nada em troca, afinal cuidar da vida é nossa missão! (Dona Agda, benzedeadas, de Rebouças, 2017).

O MASA, com notável resiliência, solidificou sua presença nos municípios, emergindo como uma força em constante evolução. Atualmente, suas atividades se estendem globalmente por meio da internet, alcançando audiências em todas as partes do mundo.

Ao fornecer o espaço e o reconhecimento devido para as benzedeadas, o MASA comprova como tradições ancestrais podem ser revitalizadas e mantidas em nossa sociedade contemporânea. Essa valorização das benzedeadas como guardiãs do conhecimento tradicional e da cura abriu caminho para outras benzedeadas se manifestarem, por exemplo, com cursos sobre as ervas medicinais, cursos de

benzimentos advindos de várias vertentes religiosas ou não. O que podemos observar é que neste atual momento, com a internet, as benzedeadas estão modificando o papel de ficar às margens, tornando-se, visíveis, acessíveis e com vontade de manter a tradição, portanto, mudando o modo da transmissão desse saber.

Figura 5: Post do Instagram



Fonte: Instagram

Na figura 5 temos a apresentação do folder de divulgação no Instagram. O encontro RAIZES se dá na cidade de Alto Paraiso e reúne povos tradicionais, parteiras, benzedeadas, raizeiros, no intuito de divulgar a cultura popular e os saberes dos povos tradicionais. O encontro já está realizando sua 6ª edição. Nesse encontro

são realizadas oficinas sobre ervas medicinais, benzimentos e palestras sobre meio ambiente, benzedeadas no âmbito do SUS e apresentações artísticas

Figura 6: Post do Instagram



Fonte: Instagram

Na figura 6 vemos a demonstração da prática do benzimento, que ocorre no Evento Raízes, momento em que os povos indígenas participam e atuam como benzedeadas.

Iniciativas notáveis, como a da Escola das Almas Benzedeadas de Brasília. Este grupo exemplar de almas benzedeadas, constituído por mulheres e homens, não apenas preserva essa tradição, mas também a incorpora de forma inovadora no contexto das Unidades Básicas de Saúde (UBS), mostrando uma intersecção poderosa entre saberes tradicionais e as estruturas modernas de cuidados de saúde.

Figura 7: Benzimento em UBS.



Fonte: Disponível em: <www.dfsaude.gov.br> Acesso em: 27/10/2023

Na figura 7 uma benzedeadora da Escola de Almas Benzedeadoras está benzendo uma usuária do Sistema Único de Saúde (SUS).

A Escola de Almas Benzedeadoras de Brasília é um exemplo da nova forma como as benzedeadoras na atualidade estão agindo. Em Brasília (DF), elas são encontradas nas UBSs (Unidade Básica de Saúde), benzendo os usuários da unidade e também alguns moradores da região que vão para serem benzidos.

Figura 8: Post do Instagram



Fonte: Instagram

A figura 8 é um folder de divulgação com os horários e locais dos benzimentos durante o mês. Há a descrição informativa das benzeções em cada Unidade Básica de Saúde de cada região.

As redes sociais e plataformas online desempenham um papel vital nesse movimento, permitindo a divulgação e o compartilhamento das práticas das benzedeiros e de outras mulheres convidadas em preservar esse patrimônio cultural. Esse fenômeno é uma síntese notável entre a tradição e a inovação, unindo gerações e proporcionando um espaço para que mulheres se conectem, aprendam e se sintam capacitadas a participar dessa herança de cuidado e cura.

transmitir seus conhecimentos, porém, elas ainda são solicitadas nas comunidades onde residem. Seus saberes e atos não rivalizam com as tecnologias das ciências médicas contemporâneas; pelo contrário, a abordagem das benzedadeiras ao cuidar e tratar daqueles que procuram é fundamentada em uma perspectiva de cuidado integral do corpo e da alma. Isso implica até mesmo em aconselhar que os indivíduos busquem auxílio de médicos ou postos de saúde. Apesar da ampla gama de benefícios que as práticas de benzeção oferecem, lamentavelmente, há uma exclusão dos seus conhecimentos por parte das políticas oficiais de saúde.

Através de uma abordagem integral, as benzedadeiras incorporam as dimensões emocionais, físicas e espirituais do indivíduo. Nesse contexto, o referencial de cuidado integrativo, adotado oficialmente pela Organização Mundial da Saúde (OMS), procura reorganizar e coordenar o que previamente estava fragmentado em especialidades médicas. Guiado pela perspectiva abrangente das múltiplas facetas que compõem a individualidade, esse referencial busca proporcionar um cuidado terapêutico global, considerando os diversos aspectos que originaram para a saúde humana.

No Brasil, em resposta às demandas da Organização Mundial da Saúde (OMS), foi integrada, em 2006, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), via Sistema Único de Saúde (SUS). No entanto, a busca oficial por um cuidado integral está cada vez mais associada ao "resgate" das abordagens tradicionais, direcionando-se sobretudo para suas ações empíricas e para os efeitos positivos derivados dos processos vinculados a essas formas e saberes médicos, que fornecem alternativas à medicina moderna.

A partir de 2006, as políticas de saúde integrativas passaram a ser incorporadas oficialmente ao Sistema Único de Saúde brasileiro em resposta à demanda social e às recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS). A partir desse ponto, foram decididos métodos tradicionais e multiculturais para serem aplicados com segurança e eficácia no âmbito da saúde pública.

De acordo com as diretrizes que alinham a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) aos princípios fundamentais do Sistema Único de Saúde (SUS), a integralidade do indivíduo deve ser o foco dos programas de promoção de uma vida saudável. Isso é realizado por meio dos princípios da atenção básica e da consideração primordial da complexidade das dimensões que compõem o ser humano. Assim, fica estabelecido que os cuidados terapêuticos

devem abranger todos os aspectos que contemplam os indivíduos, ultrapassando a dimensão puramente física ou sistêmica (BRASIL, 2006, apud TEXEIRA, 2019, p. 49).

De acordo com Ministério da Saúde, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) são recursos terapêuticos que buscam a prevenção de doenças e a recuperação da saúde, com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. As práticas foram institucionalizadas por meio da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS (PNPIC).

São elas: Medicina Tradicional Chinesa/Acupuntura, Medicina Antroposófica, Homeopatia, Plantas Medicinais e Fitoterapia, Termalismo Social/Crenoterapia, Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa, Yoga, Apiterapia, Aromaterapia, Bioenergética, Constelação familiar, Cromoterapia, Geoterapia, Hipnoterapia, Imposição de mãos, Ozonioterapia e Terapia de Florais, segundo informa o Ministério da Saúde.

Diante dessas considerações, é evidente que há uma necessidade premente de aprofundar ainda mais a caracterização e pesquisa das terapias relacionadas ao benzimento, especialmente com a finalidade de reexaminar os conceitos de cuidado e saúde. Nesse contexto, é factível perceber que as Políticas Nacionais de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) representam um caminho viável para resgatar epistemologicamente abordagens eficazes de cuidado integral (TEXEIRA, 2019).

Texeira (2019) descreve que a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares se revela como um caminho potencial e promissor para a inclusão da prática das benzedeiros como um referencial de cuidado integral a ser reconhecido e considerado. No entanto, é notável que essa inclusão ainda não se concretizou no contexto brasileiro. Observamos que as práticas adotadas pelas Práticas Integrativas e Complementares (PICs) não englobam elementos tradicionais da medicina popular brasileira.

Figura 9: Post do Instagram



Fonte: Instagram

A figura 10 evidencia a divulgação de benzimento virtual, informando a data em que acontecerá o benzimento, além da indicação para o envio dos nomes ao e-mail da Escola.

Figura 11: Retorno à comunidade virtual da quantidade de pessoas que enviaram e-mail solicitando benzimento virtual.



Fonte: Instagram

Na contemporaneidade, as benzedeiros revelam uma impressionante capacidade de evolução e adaptação, mantendo sua essência de cuidado enquanto transcendem as barreiras históricas da repressão. Ao invés de perderem sua forma única de atenção e cura, essas figuras emblemáticas conseguiram encontrar maneiras inovadoras de se manifestar no mundo atual. Por meio de uma combinação de resiliência, expansão e abertura para novas formas de comunicação, as benzedeiros conquistaram espaços mais amplos e visibilidade. Elas conseguem compartilhar suas práticas tradicionais de cura não apenas dentro de suas comunidades, mas também através de encontros interculturais, conferências e eventos que promovem a preservação cultural.

Foto 02: Momento de acolhimento, escuta e benção na UBS Asa Norte em Brasília-DF



Fonte: arquivo da autora

Foto 03: No dia 24 de maio de 2023, na UBS Lago Norte em Brasília, 68 usuários do Sistema Único de Saúde foram atendidos com as bençãos das Almas Benzedoras da Escola Almas Benzedoras de Brasília. A autora que as acompanhou registrou fotos desse evento. Ao encerrar as benzeções, essas almas benevolentes compartilharam orações e expressaram profundos agradecimentos sinceros que disponibilizaram seu dom e tempo para acolher e auxiliar as pessoas.



Fonte: arquivo da autora

No âmbito das intersecções entre a tradição e a atualidade, este capítulo traçou um quadro revelador do papel vital desempenhado pelos benzedores e suas práticas de benzimento na sociedade contemporânea. Examinando a capacidade de adaptação dessas tradições antigas às demandas do mundo moderno, destaca-se a resiliência e a persistência dessas práticas, que se mantêm relevantes no contexto da saúde e do bem-estar. Constatou-se que o benzimento é muito mais do que um mero legado do passado, é um recurso importante que transcende as fronteiras temporais, agregando profundidade e complementaridade à abordagem convencional de cuidados de saúde.

CAPÍTULO 3 – BENZIMENTO COMO AGREGADOR DO HIBRIDISMO CULTURAL – LINHA DO TEMPO DO OFÍCIO DE BENZER

No final do Mestrado Profissional no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio, além da elaboração do presente relatório técnico, é necessário desenvolver um produto final em conformidade com as regulamentações da Portaria MEC nº 389, de 23 de março de 2017, e da Portaria CAPES nº 131, de 28 de junho de 2017.

Como resultado da integração entre teoria e prática, o produto final busca unir a produção científica, a tecnológica e a inovação. Em conformidade com as regulamentações vigentes, a escolha recai na criação de uma animação em vídeo intitulada "*Benzimento como Agregador do Hibridismo Cultural*". Nessa animação, traçamos uma linha do tempo histórico que explora o benzimento e suas influências, especialmente no que diz respeito às religiões e culturas provenientes dos povos africanos, indígenas e europeus.

A produção do vídeo representa uma contribuição significativa para a preservação e divulgação da rica herança cultural e histórica associada à prática ancestral do benzimento. Esse projeto audiovisual foi concebido com o objetivo de traçar uma linha do tempo abrangente, mapeando a evolução dessa prática desde suas origens até suas expressões contemporâneas. No âmbito da investigação das especificidades do hibridismo cultural, o vídeo aborda com profundidade a capacidade de adaptação e o desenvolvimento do ofício das benzedeadas ao longo dos tempos, à medida que a sociedade moderna avançou e novas formas de comunicação e tecnologia emergiram.

Além disso, o vídeo destaca de maneira inovadora como as benzedeadas contemporâneas incorporaram ferramentas como mídias digitais e eventos culturais para preservar e compartilhar suas tradições ancestrais. Através desse vídeo, tal relatório técnico busca documentar não apenas a história do benzimento, mas também enfatizar sua resiliência e capacidade de adaptação, evidenciando como esse ofício mantém sua relevância em um mundo em constante transformação, como um exemplo vivo do intrigante fenômeno do hibridismo cultural.

3.1 Apresentação e formato definido do produto

O culminar deste estudo resulta em um produto representado por uma animação em formato de áudio/vídeo, uma escolha respaldada pelo amplo alcance e facilidade de compartilhamento que essa mídia oferece. Essa animação estará acessível por meio de dispositivos digitais, como computadores, tablets e smartphones, permitindo uma visualização conveniente em uma variedade de plataformas. Além disso, o produto final será disponibilizado no site oficial do Programa de Pós-Graduação em Stricto Sensu Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (PROMEP/UEG), garantindo a transmissão eficaz do conteúdo.

A importância de apresentar um produto em formato de animação em áudio/vídeo é evidenciada pela sua capacidade de envolver o público, transmitir informações de maneira clara e eficaz. A narrativa visual e auditiva fornecida por esse meio de comunicação cativa e torna o conteúdo acessível. A combinação de elementos visuais e sonoros facilita a compreensão de conceitos complexos, tornando-a particularmente relevante na área da educação e na divulgação de informações técnicas e científicas.

A escolha do produto, uma animação em vídeo, destaca a notável acessibilidade e alcance desse meio, viabilizando a visualização em dispositivos digitais já citados. Além disso, a flexibilidade fornecida pelos vídeos, permitindo o compartilhamento em plataformas de mídia social e a incorporação em sites, amplia sua capacidade de atingir um público diversificado. Especificamente no contexto educacional, os vídeos se destacam como uma ferramenta poderosa para o ensino à distância. Portanto, essa animação em vídeo representa uma manifestação da eficácia e relevância desse meio na comunicação contemporânea, abrangendo diversos setores e áreas. Essa escolha reflete o compromisso de envolver o público de forma eficaz e acessível.

A ideia de um vídeo de animação partiu da experiência da autora do relatório técnico, que por meio do estudo de pesquisa teórico e também de forma prática, pôde entrevistar benzedeadas e acompanhar alguns benzimentos, oferecidos por benzedeadas que atuam nas Unidade Básica de Saúde, despertando, assim, a produção de um vídeo, a fim de trazer a inovação das benzedeadas contemporâneas, conectando-as aos meios atuais de transmissão de conhecimento.

As ilustrações das imagens assim como a montagem da animação foram desenvolvidas pelo o profissional Gustavo Moura, goiano, que possui formação em

designer de animação pela a Faculdade Metropolitanas Unidas, e também tem formação em Marketing Digital pela Universidade de Marília. Atua hoje como editor de vídeo, animador e ilustrador. As ilustrações partiram do conhecimento cultural que o ilustrador tem sobre as benzedeadas, sem nenhuma interferência da autora.

O vídeo tem cerca de 4 minutos e 42 segundos, apresenta-se em formato MP4 de alta qualidade para exibição e postagens no Youtube, e também em formato de baixa qualidade para ser exibido em aplicativos como WhatsApp, Telegram e outros. O roteiro e a voz da narração do texto foram desenvolvidos pela autora do relatório técnico, que de forma intuitiva teve a intenção de trazer a sensibilidade e a naturalidade de como as benzedeadas fazem quando oram.

Esta interação da sensibilidade e as imagens se encontra nos estudos desenvolvidos por Richard Mayer, um destacado professor de Psicologia na Universidade da Califórnia, que desde 1975 dedicou sua pesquisa à aplicação da ciência da aprendizagem no campo da educação. Seus interesses abrangem o estudo da cognição, da tecnologia e dos métodos de ensino. Atualmente, seus projetos se concentram na aprendizagem multimídia, no uso da aprendizagem equipada por computador e na aplicação de jogos computacionais com fins educacionais. O cerne do seu trabalho é encontrar maneiras de ajudar as pessoas a adquirirem conhecimentos que possam ser aplicados em novos contextos e situações.

No livro "*Aprendizagem Multimídia*" (2009), Mayer tem como objetivo apresentar princípios para a criação de materiais didáticos multimídia que tenham o potencial de melhorar o processo de aprendizagem. Ele enfatiza que um recurso multimídia não se limita a ser um meio utilizado para transmitir conteúdos, como livros ou computadores, mas, sim, um material que integra elementos verbais, como texto falado ou escrito, com informações visuais, gráficos, fotos, animações e mapas. Mayer argumenta que os meios em si não têm uma influência direta na aprendizagem e, portanto, o foco deve ser em como desenvolver recursos multimídia que otimizem a entrega de conteúdos e mensagens de forma eficaz.

O autor distribuiu uma série de princípios destinados a melhorar o desenvolvimento de recursos didáticos multimídia, com o objetivo de aprimorar a eficácia na promoção da aprendizagem. Esses princípios abrangem a concentração, minimizando detalhes irrelevantes nos textos e figuras, e a promoção da correspondência entre eles. Além disso, enfatizamos a importância da concretude na apresentação de informações e a manutenção da coerência na estrutura do material

didático. A compreensibilidade, através do uso de elementos familiares, é ressaltada, bem como a codificabilidade, que facilita a memorização por meio de características distintivas nos textos e figuras. Esses princípios formam um conjunto abrangente de diretrizes para o desenvolvimento de recursos didáticos multimídia eficazes, alinhados aos processos de aprendizagem e cognição.

O princípio multimídia afirma que as pessoas aprendem melhor com palavras e figuras do que só com palavras. Trata-se de um princípio que justifica o livro como um todo. O princípio da personalização sugere que as pessoas aprendem melhor quando as palavras estão em estilo conversacional do que em estilo formal. Por fim, os princípios da voz e da imagem são extensões do princípio da personalização e, segundo Mayer, quando da publicação do livro, ainda estavam em fase de estudos preliminares. Segundo o princípio da voz, as pessoas aprendem melhor quando a voz da narração é humana do que quando a voz é de máquina. Já segundo o princípio da imagem, as pessoas não necessariamente aprendem melhor quando a imagem de quem está falando/narrando está na tela (SILVA, 2017, p.3).

3.2 Público-alvo

Minha profunda admiração e entusiasmo pelas benzedadeiras é uma paixão que arde em meu coração. Essas mulheres sábias, com sua incrível habilidade de curar e abençoar, sempre foram uma fonte de inspiração para mim. No entanto, minha paixão por compartilhar essa maravilhosa tradição não é apenas uma jornada pessoal, é também uma missão para alcançar um público diversificado que possa apreciar a riqueza dessa herança cultural.

Ao desenvolver uma animação sobre as benzedadeiras, meu público-alvo abrange uma ampla gama de pessoas. Quero alcançar não apenas aqueles que já estão familiarizados com essa tradição, mas também alunos e professores que desejam aprender mais sobre esse assunto. A animação é projetada para educar e inspirar, sendo uma ferramenta valiosa para salas de aula e instituições de ensino. Alunos podem usar essa animação como uma fonte de aprendizado e pesquisa, enquanto professores podem incorporá-la em seus programas de estudo, enriquecendo a compreensão dos alunos sobre essa tradição cultural única.

Além disso, a animação também se destina a um público mais amplo que valoriza o conhecimento ancestral, a espiritualidade e as práticas tradicionais de cura. Isso inclui entusiastas, pesquisadores e todos aqueles que buscam uma conexão mais profunda com a riqueza cultural das benzedadeiras. Através dessa animação, busco

compartilhar essa minha paixão com todos esses públicos diversos, celebrando as benzedeadas e sua contribuição para a preservação da memória cultural.

3.3 O impacto esperado

O impacto esperado da animação sobre as benzedeadas é potencialmente profundo e abrangente. Primeiramente, espera-se que contribua de modo significativo para o reconhecimento e valorização das benzedeadas e de sua notável prática. Isso pode resultar em um aumento do respeito por sua sabedoria e pelo papel crucial que desempenham na preservação de tradições culturais profundas. A animação também tem o poder de ser uma ferramenta de preservação cultural, garantindo que as tradições e práticas das benzedeadas não se percam com o tempo. Ao contar suas histórias e destacar suas técnicas, a animação pode ajudar a garantir que a memória cultural seja mantida viva para as próximas gerações.

A educação e a conscientização também são pilares fundamentais do impacto esperado. A animação pode ser uma fonte valiosa de informações sobre a história, rituais e significado das benzedeadas, aumentando a compreensão geral e conscientização sobre essa prática tradicional. Além disso, tem o potencial de inspirar futuras gerações a seguirem os passos das benzedeadas, à medida que destacam o trabalho dessas mulheres sábias.

Promover o diálogo intercultural e o respeito é outro impacto importante. À medida que as pessoas de diferentes origens assistem, podem aprender mais sobre as tradições das benzedeadas e sua importância nas comunidades, promovendo a compreensão e o respeito mútuo. Por fim, a animação pode contribuir para esclarecer equívocos e mal-entendidos em torno das práticas de cura tradicionais, destacando o valor dessas práticas em contextos específicos.

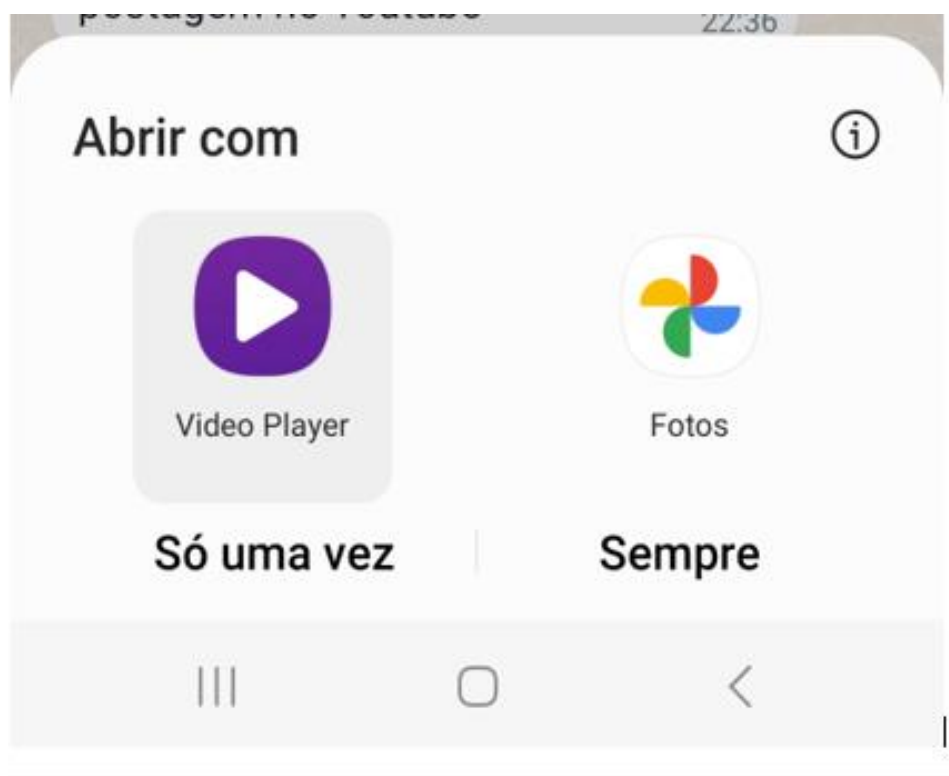
Em resumo, o vídeo tem o potencial de gerar um impacto profundamente positivo, celebrando e compartilhando o conhecimento e as práticas das benzedeadas, preservando a cultura, promovendo a conscientização e inspirando um novo apreço por essa tradição valiosa.

CAPÍTULO 4 – PROPOSTA DE APLICAÇÃO DO PRODUTO

4.1 Manual de uso do Produto

Para a visualização do vídeo, antes de iniciar, certifique-se de que você possui um dispositivo ou dispositivo compatível com reprodução de vídeos MP4. Você pode usar qualquer reprodutor de vídeo padrão para assistir à nossa animação.

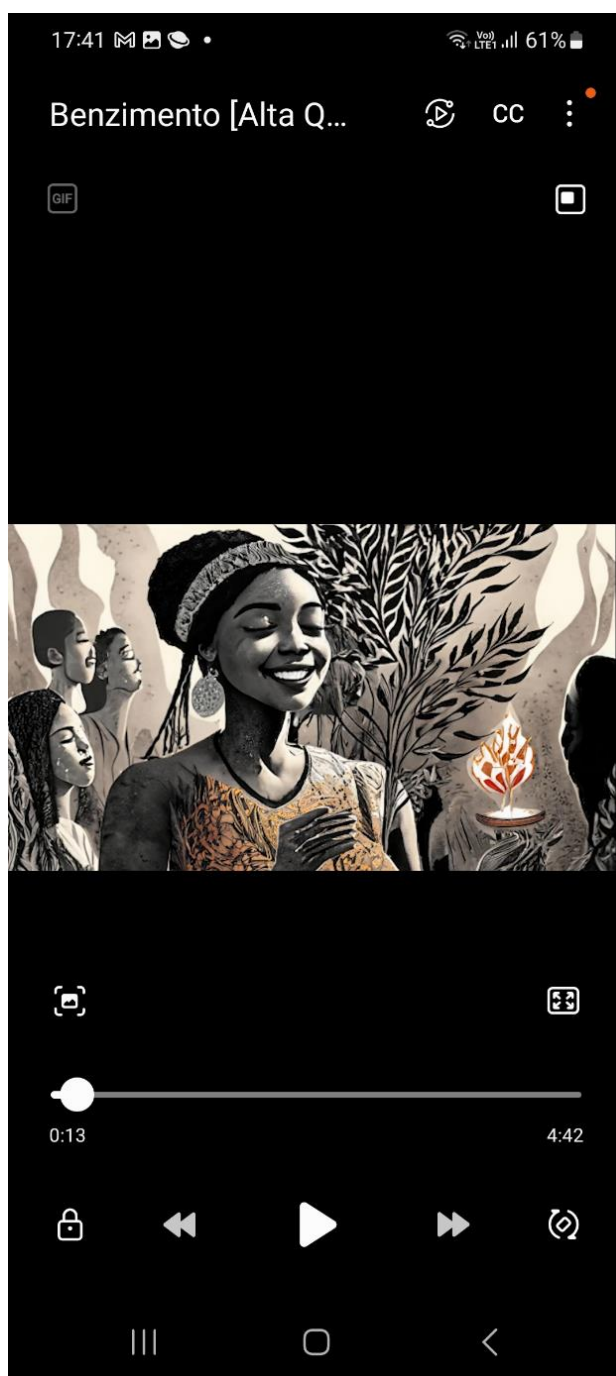
Foto 04: Dispositivo de celular androide, com o aplicativo Video Player para reproduzir vídeos.



Fonte: arquivo da autora

Em seguida, localize o arquivo de vídeo MP4 que você recebeu ou baixou. Clique duas vezes no arquivo para abri-lo com o reprodutor de vídeo padrão do seu dispositivo. Aguarde alguns segundos para que o vídeo seja carregado. Pressione o botão "Play" (Reproduzir) para iniciar a animação.

Foto 05: Uma das imagens do vídeo, informando os botões play para iniciar o vídeo. E outros botões que avançam ou voltam o vídeo.



Fonte: arquivo da autora.

No vídeo-animação tem uma mão (de forma rápida) que representa escrever a história, assim de forma simples e sensível, preservando os elementos subjetivos e relacionais do contexto do benzimento. Apresenta também em maior quantidade

imagens femininas, representando, na contemporaneidade, o destaque das mulheres, por hoje serem em maioria as guardiãs que transmitem este ofício.

4.2 Proposta de aplicação

O vídeo tem como objetivo explorar o fascinante mundo do benzimento, destacando-o como um elemento unificador de diversas culturas. Ele será uma fonte de aprendizado e inspiração para a comunidade escolar e além. Os vídeos não se limitam à sala de aula; neles visamos apresentar o benzimento como uma particularidade cultural interdisciplinar e um ponto de encontro de diferentes tradições, promovendo uma compreensão mais profunda do hibridismo cultural. Essa técnica milenar tem o potencial de alcançar diversos setores, desde o mundo educacional até o acadêmico e o campo da saúde, abrangendo um público amplo e diversificado.

4.3 Devolutiva para a Comunidade

A devolução desse produto envolverá dois momentos de importância significativa. O primeiro deles será dedicado às benzedeadas que generosamente participaram de nossa pesquisa, assim como à comunidade da Escola de Almas Benzedeadas. Nessa etapa, compartilharemos os resultados e descobertas que obtivemos, expressando nossa profunda gratidão pelo gesto de generosidade e confiança que essas mulheres notáveis compartilharam conosco.

Esse momento será uma oportunidade de reconhecimento e gratidão pelas contribuições inestimáveis que essas benzedeadas ofereceram à nossa pesquisa. Além disso, permitirá que a comunidade da Escola de Almas Benzedeadas conheça os resultados de sua generosidade, promovendo uma valorização coletiva desse patrimônio cultural único.

O segundo momento envolve uma apresentação especial externa para a comunidade escolar da Cidade de Goiás. Nessa etapa, nosso objetivo é levar adiante a história do benzimento, demonstrando a riqueza e a profundidade dessa tradição. A apresentação será uma ocasião para divulgar o conhecimento e promover uma compreensão mais ampla dessa prática ancestral, estimulando um diálogo intercultural e uma maior valorização deste ofício.

Para a validação da relevância desse produto no âmbito educacional, foi realizado no dia 20 de outubro de 2023 uma apresentação na Escola Lyceu Goyzes,

na Cidade de Goiás, durante a *Semana da Cultura, Identidade e Memória*. Esta aula envolveu alunos do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), contando com a participação dos estagiários do curso de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG) e das mestrandas do Programa de Mestrado em Estudos Culturais, Memória e Patrimônio (Promep). Durante a apresentação, exploramos o tema do “Benzimento como Agregador do Hibridismo Cultural”, conduzindo os alunos da EJA, estagiários e mestrandos em uma jornada pela linha do tempo das benzedeadas desde tempos antigos, mostrando como as influências culturais moldaram essa prática e como as benzedeadas estão inovando esse ofício nos dias de hoje.

Foto: 06:



Fonte: arquivos da autora

Foto 07:



Fonte: arquivo da autora.

Foi com grande entusiasmo que se apresentou a produção audiovisual intitulada “Benzimento como Agregador do Hibridismo Social” no âmbito deste estudo de mestrado. Após a realização de uma palestra enriquecedora, destinada a estudantes, a presente animação foi concebida com o propósito de aprofundar o entendimento sobre essa temática intrínseca à cultura e à identidade social.

A produção audiovisual em questão se propõe a explorar as raízes históricas e culturais do benzimento, destacando seu notório papel como elemento unificador de tradições diversas e comunidades plurais. Esse recurso educacional almeja despertar a sensibilidade dos estudantes e enriquecer seus conhecimentos a respeito das especificidades do hibridismo social e cultural. É nossa expectativa que essa animação sirva como evento para diálogos significativos e uma compreensão mais profunda das tradições locais e da diversidade cultural global, além de contribuir de forma substancial para uma experiência de aprendizagem enriquecedora e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito desse estudo, fica claro que as benzedeadoras representam mais do que simples detentoras de tradições antigas; são verdadeiras guardiãs do patrimônio cultural imaterial, da memória e da identidade que moldaram nossa sociedade. Este trabalho serviu como uma jornada reveladora, destacando não somente o cuidado e a resiliência dessas mulheres ao longo das mudanças e transformações sociais, mas também a vitalidade e a resistência contínuas de suas práticas em cuidado e na solidariedade com o próximo.

Além disso, ao adentrar nos meandros da pesquisa, foi possível compreender como esse ofício de benzer se perpetua nas novas modalidades, como na internet e em cursos online. Essas plataformas modernas têm o potencial de amplificar a disseminação dos conhecimentos das benzedeadoras, permitindo que suas práticas e saberes ultrapassem barreiras geográficas e alcancem uma audiência compartilhada.

Tendo em vista a riqueza e a complexidade dessas narrativas, é importante ressaltar que este estudo permanece em aberto para receber e incorporar considerações pertinentes e enriquecedoras durante sua fase de qualificação.

Em um contexto de permanente evolução sociocultural e científica, torna-se premente a exploração das complexas intersecções entre a tradição ancestral do benzimento e sua expressão contemporânea. Benzedores, como guardiões dessa prática ancestral, ocupam um lugar singular na atualidade, oferecendo uma perspectiva única e complementar ao cenário da saúde. Este trabalho ressalta a importância do papel fundamental que esses benzedores desempenham, à medida que seus conhecimentos tradicionais se amalgamam com os desenvolvimentos da medicina convencional. As benzeções, no contexto atual, são uma manifestação viva do acervo de sabedoria transmitida ao longo de gerações sucessivas. Nessa conjuntura, ao adotar essas práticas ancestrais, promove-se uma riqueza da abordagem de cuidado holístico, que concede atenção devida às dimensões espirituais e emocionais na busca do bem-estar e da cura. Os benzedores, como protagonistas dessa dinâmica, atestam a relevância contínua dessas tradições e sua adaptabilidade às demandas contemporâneas, estabelecendo, assim, uma ligação crucial entre o legado do passado e o cenário atual, que constitui um patrimônio digno de apreço e proteção.

Com a elaboração do produto em forma de animação áudio visual, vê-se pertinente a divulgação deste vídeo para a compreensão e resgate do saber milenar que integra o ser humano em sua saúde física, emocional e espiritual.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M.P. **Tradição e Modernidade: Estudo sobre as Representações e Práticas Culturais da Benzeção**. Minas Gerais, 2019.

ANDREOLLA, C. L.; LIA, C. F. Catolicismo popular em Fazenda Souza: a prática das benzedeirola como patrimônio cultural. **Métis história e cultura**, v. 17, n. 34, p. 147–166, 2018.

ARANTES, A. A. A salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil. **Revista Tempo Brasileiro**, n. 147, p. 129–139, 2001.

AZEVEDO, G. X. de; LEMOS, C. T. **As Benzedeirola na tecitura da cultura, religião e medicina populares**. Goiânia: Agbook, 2018

_____. **Um olhar sobre as benzedeirola do município de Quirinópolis: entre a cultura, a religião e a medicina popular**. Estudos de Religião, v. 35, n. 3, p. 115–152, 2021.

BEZERRA, M. de J. P. DOS S.; VIDEIRA, P. L.; CUSTÓDIO, E. S. “Se eu não fizer o bem, o mal não faço!”: o sagrado afroindígena vivenciado pelas benzedeirola do quilombo do Cria-ú no Estado do Amapá. **REVER - Revista de Estudos da Religião**, v. 20, n. 2, p. 123–137, 2020.

BOAS, F. **A mente do ser humano primitivo**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BORCHARDT, J. Os benzedeirola de São Miguel das Missões e a atividade turística. **Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 2, n. 2, p. 1–16, 2016.

_____.; COLVERO, R. B. Os Benzedeirola De São Miguel Das Missões-Rs: Aspectos De Memória E Identidade. **Estudos Históricos -CDHRPyB**, v. 5, n. 11, p. 1–23, 2013.

BORGES, M.; SHIMIZU, H.; PINHO, D. Representações sociais de parteiras e benzedeirola sobre o cuidado. **Rev. Ciência, Cuidado e Saúde**, n. 8, v. 2, p. 257-263, 2009.

BRAGA, C.M.L. **A etnometodologia como recurso metodológico na análise sociológica**. Ci. Cult., v. 40, n. 10, p. 957-66, 1988.

BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_n_3.551_de_04_de_agosto_de_2000.pdf.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Práticas Integrativas e Complementares em Saúde**

(PICS). Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics>: Acesso 15/08/2023.

BURKE, P. **Gilberto Freyre e a nova história**. Tempo Social; Rev. Social. USP, S. Paulo, 9(2): 1-12, outubro de 1997.

CALHEIROS, K. R. J. de M. A cura através da fé: Um olhar sobre as benzedeadas/rezadeiras alagoanas. **Revista Fórum Patrimônio: Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável**, v. 9, n. 2, 2018.

CAMARA Y, R; MINGO C, S; CAMARA Y, M, R. **Das Bruxas Medievais às Benzedeadas Atuais: Oralidade como Manutenção da Memória na arte de Curar-** Uma pesquisa exploratória. BOITATÁ, Londrina, n. 22, jul-dez 2016

CAMARGO, M T.L. de A. **As curas mágico-religiosas na medicina popular. Os romeiros de Juazeiro do Norte**. Centro de Estudos da Religião Duglas Teixeira Monteiro USP PUC SP. Sociedade Brasileira de História da Ciência. Disponível em: [file:///C:/Users/jlsc0/Downloads/admin,+As+curas+m%C3%A1gico-religiosa+texto+completo+ABHR+2015%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/jlsc0/Downloads/admin,+As+curas+m%C3%A1gico-religiosa+texto+completo+ABHR+2015%20(1).pdf). Acesso em 09/08/2023

CAMARGO, M. T. L. de A. **A garrafada na medicina popular: uma revisão historiográfica**. Dominguezia, v. 27, n. 1, p. 41–49, 2011.

_____. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros**. São Paulo: Ed. AIMED, 1980.

CASCUDO, L.C. **Meleagro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

CASTRO TEIXEIRA, C. **Benzimento: a resistência em forma de cuidado clama por seu espaço nas políticas públicas de saúde integrativa**. Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste, 9 (20): 41-56, maio a agosto de 2022. ISSN: 235.

CASTRO, R. C. DE Q.; VILLACORTA, G. M. O ofício de benzer como produção de conhecimento no município de Tracuateua – Pa – Amazônia – Brasil. **Nova Revista Amazônica**, v. 9, n. 1, p. 143, 2021.

CHAGAS, M. C. C. et al. A prática de benzimento com uso de plantas na comunidade rural remanescente de quilombo de Furnas do Dionísio. **Multitemas**, n. 35, p. 207–224, 2007.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade, Editora UNESP, 2001.

CHUVA, M. A relevância do Patrimônio Cultural e da Memória. Entrevista ao CNPq. Disponível em: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/cnpq-em-acao/a-relevancia-do-patrimonio-cultural-e-da-memoria>. Acesso 13/08/2023.

_____. **Por uma História da noção de patrimônio cultural no Brasil.** In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília, nº 33, p. 147-165, 2012.

COELHO, M. A. B. **Religiosidade popular:** tradições, práticas e mitos. [s.l.] Universidade Católica Portuguesa, 2017.

COELHO, T. **Dicionário Crítico de Política Cultural.** São Paulo: ILUMINURAS: FAPESP, 1999.

COSTA, W. **Benedeiras de comunidades negras de AL mantêm tradição da cura pela fé.** Disponível em: <<https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2014/08/benedeiras-de-comunidades-negras-de-al-mantem-tradicao-da-cura-pela-fe.html>>. Acesso em: 13 set. 2022.

CUNHA, C. G. **A prática da benedeira: memória e tradição oral em terras mineiras.** [s.l.] Universidade Federal de Ouro Preto, 2018.

CUNHA, D. F. S. **Patrimônio cultural:** proteção legal e constitucional. Rio de Janeiro: Letra Legal, 2004.

DEL PRIORE, M. **Magia e medicina na Colônia:** o corpo feminino. In: Del Priore, Mary; Bassanezi, Carla. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2001. p.78-114.

DIAS, V. F. et al. Saberes e Fazeres Quilombolas da Comunidade Kalunga do Prata Goiás: As benedeiras, seus benzimentos e suas contribuições para a educação do campo. **Facit Business and Technology**, v. 2, n. 1, p. 55–83, 2017.

DOMINGOS, L. T. **A complexidade da dimensão religiosa da medicina Africana tradicional.** Caicó, v. 15, n. 34, p. 167-189, jan./jul. 2015. Dossiê Religiões Afro-brasileiras. P.167:186

DUARTE, L. F. D. **Processo de Registro de Patrimônio Imaterial:** Ofício das paneleiras de Goiabeiras. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Parecer expedido em 15/11/2002. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=359>.

DURKHEIM, É. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FERREIRA, M. L. M. Políticas da Memória, Políticas do Esquecimento. **Revista Aurora**, 10, 2011.

FERRETTI, S. **Sincretismo e Hibridismo na Cultura Popular.** R. Pós Ci. Soc. v.11, n.21, jan/jun. 2014.

FRANÇA NETO, J. I. **Rezas de olhado e quebrante**: aspectos simbólicos e performáticos. *Cronos*, v. 15, n. 2, p. 114–132, 2014.

GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: Edusp, 1997.

GELESK, F. Benzedeiras na Ilha de Santa Catarina a partir da perspectiva de Oswaldo Rodrigues Cabral – Fátima Geleski. **Revista Santa Catarina em História - Florianópolis - UFSC**, v. v.8, n.1, n. ISSN 1984-3968, p. 150–160, 2014.

GERMINIANI, H. **Profissionais do sagrado**: sobre a correspondência entre religião, magia e consumo no fenômeno da benzeção. [s.l.] Universidade Federal de Juiz de Fora, 2000.

GOMES, N. P. M.; PEREIRA, E. A. **Assim se benze em Minas Gerais**: um estudo sobre a cura através da palavra. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

_____. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

HEBERLÊ, M. O. **Um estudo da concepção dos profissionais de saúde sobre as práticas integrativas e complementares em saúde**. Universidade Federal De Santa Maria, 2013.

INGOLD, Timothy. **Estar Vivo: Ensaio sobre Movimento, Conhecimento e Descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

KREZMANN, M.; TAFARODÉ, B. **A benza é fé no amor**. Disponível em: <<https://www.revistaria.net/a-benza-e-fe-no-amor/>>. Acesso em: 14 set. 2022.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão...[et. Al.]. 4ª edição. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1996. MACHADO.

LÉVI-STRAUSS, L. Patrimônio imaterial e diversidade cultural: o novo decreto para a proteção dos bens imateriais. **Revista Tempo Brasileiro**, n. 147, p. 23-27, 2001.

LIMA, C. M. G. DE et al. Pesquisa etnográfica: iniciando sua compreensão. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 4, n. 1, p. 21–30, 1996.

LOYOLA, M. A. **Médicos e curandeiros**: conflito social e saúde. São Paulo: Difel, 1984. (Coleção Corpo e Alma do Brasil).

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, M. C. T. **Cultura popular e desenvolvimentismo em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)**. [s.l.] Universidade de São Paulo, 1998.

MACIEL, M. R. A.; GUARIM NETO, G. Um olhar sobre as benzedeadas de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 1, n. 3, p. 61–77, 2006.

MALINOWSKI, B. C. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **Crime e costume na sociedade selvagem**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

MARÍLIA, G. Consciência Histórica e narrativa no ensino da História: Lições da História? Ideias de professores e alunos de Portugal. **Revista História Hoje**, v. 5, n. 9, p. 76–93, 2016.

MARIN, R. C.; SCORSOLINI-COMIN, F. Desfazendo o “Mau-olhado”: Magia, Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedeadas. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 2, p. 446–460, 2017.

MARTINS, R. CLARINDO, A; CAMPOS, M. **Bruxas, curandeadas e benzedeadas: existências e resistências**. Revista Mosaico. Volume 15 – Nº 23 – Ano 2023.

MATTOS, C. L. G. DE. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

MEDEIROS, R. E. G. et al. **Na simplicidade a complexidade de um cuidar: A atuação da benzedeadas na atenção à saúde da criança**. Physis, v. 23, n. 4, p. 1339–1357, 2013.

MEIRA, A. M. K. Mapeamentos sociais como ferramenta para discussão de políticas públicas para o reconhecimento formal de benzedeadas no Paraná. **Revista Inter-Ação**, v. 43, n. 1, p. 187–201, 2018.

MENDES, D. S.; CAVAS, C. S. T. Benzedeadas e benzedeados quilombolas – construindo identidades culturais. **Interações (Campo Grande)**, v. 19, n. 1, p. 3–14, 2018.

MONTENEGRO, A. T. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 2003.

MOTA, M. R. S. Casas de rezadeiras da cidade de Oeiras, Piauí: O espaço da prática e de patrimônio. **Humana Res**, v. 1, n. 5, p. 59–73, 2022.

NASCIMENTO, D. G.; AYALA, M. I. N. As práticas orais das rezadeiras: Um patrimônio imaterial presente na vida dos itabaianenses. **Nau Literária**, v. 9, n. 2, 2013.

NASCIMENTO, R. F. A. **A benzeção juazeirense**: o sentido da doença num revelar mágico-religioso de cura. Reunião brasileira de antropologia: anais, Natal/RN, 2010. Disponível em: http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1401722381_ARQUIVO_TRABALHOCOMPLETO.RBA.pdf. Acesso em: 13 set. 2022.

NOGUEIRA, L. C.; Versonito, S. M.; TRISTÃO, B. D. O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – O caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil. **Élisée, Rev. Geo. UEG - Goiânia**, v. 1, n. 2, p. 167–181, 2012.

OLIVEIRA, A. F. B. O IPHAN e o seu papel na construção/ampliação do conceito de patrimônio histórico/cultural no Brasil. **Cadernos do CEOM**, v. 21, n. 29, p. 19–38, 2021.

OLIVEIRA, D. P. **O encontro com a história de vida de uma mulher benzedeira**. [s.l.] Universidade Federal de São Carlos, 2018.

OLIVEIRA, E. R. **Doença, cura e benzedura**: um estudo sobre o ofício da benzedeira em campinas. Universidade Estadual de Campinas, 1983.

_____. **O que é benzeção**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, O., PADILHA, M. A. **História, Memória e Benzimentos**. V Congresso Internacional de História, 2011.

PEDROSO, S. F. **A carga cultural compartilhada**: A passagem para a interculturalidade no ensino de português língua estrangeira. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 1999.

PINSKY, C. B. (org). **Fontes históricas**. São Paulo, Contexto, 2008.

PORTUGAL, F. **Rezas, folhas, chás de Rituais dos Orixás**: folhas, sementes, frutos e raízes de uso litúrgico na Umbanda e no Candomblé com uso prático na medicina popular. São Paulo: Ed. Tecnoprint, 1987.

QUINTANA, A. M. **A ciência da benzedura**: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise. São Paulo: EDUSC, 1999.

REISEWITZ, L. **Direito ambiental e patrimônio cultural**: direito à preservação da memória, ação e identidade do povo brasileiro. São Paulo: Juarez de Oliveira, 2004.

ROCHA, P. A. L. **Bruxaria e religiosidade popular**: crenças e práticas ocultas num cotidiano católico. [s.l.] Faculdade de Letras da Universidade de Porto, 2010.

RODRIGUES, F. L. L. **Conceito de patrimônio cultural no Brasil**: do Conde de Galvéias à Constituição Federal de 1988. In: MARTINS, Clerton (Org.). Patrimônio cultural: da memória ao sentido de lugar. São Paulo: Roca, 2006.

SANTOS, E. B. A. Memórias Que Reinscrevem: O Uso da Memória na Reconstrução Identitária do Quilombo Baixa Grande. **Revista Docência e Cibercultura**, v. 3, n. 3, p. 235–245, 2019.

SANTOS, F. V. O ofício das rezadeiras como patrimônio cultural: religiosidade e saberes de cura em Cruzeta na região do Seridó Potiguar. **Revista CPC**, v. 0, n. 8, p. 6, 2009.

SANTOS, L. G. **A inserção das benzedeadas no meio popular (Pires do Rio e Palmelo)**. [s.l.] Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2016.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 29–41, 2007.

SEGOVIA HERRERA, M. **Fatores de risco numa empresa de eletrificação**: uma perspectiva cultural. Universidade Federal de Santa Catarina, 1988.

SGANZERLA, C. M. et al. Aspectos socioeconômicos e culturais de benzedores que utilizam plantas medicinais em suas práticas populares de cura, no Município de Guatambu, Santa Catarina. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 13, p. e451101321538, 2021.

SILVA, A. C. C. **Uma Abordagem Orientada a Features para Representação e Gerenciamento do Patrimônio Cultural Imaterial**: Um Estudo de Caso Baseado no PAMIN. [s.l.] Universidade Federal da Paraíba, 2013.

_____. MAYER, R. E. **Resenha do Livro**: Multimedia Learning, 2ª ed. New York: Cambridge University Press, 2009

SILVA, A. F. O papel das rezadeiras como protagonistas de práticas simbólicas culturais. **Revista Espaço Acadêmico**, p. 31–43, 2021.

SILVA, J. B. **A construção das identidades dos benzedores de São Miguel das Missões/RS a partir de suas memórias e tradições**. Universidade Federal de Pelotas, 2021.

SOUSA, M. C. et al. Cura pela Fé: As Benzedeiras do Cariri Cearense / Healing by Faith: The Benzedeiras of Cariri Cearense. **ID on line. Revista de psicologia**, v. 15, n. 54, p. 323–332, 2021.

SOUZA, L. M. **O diabo e a terra de Santa Cruz – feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

STANGL, A. F. **Gilberto Freire e a Identidade Cultural Pós Moderna**
<https://andrestangl.wordpress.com/2009/09/11/gilberto-freyre-e-a-identidade-cultural-pos-moderna>. Acesso em 01/08/2023.

TELLES, M. F. P. O registro como forma de proteção do patrimônio cultural imaterial. **Revista CPC**, v. 0, n. 4, p. 40, 2007.

THUM, C. **Educação, história e memória: silêncios e reinvenções pomeranas na Serra dos Tapes**. [s.l.] Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.

UNESCO. **Recomendação para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**. Disponível em:
<http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/patrimonio/patrimonioimateria>
[/index_html/mostra_documento](#). Acesso em: 17 set. 2022.

VAZ, V. **As benzedeiras da cidade de Irati: suas experiências com o mundo, e o mundo da benzeção**. [s.l.] Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019.

WOORTMAN E. F. **Da Complementaridade à Dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades “pesqueiras” no Nordeste**. Série Antropologia 111, Brasília, 1992.

ANEXOS

PROMEP
Mestrado Profissional
em Estudos Culturais
Memória e Patrimônio

Câmpus
Cora Coralina



Universidade
Estadual de Goiás



ESTADO
DE GOIÁS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada "MEMÓRIAS, PRÁTICAS E SABERES TRADICIONAIS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL". Meu nome é **Kelenn Souza Lima**, sou mestrand., pesquisadora responsável por esta pesquisa. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubriche todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao(a) pesquisador(a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo(a) pesquisador(a) responsável, via e-mail kelennlima.psi@gmail.com, endereço: Rua Blumenau Qd 46 Lt 06 – Setor Jardim Novo Mundo e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62)981649256. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Estadual de Goiás (CEP-UEG), localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, telefone: (62) 3328-1439, funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h, de segunda a sexta-feira. O contato também poderá ser feito pelo e-mail do CEP-UEG: cep@ueg.br. O Comitê de Ética em Pesquisa é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa com seres humanos, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Os pesquisadores que compõem essa equipe de pesquisa é a pesquisadora principal Kelenn Souza Lima e seu orientador Cristiano Alexandre dos Santos

A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente 30 minutos e a sua participação na pesquisa 1 hora.

Justificativa, objetivos e procedimentos:

O motivo que nos leva a propor esta pesquisa é compreender como o ofício das benzedeira encontra-se atualmente na cidade de Brasília e Goiânia ; e a importância que é dada aos saberes como patrimônio imaterial e valor da cultura popular, como um ofício que atua como medicina popular, compreender como este saber de benzer faz parte de sua vida cotidiana eo que é utilizado nas benzeções, se há algum material, ritos, rezas.

Os procedimentos de coleta de dados serão utilizada a entrevista oral, onde o pesquisador usará uma papel e caneta para algumas anotações, e também utilizará de gravação para a entrevista. A entrevista demandará um tempo aproximado de 1 hora, e será aplicada na casa ou local onde prática a benzeção. Para registro da entrevista utilizaremos de registros fotograficos, sonoros e ou audio visuais da conversa, porem neste documento apresentarei as opções para concessão do uso de sua voz, imagem ou opinião, precisarei que assinale:

() Não permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

() Permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

Em caso de permissão da gravação/obtenção da imagem/voz:

() Permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

() Não permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

Obs.: Orientar o/a participante a rubricar dentro do parêntese com a proposição escolhida.

Av. Dr. Deusdete Ferreira Moura, s/nº, Centro, Cidade de Goiás, Goiás, Brasil (62) 3371-4971



Riscos e formas de minimizá-los:

Os riscos relacionados à participação neste estudo são mínimos em relação a integridade física, e o risco possível pode ser de cunho intelectual, moral e emocional, pois ao trazer memórias pode desencadear emocionalmente alguma memória de sofrimento e tristeza, e isto poderá levar alguma situação de constrangimento decorrente a história relatada. Para evitar e/ou reduzir os riscos de sua participação a entrevistadora acolherá a participante caso a participante não se sinta confortável em continuar a entrevista o entrevistador interromperá a entrevista.

Assistência:

Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa.

Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação na entrevista a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo.

Benefícios:

Esta pesquisa terá como benefícios a visibilidade dos detentores de saberes dentro da nossa cultura, assim também para futuros estudos sobre medicina popular, religiosidade, cultura, patrimônio imaterial.

Sigilo, privacidade e guarda do material coletado:

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo digital, sob nossa guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será picotado e/ou reciclado e todas as mídias apagadas.

Indenização:

Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo como este será ressarcido por mim, pesquisador responsável.

Em qualquer etapa do estudo você poderá entrar em contato comigo, pesquisador(a) responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

Os resultados da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, nós disponibilizaremos nosso número de celular e e-mail para contato.

Declaração do(a) Pesquisador(a) Responsável

Eu, pesquisador(a) responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.



Declaração do(a) Participante

Eu, MÁRCIA FRANCO CUSTÓDIO abaixo assinado, discuti com o pesquisador(a) Keleenn Souza Lima sobre a minha decisão em participar como voluntário(a) do estudo. **“MEMÓRIAS, PRÁTICAS E SABERES TRADICIONAIS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL”**. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Brasília, 15 de agosto de 2023.

Márcia Franco Custódio

Assinatura do(a) participante de pesquisa/Responsável legal

Data: 15/08/23

Keleenn Souza Lima

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Data: 15/08/2023

Modelo para coleta da(s) assinatura(s) de participante sem letramento.





TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada **“MEMÓRIAS, PRÁTICAS E SABERES TRADICIONAIS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL”**. Meu nome é **Keleenn Souza Lima**, sou mestranda., pesquisadora responsável por esta pesquisa. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubriche todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao(a) pesquisador(a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo(a) pesquisador(a) responsável, via e-mail kelennlima.psi@gmail.com, endereço: Rua Blumenau Qd 46 Lt 06 – Setor Jardim Novo Mundo e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62)981649256. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Estadual de Goiás (CEP-UEG), localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, telefone: (62) 3328-1439, funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h, de segunda a sexta-feira. O contato também poderá ser feito pelo e-mail do CEP-UEG: cep@ueg.br. O Comitê de Ética em Pesquisa é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa com seres humanos, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Os pesquisadores que compõem essa equipe de pesquisa é a pesquisadora principal Keleenn Souza Lima e seu orientador Cristiano Alexandre dos Santos

A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente 30 minutos e a sua participação na pesquisa 1 hora.

Justificativa, objetivos e procedimentos:

O motivo que nos leva a propor esta pesquisa é compreender como o ofício das benzedeira encontra-se atualmente na cidade de Brasília e Goiânia ; e a importância que é dada aos saberes como patrimônio imaterial e valor da cultura popular, como um ofício que atua como medicina popular, compreender como este saber de benzer faz parte de sua vida cotidiana eo que é utilizado nas benzeções, se há algum material, ritos, rezas.

Os procedimentos de coleta de dados serão utilizada a entrevista oral, onde o pesquisador usará uma papel e caneta para algumas anotações, e também utilizará de gravação para a entrevista. A entrevista demandará um tempo aproximado de 1 hora, e será aplicada na casa ou local onde prática a benzeção. Para registro da entrevista utilizaremos de registros fotograficos, sonoros e ou audio visuais da conversa, porem neste documento apresentarei as opções para concessão do uso de sua voz, imagem ou opinião, precisarei que assinale:

() Não permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

() Permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

Em caso de permissão da gravação/obtenção da imagem/voz:

() Permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

() Não permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

Obs.: Orientar o/a participante a rubricar dentro do parêntese com a proposição escolhida.



Riscos e formas de minimizá-los:

Os riscos relacionados à participação neste estudo são mínimos em relação à integridade física, e o risco possível pode ser de cunho intelectual, moral e emocional, pois ao trazer memórias pode desencadear emocionalmente alguma memória de sofrimento e tristeza, e isto poderá levar alguma situação de constrangimento decorrente da história relatada. Para evitar e/ou reduzir os riscos de sua participação a entrevistadora acolherá a participante caso a participante não se sinta confortável em continuar a entrevista o entrevistador interromperá a entrevista.

Assistência:

Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa.

Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação na entrevista a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo.

Benefícios:

Esta pesquisa terá como benefícios a visibilidade dos detentores de saberes dentro da nossa cultura, assim também para futuros estudos sobre medicina popular, religiosidade, cultura, patrimônio imaterial.

Sigilo, privacidade e guarda do material coletado:

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo digital, sob nossa guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será picotado e/ou reciclado e todas as mídias apagadas.

Indenização:

Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo como este será ressarcido por mim, pesquisador responsável.

Em qualquer etapa do estudo você poderá entrar em contato comigo, pesquisador(a) responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

Os resultados da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, nós disponibilizaremos nosso número de celular e e-mail para contato.

Declaração do(a) Pesquisador(a) Responsável

Eu, pesquisador(a) responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.



Declaração do(a) Participante

Eu, SABRINA NEGRÍ BELLO SILVA abaixo assinado, discuti com o pesquisador(a). Keleenn Souza Lima sobre a minha decisão em participar como voluntário(a) do estudo. "MEMÓRIAS, PRÁTICAS E SABERES TRADICIONAIS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL". Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Brasília, 24 de maio de 2023.

Assinatura do(a) participante de pesquisa/Responsável legal

Data: 24 / 05 / 2023

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Data: 24 / 05 / 2023

Modelo para coleta da(s) assinatura(s) de participante sem letramento.





TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**MEMÓRIAS, PRÁTICAS E SABERES TRADICIONAIS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL**”. Meu nome é **Kelenn Souza Lima**, sou mestrand(a), pesquisadora responsável por esta pesquisa. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubrique todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao(a) pesquisador(a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo(a) pesquisador(a) responsável, via e-mail kelennlima.psi@gmail.com, endereço: Rua Blumenau Qd 46 Lt 06 – Setor Jardim Novo Mundo e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62)981649256. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Estadual de Goiás (CEP-UEG), localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, telefone: (62) 3328-1439, funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h, de segunda a sexta-feira. O contato também poderá ser feito pelo e-mail do CEP-UEG: cep@ueg.br. O Comitê de Ética em Pesquisa é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa com seres humanos, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Os pesquisadores que compõem essa equipe de pesquisa é a pesquisadora principal Kelenn Souza Lima e seu orientador Cristiano Alexandre dos Santos

A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente 30 minutos e a sua participação na pesquisa 1 hora.

Justificativa, objetivos e procedimentos:

O motivo que nos leva a propor esta pesquisa é compreender como o ofício das benzedeira encontra-se atualmente na cidade de Brasília ; e a importância que é dada aos saberes como patrimônio imaterial e valor da cultura popular, como um ofício que atua como medicina popular, compreender como este saber de benzer faz parte de sua vida cotidiana eo que é utilizado nas benzeções, se há algum material, ritos, rezas.

Os procedimentos de coleta de dados serão utilizada a entrevista oral, onde o pesquisador usará uma papel e caneta para algumas anotações, e também utilizará de gravação para a entrevista. A entrevista demandará um tempo aproximado de 1 hora, e será aplicada na casa ou local onde prática a benzeção. Para registro da entrevista utilizaremos de registros fotográficos, sonoros e ou audio visuais da conversa, porem neste documento apresentarei as opções para concessão do uso de sua voz, imagem ou opinião, precisarei que assinale:

() Não permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

() Permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

Em caso de permissão da gravação/obtenção da imagem/voz:

() Permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

() Não permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

Obs.: Orientar o/a participante a rubricar dentro do parêntese com a proposição escolhida.



Riscos e formas de minimizá-los:

Os riscos relacionados à participação neste estudo são mínimos em relação à integridade física, e o risco possível pode ser de cunho intelectual, moral e emocional, pois ao trazer memórias pode desencadear emocionalmente alguma memória de sofrimento e tristeza, e isto poderá levar alguma situação de constrangimento decorrente da história relatada. Para evitar e/ou reduzir os riscos de sua participação a entrevistadora acolherá a participante caso a participante não se sinta confortável em continuar a entrevista o entrevistador interromperá a entrevista.

Assistência:

Se você sentir qualquer desconforto é assegurada assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa.

Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação na entrevista a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo.

Benefícios:

Esta pesquisa terá como benefícios a visibilidade dos detentores de saberes dentro da nossa Cultura, assim também para futuros estudos sobre medicina popular, religiosidade, cultura, patrimônio imaterial.

Sigilo, privacidade e guarda do material coletado:

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo digital, sob nossa guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será picotado e/ou reciclado e todas as mídias apagadas.

Indenização:

Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo como este será ressarcido por mim, pesquisador responsável.

Em qualquer etapa do estudo você poderá entrar em contato comigo, pesquisador(a) responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

Os resultados da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, nós disponibilizaremos nosso número de celular e email para contato

Declaração do(a) Pesquisador(a) Responsável

Eu, pesquisador(a) responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.



Declaração do(a) Participante

Eu, Joana D'Arcy de Miranda..... abaixo assinado, discuti com o pesquisador(a). Kelelln Souza Lima sobre a minha decisão em participar como voluntário(a) do estudo. "MEMÓRIAS, PRÁTICAS E SABERES TRADICIONAIS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL". Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Goiânia, 03 de agosto de 2023.

Joana D'Arcy de Miranda

Assinatura do(a) participante de pesquisa/Responsável legal

Data: 03/08/2023

Kelelln Souza Lima

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Data: 03/08/2023

Modelo para coleta da(s) assinatura(s) de participante sem letramento.





TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Você/Sr./Sra. está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**MEMÓRIAS, PRÁTICAS E SABERES TRADICIONAIS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL**”. Meu nome é **Kelenn Souza Lima**, sou mestrand(a), pesquisadora responsável por esta pesquisa. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, rubrique todas as páginas e assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao(a) pesquisador(a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo(a) pesquisador(a) responsável, via e-mail kelenlima.psi@gmail.com, endereço: Rua Blumenau Qd 46 Lt 06 – Setor Jardim Novo Mundo e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, acrescentando o número 9090 antes do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (62)981649256. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Estadual de Goiás (CEP-UEG), localizado no Prédio da Administração Central, BR 153, Km 99, Anápolis/GO, CEP: 75132-903, telefone: (62) 3328-1439, funcionamento: 8h às 12h e 13h às 17h, de segunda a sexta-feira. O contato também poderá ser feito pelo e-mail do CEP-UEG: cep@ueg.br. O Comitê de Ética em Pesquisa é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinado ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa com seres humanos, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Os pesquisadores que compõem essa equipe de pesquisa é a pesquisadora principal Kelenn Souza Lima e seu orientador Cristiano Alexandre dos Santos

A leitura desse TCLE deve levar aproximadamente 30 minutos e a sua participação na pesquisa 1 hora.

Justificativa, objetivos e procedimentos:

O motivo que nos leva a propor esta pesquisa é compreender como o ofício das benzedeira encontra-se atualmente na cidade de Brasília ; e a importância que é dada aos saberes como patrimônio imaterial e valor da cultura popular, como um ofício que atua como medicina popular, compreender como este saber de benzer faz parte de sua vida cotidiana eo que é utilizado nas benzeções, se há algum material, ritos, rezas.

Os procedimentos de coleta de dados serão utilizada a entrevista oral, onde o pesquisador usará uma papel e caneta para algumas anotações, e também utilizará de gravação para a entrevista. A entrevista demandará um tempo aproximado de 1 hora, e será aplicada na casa ou local onde prática a benzeção. Para registro da entrevista utilizaremos de registros fotograficos, sonoros e ou audio visuais da conversa, porem neste documento apresentarei as opções para concessão do uso de sua voz, imagem ou opinião, precisarei que assinale:

() Não permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

() Permito a gravação/obtenção da minha imagem/voz.

Em caso de permissão da gravação/obtenção da imagem/voz:

() Permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

() Não permito a divulgação da minha imagem/voz nos resultados publicados da pesquisa.

Obs.: Orientar o/a participante a rubricar dentro do parêntese com a opção escolhida.



Riscos e formas de minimizá-los:

Os riscos relacionados à participação neste estudo são mínimos em relação à integridade física, e o risco possível pode ser de cunho intelectual, moral e emocional, pois ao trazer memórias pode desencadear emocionalmente alguma memória de sofrimento e tristeza, e isto poderá levar alguma situação de constrangimento decorrente da história relatada. Para evitar e/ou reduzir os riscos de sua participação a entrevistadora acolherá a participante caso a participante não se sinta confortável em continuar a entrevista o entrevistador interromperá a entrevista.

Assistência:

Se você sentir qualquer desconforto é assegurado assistência imediata e integral de forma gratuita, para danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios de qualquer natureza, decorrentes de sua participação na pesquisa.

Caso você se sinta desconfortável por qualquer motivo, poderemos interromper a sua participação na entrevista a qualquer momento e esta decisão não produzirá penalização ou prejuízo.

Benefícios:

Esta pesquisa terá como benefícios a visibilidade dos detentores de saberes dentro da nossa cultura, assim também para futuros estudos sobre medicina popular, religiosidade, cultura, patrimônio imaterial.

Sigilo, privacidade e guarda do material coletado:

Não há necessidade de identificação, ficando assegurados o sigilo e a privacidade. Você poderá solicitar a retirada de seus dados coletados a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem prejuízo. Os dados coletados nesta pesquisa serão guardados em arquivo digital, sob nossa guarda e responsabilidade, por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Após esse período, o material obtido será picotado e/ou reciclado e todas as mídias apagadas.

Indenização:

Se você sofrer qualquer tipo de dano resultante de sua participação na pesquisa, previsto ou não no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tem direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

Você não receberá nenhum tipo de compensação financeira por sua participação neste estudo, mas caso tenha algum gasto decorrente do mesmo como este será ressarcido por mim, pesquisador responsável.

Em qualquer etapa do estudo você poderá entrar em contato comigo, pesquisador(a) responsável, para esclarecimentos de eventuais dúvidas.

Os resultados da sua participação poderão ser consultados por você a qualquer momento, para isso, nós disponibilizaremos nosso número de celular e e-mail para contato.

Declaração do(a) Pesquisador(a) Responsável

Eu, pesquisador(a) responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima e que o participante terá acesso, se necessário, à assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido à sua participação neste estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. O participante poderá sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a buscar indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder. Declaro também que a coleta de dados somente será iniciada após a aprovação do protocolo pelo sistema CEP/CONEP.



Declaração do(a) Participante

Eu, Mel de Oliveira Duarte..... abaixo assinado, discuti com o pesquisador(a). Kelenn Souza Lima sobre a minha decisão em participar como voluntário(a) do estudo. “MEMÓRIAS, PRÁTICAS E SABERES TRADICIONAIS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL”. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

Goiânia, de 04/08 de 2023.

Mel de Oliveira Duarte

Assinatura do(a) participante de pesquisa/Responsável legal

Data: 04, 08, 2023

Kelenn Souza Lima

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Data: 04/08/2023

Modelo para coleta da(s) assinatura(s) de participante sem letramento.

